



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE

E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

**AS FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO
DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR**

ROSANE MARIZETI BRUM VARGAS

MANAUS – AM

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE
E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

ROSANE MARIZETI BRUM VARGAS

**AS FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS: UMATRANSFORMAÇÃO
DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, na Linha de Pesquisa Dinâmicas Socioambientais, como requisito final para obtenção do grau de mestre.

**Orientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coorientadora: Prof.^a Dra. Albejamere Pereira Castro**

**MANAUS - AMAZONAS
2015**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V297a Vargas, Rosane Marizeti Brum
As Feiras de Produtos Regionais: uma transformação no habitus da mulher agricultora familiar / Rosane Marizeti Brum Vargas. 2015
160 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coorientadora: Albejamere Pereira de Castro
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. mulher camponesa. 2. gênero . 3. comercialização. 4. feiras . 5. amazonia. I. Fraxe, Therezinha de Jesus Pinto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ROSANE MARIZETI BRUM VARGAS

**AS FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO
DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, na Linha de Pesquisa Dinâmicas Socioambientais, como requisito final para obtenção do grau de mestre.

Aprovado em: 27 de abril de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe - UFAM

Prof.^a Dra. Albejamere Pereira Castro – UFAM

Prof.^a Dr. Nailson Celso da Silva Nina – UFAM

Prof.^a Dra. Marinete Silva Vasques - NUSEC

Ao meu esposo José Vargas e minha filha
Victória pelo apoio, carinho e
compreensão. Aos meus pais Zaira
e Ararino pelo amor incondicional e
os conselhos para a vida.

Dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

A Deus, supremo criador do universo, aos meus antepassados, por guiarem meus passos nesta caminhada, estando sempre presentes. Muito obrigada.

A minha orientadora Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe por fazer parte deste trecho da minha vida com sua aura iluminada, pela paciência e sabedoria mostrando-me os desafios, o amor e o respeito pelos povos da floresta. Pela confiança e amizade.

As professoras Dra. Albejamere Castro, pelas relevantes contribuições, aprendizado constante, apoio, orientação e amizade. E, Jozane Lima Santiago, pelo apoio, amizade e encorajamento nas horas mais difíceis durante o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia (PPCASA) e aos seus professores pela contribuição para a obtenção deste título. À Fernanda Mendes Miranda por sua presença amiga na secretaria do CCA.

A ADS, na pessoa de seu Diretor Luís Otávio pela acolhida à minha pesquisa e as relevantes contribuições.

A UFAM por possibilitar o aperfeiçoamento de minha formação acadêmica e a oportunidade de conviver e aprender com as mulheres da floresta.

Ao CNPQ pelo auxílio de bolsa no último ano de mestrado.

Aos colegas que compõem o NUSEC/UFAM, Dra. Marinete Vásquez, por contribuírem com meu trabalho, pelos sorrisos encorajadores e as atenções dispensadas.

Ao meu marido, José Nilton Vargas, pelo carinho, cuidado, auxílio nas pesquisas, compreensão e contribuição durante a jornada atribulada deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado em especial ao grupo do “café ambiental”, Priscila, Roosevelt, Vilsélia, Cinthia, Eliana e Anderson Lincoln, pela acolhida, companhia, alegria de seus sorrisos, trocas intelectuais, amizade, muitos cafés, etc.

Mais uma vez agradeço em destaque aos amigos Priscila, Roosevelt e sua esposa Nivea, irmãos de jornada, pelo carinho, apoio, dedicação, amparo nos momentos difíceis e muito mais. Sem vocês com certeza teria sido bem mais difícil.

A Elody Menezes, pela amizade, sabedoria, carinho e apoio na revisão dos textos.

Enfim, a todos os feirantes do CIGS e CASSAM, às mulheres camponesas pela confiança, carinho e amizade, pelas trocas culturais e por me receberem em seu grupo e em suas famílias. MUITO OBRIGADA!!!

Os
homens fazem sua própria história, mas não a
fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim
sob aquelas com que se defrontam
diretamente, legadas e transmitidas pelo
passado...

Karl Marx

RESUMO GERAL

A pesquisa trata da compreensão das mudanças do *habitus* na vida das mulheres agricultoras amazônicas que comercializam nas feiras regionais em Manaus/AM, nos últimos cinco anos. Estas Feiras decorrentes de uma política pública de desenvolvimento sustentável para a agricultura familiar, do governo do Estado Amazonas. Estuda as mulheres camponesas das feiras de produtos regionais do CIGS e CASSAM, ambas localizadas em Organizações Militares (OMs) do Exército e Aeronáutica. Através da abordagem sistêmica foi aplicado o método etnográfico permeado com a observação ambiental, utilizando como ferramentas a observação participante, formulários e entrevistas, este estudo permitiu inferir que as feiras de produtos regionais, vêm mudando a vida de algumas mulheres agricultoras e de suas famílias. O estudo descortina os modos de vida das pesquisadas, revela a jornada intensa de trabalho, o processo de criação e dinâmica das feiras, sua influência socioeconômica e cultural, aborda questões de gênero. Todo o processo interpretado à luz da categoria de análise do *habitus*, de Pierre Bourdieu. As feiras criaram um espaço aonde o papel da mulher vem sofrendo alterações nas relações sociais e familiares, aumentando a renda e a dignidade, passando a ter reconhecimento.

Palavras – chave: Mulher camponesa, comercialização, mudanças sociais, Amazônia.

ABSTRACT

The purpose of this research is the understanding of the changes of the habitus in the lives of rural women Amazon sell them in regional fairs in Manaus - AM, over the last five years. These Fairs arising from a public policy for sustainable development for the family farming, the government of Amazonas State. Studying women peasant fairs regional products of CIGS and ROB, both located in Military Organizations (who) of the Army and Air Force.

Through the systemic approach has been applied the method ethnographic permeated with the environmental observation, using tools such as participant observation, forms, and interviews, this study allowed us to infer that the fairs of regional products, has been changing the lives of some women farmers and their families.

The study uncovers the ways of life of researched, reveals the journey of intense work, the process of creation and dynamics of fairs, their influence cultural and socioeconomic deals with issues of gender. The whole process interpreted in the light of class analysis of habitus, Pierre Bourdieu. The fairs have created a space where the role of the woman is experiencing changes in social and family relationships, increasing income and dignity, to have recognition.

Keywords: Campesino woman, trading, social changes, Amazônia.

LISTA DE FIGURAS

MATERIAL E MÉTODOS GERAL

Figura 1 - Mapa cidade de Manaus por zonas. 2015 19

CAPITULO I - FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS EM MANAUS– AM: um instrumento de inclusão social e sustentabilidade para mulheres agricultoras familiares

Figura 1: Imagens das feiras de produtos regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2015.	29
Figura 2: Mapa cidade de Manaus por Zonas. Fonte: Manaus online 2013	34
Figura 3: Família no plantio de mudas de hortaliças em jiraus (canteiros suspensos), na várzea. Manacapuru/AM.	37
Figura 4: Plantio de hortaliças em terra firme. Ao fundo cultivo em plasticultura. Iranduba/AM.	38
Figura 5: Comunidade típica de Várzea do Rio Solimões. Manacapuru/AM.	39
Figura 6: Entrevistadas no plantio de hortaliças. Comunidade N. Sra. Perpétuo do Socorro. Iranduba/AM	40
Figura 7 - Mulheres feirantes agricultoras no plantio de hortaliças, acompanhada de filho e neto. Rio Preto da Eva/AM (à esquerda) e Iranduba/AM (à direita)	41
Figura 8: Agricultora familiar realizando o transporte de melancia, de barco, para comercialização nas feiras em Manaus. Manacapuru/AM.	43
Figura. 9: Fatores envolvidos no processo produtivo na agricultura da várzea do rio Amazonas-Solimões (adaptado de Noda 2007)	44
Figura 10: Feirante com o filho na Feira do CIGS. Manaus/AM.	46
Figura 11: Fachada da feira do CIGS. Manaus/AM.	47
Figura 12: Fachada da feira da Marinha, Distrito Industrial. Manaus/AM	50
Figura 13: Feira do CASSAM. Manaus/AM.	51
Figura 14: Estruturas de Apoio aos feirantes presentes nas feiras do CASSAM e CIGS citado pelos entrevistados. Manaus/AM.	52
Figura 15: Feira de produtos regionais do CIGS – Manaus/AM.	55
Figura 16: Antes do amanhecer na Feira do CIGS. Manaus/AM 2014	58
Figura 17: Feira de Produtos Regionais, Cidade Nova. Manaus/AM.	59

Figura 18: Feira de Produtos Regionais do Comando da Policia Militar. Manaus/AM.2013	60
Figura 19: Feira de produtos Regionais do CASSAM. Manaus/AM. 2013.	64
Figura 20: Percentual de percepção sobre os benefícios da feira de produtos regionais (CIGS e CASSAM). Manaus/AM.	65
Figura 21: Percentual das dificuldades da comercialização citadas pelas feirantes das Feiras do CIGS e CASSAM. Manaus/AM.	65

CAPITULO II - O MODO DE VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES DE MANAUS

Figura 1: Imagem do cotidiano e feira das mulheres que comercializam nas feiras de produtos regionais. Manaus/AM. 2014.	71
Figura 2: Região metropolitana de Manaus. Fonte: Manaus online. 2013	82
Figura 3: Municípios de moradia e produção das mulheres agricultoras que trabalham como feirantes em Manaus/AM. 2014.	82
Figura 4: Distribuição por faixa etária das mulheres agricultoras feirantes que comercializam nas Feiras de produtos regionais em Manaus/AM. 2014.	83
Figura 5: Distribuição das mulheres feirantes regionais segundo o nível escolar. Manaus/AM. 2014	84
Figura 6: Distribuição segundo o estado civil das mulheres agricultoras feirantes. Manaus/AM. 2014	85
Figura 7: Distribuição em percentuais das mulheres agricultoras feirantes de acordo com a atividade exercida antes das feiras de produtos regionais. Manaus/AM	86
Figura 8: Mulheres agricultoras familiares feirantes, ao final do trabalho da feira. Manaus/AM.2013.	88
Figura 9: Mulheres agricultoras, após trabalho da feira. Manaus/AM. 2013.	89
Figura 10: Agricultora Feirante. Feira do CIGS, Manaus/AM. 2014.	92
Figura 11: Agricultoras Feirantes. Feira do CASSAM, Manaus /AM. 2014	93
Figura 12: Distribuição da tipologia familiar das mulheres agricultoras feirantes. Manaus/ AM.2014.	94
Figura 13: Agricultora feirante auxiliada pelos netos, R. (Rio Preto da Eva/AM), Feira do CIGS, 2014. Manaus/AM.	95

Figura 14: Agricultora feirante, D. (Iranduba/AM) acompanhada da filha durante a Feira do CASSAM. Manaus /AM. 2014	96
Figura 15: Agricultora feirante (várzea de Manacapuru/AM) auxiliada pelo companheiro, na Feira do CASSAM. Manaus/AM. 2014	96
Figura 16: Agricultora na feira do CIGS. Manaus/AM. 2014.	98
Figura 17: Agricultora feirante (várzea de Manacapuru/AM). Feira do CASSAM na sexta feira a noite.2014.....	98
Figura 18: Imagem de uma feirante, dormindo sobre pallets, às vésperas da feira. CASSAM. Manaus/AM. 2014	99
Figura 19: Feirante se aprontando para dormir, ente pallets e bancas, às vésperas da feira. CASSAM. Manaus/AM. 2014.....	99
Figura 20: Distribuição percentual da renda semanal das mulheres agricultoras por feira de produto regional. Manaus/AM. 2014	100
Figura 21: Plantio de hortaliças com o uso de plasticultura e hidroponia, propriedade da entrevistada 3 na tabela anterior. Iranduba/AM.2014	101
Figura 22: Distribuição percentual das fontes de renda familiar das mulheres feirantes. Manaus/AM. 2001.	102
Figura 23: Moradia de uma agricultora feirante (terra firme). Município de Iranduba/AM. 2014.....	105
Figura 24: Moradia na várzea do Rio Solimões. Ao centro Igreja, escola e salão de festa, nas laterais duas moradias uma à direita e outra à esquerda. Comunidade São Raimundo. Manacapuru/AM. 2014.	107
Figura 25: Moradia de uma feirante de terra firme, e plantio de hortaliças com utilização de plasticultura. Iranduba/AM. 2014.	107
Figura 26: R.F., agricultora feirante, moradora da várzea em Manacapuru/AM. Comunidade de São Raimundo. 2014.	108

CAPITULO III – A TRANSFORMAÇÃO DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR DO AMAZONAS

Figura 1: Agricultoras familiares comercializando nas Feiras Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2013.	114
--	-----

LISTA DE TABELAS

CAPITULO I - FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS EM MANAUS– AM: um instrumento de inclusão social e sustentabilidade para mulheres agricultoras familiares

Tabela 1: Feiras de produtos Regionais do CIGS e CASSAM, feirantes cadastrados (2013). Manaus/AM.	53
Tabela 2: Dados Gerais da Feira do CIGS em Manaus/AM 2008-2013.....	57
Tabela 3: Ganho médio por família beneficiada 2008-2012(R\$). Feira do CIGS, Manaus/AM	57
Tabela 4: Dados Gerais da Feira do CASSAM realizadas em Manaus/AM 2012-2013.	61
Tabela 5: Ganho médio por família beneficiada 2012-2013 (R\$). Feira do CASSAM, Manaus/AM.	62
Tabela 6: Demonstrativo da evolução das Feiras do CIGS e CASSAM e de seus resultados Manaus/AM.	66

CAPITULO II - O MODO DE VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES DE MANAUS

Tabela 1: Tempo de atividade das mulheres agricultoras, como feirante, tempo nas feiras do CIGS e CASSAM. Manaus – AM. 2014.	88
Tabela 2: Dados sobre tamanho da área explorada e renda das mulheres agricultoras feirantes. Feiras de produtos regionais. Manaus/AM.	101
Tabela 3: Fatores para incremento da renda segundo a percepção das mulheres agricultoras familiares feirantes. Manaus/AM. 2014	104
Tabela 4: Dados da habitação das mulheres agricultoras. Manaus/AM.2014.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Produtos comercializados, por município, nas Feiras Regionais. Manaus/AM.2013.	54
---	----

LISTA DE SIGLAS

ADS – Agencia de Desenvolvimento Sustentável do Governo do Estado do Amazonas.

AIAF- Ano Internacional da Agricultura Familiar (ONU).

CASSAM - Cassino dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus. (OM)

COMAR – Comando Aéreo Regional.

CIGS- Centro de Instrução de Guerra na Selva. (OM)

EB – Exército Brasileiro.

IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (OEA).

OM – Organização Militar.

OEA - Organização dos Estados Americanos.

ONU - Organização das Nações Unidas.

SEPROR – Secretaria Estadual da Produção Rural (Amazonas).

SUMÁRIO

RESUMO GERAL	VIII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO GERAL	17
MATERIAL E MÉTODO GERAL	19
REFERÊNCIAS	27

CAPITULO I - FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS EM MANAUS– AM: um instrumento de inclusão social e sustentabilidade para mulheres agricultoras familiares

RESUMO	30
ABSTRACT	30
INTRODUÇÃO	31
METODOLOGIA	33
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

CAPITULO II - O MODO DE VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES DE MANAUS

RESUMO	72
ABSTRACT	72
INTRODUÇÃO	73
METODOLOGIA	75
RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	110

CAPITULO III – A TRANSFORMAÇÃO DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR DO AMAZONAS

RESUMO	114
ABSTRACT	114
INTRODUÇÃO	115
M ETODOLOGIA	116
RESULTADOS E DISCUSSÕES	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE I – Termo de Anuência.....	132
APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	133
APÊNDICE III – Termo de Autorização de Utilização de Imagem e Som de Voz ...	135
APÊNDICE IV – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	136
APÊNDICE V – Formulário	138
ANEXO 1 – Calendário feira da aeronáutica (CASSAM). 2013.Manaus/AM.	158
ANEXO 2 – Calendário feira do CIGS (CASSAM). 2013.Manaus/AM.	158
ANEXO 3 – Imagens do cotidiano das mulheres feirantes: moradia, na feira, com a família, etc. 2014. Manaus/AM. 2014.	159
ANEXO 4 – Imagens do plantio de hortaliças nas propriedades das mulheres agricultoras feirantes. Amazonas.2014	159
ANEXO 5 – Imagens das feirantes nas Feiras de Produtos Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2014.	160
ANEXOS 6 - Imagens das feirantes nas Feiras de Produtos Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2014.	160

INTRODUÇÃO GERAL

O tema proposto “As feiras de produtos regionais: uma transformação do *habitus* na mulher agricultora familiar”, trata da compreensão das mudanças do *habitus* na vida das mulheres agricultoras amazônicas que comercializam nas feiras regionais em Manaus/AM, nos últimos cinco anos. Essas, decorrentes de uma política pública de desenvolvimento sustentável para a agricultura familiar, do governo do Estado do Amazonas. A pesquisa está delimitada a duas feiras, localizadas em organizações militares (OMs): Feira do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva) e Feira da Aeronáutica ou CASSAM (Cassino dos suboficiais e sargentos da Aeronáutica de Manaus).

Ao ingressarmos periodicamente nos espaços reservados as feiras e circular entre suas bancas como consumidoras, percebemos uma dinâmica diferenciada de outras feiras livres, o que nos instigou a pergunta de partida “qual a influência socioeconômica e cultural destas feiras na vida das mulheres agricultoras familiares?” E desta, a um estudo mais aprofundado, com observação participante onde aos poucos e com os cuidados de quem chega de fora fomos entrando, aprendendo, nos envolvendo e mesmo sem nos descuidarmos dos procedimentos metodológicos, sem que percebêssemos nos tornamos parte do grupo pesquisado. Assim surgiu a dissertação ora apresentada.

Pretende-se com esta pesquisa refletir sobre as origens das atrizes sociais, o contexto econômico em que vivem, seus modos de vida e as mudanças nos seus costumes, gostos, comportamentos de reinvenção da vida (*habitus*), o que representa esta feira de produtos regionais para essas mulheres camponesas do Amazonas. Foi escolhido um público alvo de dez mulheres representando as duas feiras, com alguns critérios de inclusão pré-definidos: maiores de idade, com mais de um ano de feira, alfabetizada e que participassem de todo o processo da produção, desde o plantio até sua comercialização na feira.

O tema do trabalho proposto teve como referencial teórico principal conceitos como a agricultura familiar, agricultura familiar na Amazônia, feiras, gênero e *habitus*. Utilizou-se o método etnográfico permeado com a percepção ambiental, numa abordagem sistêmica, interpretados à luz da categoria de análise do *habitus*, de Pierre Bourdieu.

A dissertação está distribuída em metodologia geral, uma introdução seguida de três capítulos apresentados em forma de artigos e as considerações finais.

O primeiro capítulo procura discutir o processo de criação das “Feiras de Produtos Regionais” em Manaus, sua importância e resultados como uma política pública de sustentabilidade para as mulheres agricultoras do Amazonas. A priori será realizado a contextualização sobre a agricultura familiar no Amazonas, o papel da mulher, a racionalidade econômica e a comercialização, seguido de uma explanação sobre a criação, dinâmica, evolução e importância das feiras de produtos regionais revelando os benefícios socioeconômicos destas.

O segundo capítulo discute, identifica e revela o modo de vida das mulheres agricultoras feirantes de Manaus, na vida privada e na feira. A compreensão das relações socioeconômicas e culturais estabelecidas entre gêneros, as relações de poder que atravessam o trabalho dessas mulheres, bem como o conhecimento de suas dificuldades enfrentadas no dia a dia, são ações que em muito poderão contribuir para o reconhecimento do trabalho das mulheres e a implementação de políticas públicas no campo com enfoque de gênero.

O terceiro capítulo propõe discutir a transformação do *habitus* “nas mulheres agricultoras depois da participação nas feiras regionais”, estuda e revela a vida destas mulheres **antes** de comercializarem os produtos da agricultura familiar na feira e **depois**, as mudanças ocorridas, aqui, as pesquisadas também são chamadas de mulheres camponesas da Amazonas. A categoria social de análise, o *habitus* de P. Bourdieu, uma noção mediadora entre indivíduo e sociedade será o elo essencial para compreendermos a ressignificação do modo de viver e sentir dessas mulheres estudadas.

MATERIAL E MÉTODO GERAL

Área de estudo:

Feiras do CIGS e do CASSAM (Manaus/AM)

Esta pesquisa foi desenvolvida em Manaus/AM, com as mulheres agricultoras familiares feirantes, em dois territórios distintos, **as feiras do CIGS e CASSAM**, ambas em espaço militar. A primeira localizada no estacionamento da organização militar (OM) do Exército Brasileiro (EB), denominada Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), localizado na zona oeste, bairro São Jorge. A segunda feira, no estacionamento do Cassino dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus (CASSAM), situada na zona sul, bairro São Lázaro.

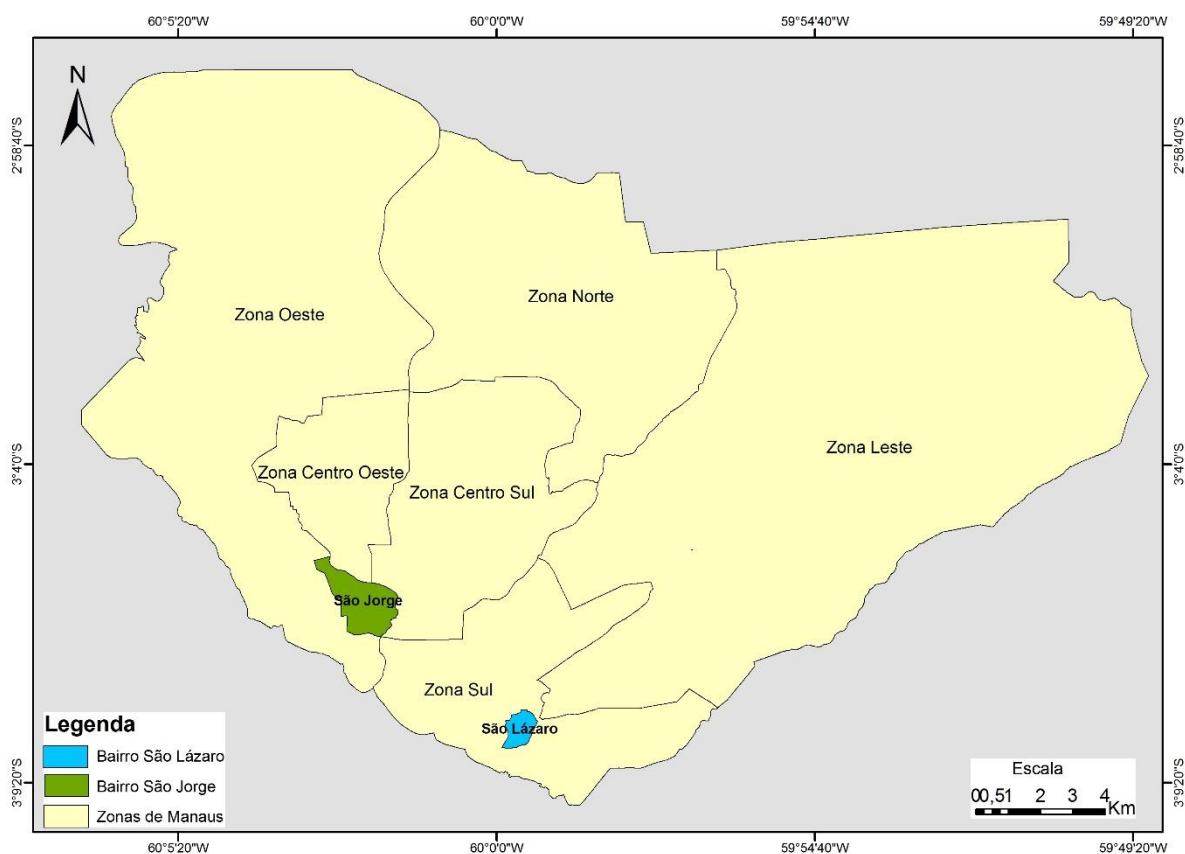


Figura 1 - Mapa cidade de Manaus por Zonas. Fonte: M. Suani. NUSEC. 2015

Localização geográfica e topográfica

Manaus situa-se na margem esquerda do Rio Negro, bem junto à Foz. Este fato resulta que com a expansão da cidade, já chega ao ponto em que o Rio Negro encontra o Rio Amazonas, dando origem ao magnífico espetáculo turístico do Encontro das águas. A altimetria é muito baixa não ultrapassando 120 metros em toda área urbana. Em média a altimetria é de 70 metros do nível do mar (MUNIZ e VIEIRA, 2004). Uma altitude que também favorece um clima desconfortante pelas precipitações totais acumuladas e inexpressiva ventilação. O crescimento da cidade procedeu-se e continua na direção Leste e Norte, considerando-se que na porção Oeste e Sul é limitada pela Bacia do Rio Negro. A cidade está localizada geograficamente nas coordenadas 3°08' 07" de latitude Sul e 60°01' 34" de longitude a Oeste de Greenwich. A área territorial é de 451,7 km², equivalendo a 3,8% da área do município. Os seus limites são: ao Norte o município de Presidente Figueiredo; ao Sul, Careiro da Várzea e Iranduba; a Leste, Rio Preto da Eva e Itacoatiara e a Oeste, Manacapuru e Novo Airão. Manaus está inserida no clima Equatorial Quente e Úmido, predominante na Amazônia. Clima tropical chuvoso.

População

A população de Manaus, estimada em 2014 foi de 2.020.301 habitantes correspondendo a 51,72% da população do Estado do Amazonas, e tem uma densidade demográfica de 158,06 hab/km² (IBGE, 2014). A área do município de Manaus é de 11.458,5 km², equivalente a 0,70% da área do Estado do Amazonas. Concentra a maior parcela da economia do Estado. A atividade econômica principal é a indústria e o comércio de aparelhos eletroeletrônicos, incentivados pela Zona Franca de Manaus. (NORONHA, 1998).

Métodos e Técnica de Abordagem

A pesquisa do tipo descritiva, exploratória, observacional, analisou as ações e propostas referentes às mudanças do *habitus* a partir da participação das mulheres camponesas nas feiras de produtos regionais em Manaus-AM, foram usados diferentes meios de coleta de dados: 1) entrevista semiestruturada; 2) fotografias; 3) observação participante (diário de campo); 4) formulários com perguntas abertas e fechadas.

Esses mediados pelo **estudo etnográfico** assim como pela percepção ambiental. Os instrumentos de coleta de dados e os métodos utilizados visaram garantir uma compreensão da *realidade sistêmica e holística*¹ do objeto da pesquisa e de sua complexidade.

Dado à proposta de se trabalhar com o estudo das mulheres camponesas que comercializam nas feiras regionais de Manaus, a importância e o reflexo destas no aspecto socioeconômico e cultural das pesquisadas, optou-se pelo método etnográfico permeado pela percepção ambiental, que consistem na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), com aprovação – Parecer nº 860.900.

A Etnografia

Objetivou-se entender e apreender o conhecimento das mudanças do *habitus*, os fatos sociais a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano (LÉVI STRAUSS, 1975).

Segundo Fonseca (2004), esse método é fundado na procura de alteridades, ou seja, na busca de outras maneiras de ver, ser e estar no mundo. Nesse tipo de pesquisa, o investigador procura entender o que está sendo dito por seus interlocutores, buscando apreender os significados das relações sociais. A autora assinala ainda que, na pesquisa etnográfica, são observadas as múltiplas linguagens presentes na situação de estudo, as práticas sociais e os princípios informais que referenciam a vida cotidiana, inscritos no fluxo de comportamentos.

O estudo etnográfico é uma metodologia qualitativa, proveniente das ciências Antropológicas que consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere. Esses estudos têm mostrado que o trabalho das pessoas é, normalmente, mais rico e complexo do que o descrito pelas definições dos processos e pelos modelos dos sistemas.

Murillo e Martinez (2010, p.4), afirmam sobre a investigação etnográfica:

¹ A concepção ecológica é uma explicação holista do mundo, tomando por referência o processo de síntese da vida realizada por meio da integração entre o inorgânico e o orgânico. O movimento do todo é visto numa cadeia de recíproca interação. Novo paradigma das ciências. (MOREIRA, p. 72)

La etnografía fue desarrollada por antropólogos y sociólogos siendo, según Anthony Giddens, el estudio directo de personas o grupos durante un cierto período, utilizando la observación participante o las entrevistas para conocer su comportamiento social.

A etnografia tem se apresentado como uma metodologia promissora, possibilitando a investigação e a pesquisa social e antropológica das sociedades humanas.

A etnografia é um método que permite ao pesquisador uma visão muito aproximada, que se baseia na experiência pessoal e na participação. Envolve três modos de obtenção de dados: entrevistas, observação e documentos, os quais constroem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto – a descrição narrativa. Esta inclui gráficos, diagramas e artefatos, que ajudam a contar “a história” (GENZUK, 1993).

Referindo-se ainda à abordagem etnográfica, Geertz (2008, p. 7) nos traz a afirmativa de que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Segundo Hammersley (1990), o termo “etnografia” refere, em termos metodológicos, investigação social que comporte a generalidade das seguintes funções: o comportamento das pessoas é estudado no seu contexto habitual, os dados são recolhidos através de fontes diversas, sendo a observação e a conversação informal as mais importantes; o foco do estudo é um grupo não muito grande de pessoas, mas, na investigação de uma história de vida, o foco pode ser uma única pessoa; a análise dos dados envolve interpretação de significado e de função de ações humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a (pouca) quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório.

Para tanto, consideramos fundamental levar em conta uma diversidade de expressões para a compreensão de universos culturais: trabalho, alimentação, organização das casas e da feira, festas, deslocamentos, entre outras. Seguimos nossa investigação valorizando a observação participante, o registro do que foi verificado em diário de campo, a entrevista aberta, o contato direto e pessoal com os habitantes da comunidade analiticamente considerada. Acompanhamos as atividades semanais na feira, no quintal e em casa, as práticas alimentares e de trabalho, as reuniões, entre tantas outras atividades.

Cabe salientar que a pesquisa se realiza “no lugar e não sobre o lugar”. Como ensinou Geertz (1989), o locus do estudo não é o estudo. Tendo em conta que estudamos um tema e não um lugar, ainda assim apresentamos uma breve descrição da região e da localidade em que a pesquisa foi realizada. Acreditamos ser importante essa contextualização, especialmente se, tal qual Fonseca (2004), percebemos a importância do lugar de trabalho e de moradia para a organização social, em particular no que se refere ao comportamento com o local e rede de relações e na comercialização. Desse modo, o exercício de caracterização do local é indispensável para conhecer algumas das especificidades que o envolvem.

A percepção ambiental

Os comportamentos humanos derivam de suas percepções do mundo, cada um reagindo de acordo com suas concepções e relação com meio, dependendo de suas relações anteriores, desenvolvida durante sua vida (MENGHINI, 2005). Destacamos Del Rio e Oliveira (1999) que conceituam a percepção Ambiental como a investigações das percepções, atitudes e valores envolvidos nas relações do homem com o meio ambiente.

O contexto dos problemas ambientais implica o estudo das relações homem e ambiente e qualquer análise que se faça sobre soluções possíveis deve considerar os comportamentos do homem perante seu ambiente (BASSANI 2001, p.47). Sendo que o homem percebe o mundo principalmente através da visão, com a imagem assumindo posição especial (MANSANO, 2006).

Para Del Rio (1990 apud PIPPI, LIMBERGER e LAZAROTTO, 2008, p.112), “o estudo da percepção ambiental possibilita a compreensão das unidades selecionadas visando compor a experiência visual [...]”. Os instrumentais essenciais para a coleta de informações em percepção ambiental são os mapas mentais, fotografias e croquis.

Essas técnicas estão baseadas em teorias e métodos de análise visual e percepção ambiental, a fim de possibilitar uma análise subjetiva (e objetiva) com outro enfoque mais sensível à interpretação de determinados elementos que não podem ser quantificados, mas que constituem aspectos imprescindíveis para a composição da imagem e identidade de uma região ou cidade (PIPPI, LIMBERGER e LAZAROTTO, 2008).

Instrumentos de pesquisa

Para a execução do método etnográfico permeado com a percepção ambiental, e uma abordagem sistêmica, usou-se como instrumentos de coleta de dados, relatórios da ADS, a observação participante, conversas informais com as feirantes, fotografias e entrevistas abertas, com uma análise qualitativa. Como ferramenta principal, a observação participativa que é o elemento essencial nos estudos etnográficos. Esta ferramenta demanda uma imersão do pesquisador no mundo vivido dos sujeitos da pesquisa e permite observar, ouvir e participar da realidade das mulheres feirantes. Os dados foram coletados nas feiras durante o evento, aos sábados e às sextas feiras à noite, enquanto se organizavam ou descansavam para a azáfama do dia seguinte.

Para todos os sujeitos envolvidos na metodologia proposta foi submetido um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE), onde estão detalhados a justificativa, os objetivos, os procedimentos e demais informações pertinentes à pesquisa, bem como Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa e termo de Anuência da ADS (organizadora e responsável pelas feiras).

As técnicas e ferramentas utilizadas nos métodos

a) **A observação direta** (Yin, 2005), entendida como a técnica de coleta em que o pesquisador observa alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes, que variam de atividades formais a informais. Tendo como instrumento de coleta um diário de campo. *A priori*, foram feitas várias incursões pelas feiras do CIGS e do CASSAM, observando sua dinâmica e organização, após contatadas as mulheres feirantes em geral, para selecionar as mulheres agricultoras familiares. Destas, foi determinado um público alvo de dez mulheres oriundas dos dois ecossistemas amazônicos, várzea e terra firme, sendo cinco de cada feira. **Observação participante:** A observação participativa é um elemento essencial no estudo etnográfico. Essa técnica proporcionou o conhecimento do pesquisador no mundo vivido das atrizes sociais e nos permitiu observar, ouvir e participar de sua realidade. A técnica foi utilizada durante as atividades com as mulheres nas feiras, na organização destas no dia anterior, durante o repouso, nos intervalos para merendar (lanche), em suas residências, na comunidade, no plantio, etc. Os dados obtidos

foram gravados, anotados em caderneta de campo e registrados através de filmagens e fotografias.

As pesquisadas foram acompanhadas diretamente pelo período de 18 meses, iniciado em junho de 2013 e concluído em dezembro de 2014, desde a organização para a feira no dia anterior (sexta-feira), e durante todo o momento do acontecimento da feira propriamente dito, do seu início às 4h da manhã ao final em torno de meio dia de sábado (com notas na caderneta de campo). Foi percorrida a trajetória de cada mulher desde sua casa na comunidade rural à feira em Manaus, incluindo visitas às residências e comunidades. Assim, foi desenvolvida a observação direta participante.

b) **Formulário familiar:** Corresponde à ferramenta mais fechada de lidar com as informantes. Os formulários tocam a um instrumento essencial para a investigação social. Sua vantagem traduz por ser uma das técnicas mais eficientes e práticas, envolve questões previamente elaboradas, permite a obtenção de informação de qualquer segmento populacional, bem como possibilita a obtenção de dados facilmente tabuláveis e quantificáveis (GIL, 2009). Com este instrumento, objetivou-se, levantar dados para se fazer um diagnóstico socioeconômico, cultural e ambiental das pesquisadas.

c) **Entrevista:** A entrevista apresenta vantagens em comparação com outros instrumentos, uma vez que fornecem uma amostragem muito melhor da população geral, e tem grande flexibilidade (em que pesquisador pode esclarecer perguntas), permitem avaliar também a conduta do entrevistado e possibilita a captação imediata da informação. Além disso, permite a captação de dados subjetivos (valores, atitudes e opiniões), trata-se de uma conversa face a face e instrumento relevante em pesquisa social. (QUARESMA, 2005),

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e não estruturadas com a finalidade apreender e entender as diversas questões relacionadas ao modo de vida, envolvendo as questões sociais, econômicas e culturais da população pesquisada. Nesta técnica de abordagem foi utilizado gravador com a devida autorização dos participantes e diário de campo.

d) **Fotografias:** Representam uma metodologia ampliada de análise e projeto, sobretudo no tocante à “[...] percepção da ótica, lugar e conteúdo” (CULLEN, 1983

apud PIPPI, LIMBERGER e LAZAROTTO, 2008, p. 120), de valores culturais, ambientais e econômicos atrelados ao local de suas vivências.

Ferrara (1999), nos revela que a imagem fotográfica tem o poder de reter, fixar, congelar a realidade no espaço e no tempo e seu resultado é algo que não se pode duvidar, porque realmente existe. Ressalta que na fotografia se flagra o modo como o entrevistado se relaciona com o ambiente. Com autorização do público alvo da pesquisa.

Tentamos flagrar o modo como a entrevistadas se relacionam com o ambiente e o que nele se consegue perceber e valorizar, o *locus* da pesquisa etc.

e) **Análise Qualitativa:** esta, na etnografia compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, visando escrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados através da **fala** das pesquisadas. Teve por objetivo traduzir e analisar os determinantes socioculturais, econômicos e ambientais, sendo, desta forma, o fio condutor para uma pesquisa que envolve o conhecimento, **habitus** e **ethos** que as mulheres agricultoras feirantes detém sobre o espaço e o tempo. Os dados utilizados para a análise qualitativa foram obtidos através das técnicas e ferramentas: formulários, fotografias, entrevistas e observação participativa.

Além dos instrumentos de coletas de dados já mencionados observou-se também o cadastro de feirantes e relatório de resultados fornecidos pela ADS. As informações obtidas foram tabuladas e analisadas através de estatística descritiva conforme frequências obtidas dos dados (Lima, 1994).

Para a complementação do estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas. Esta constitui parte da pesquisa descritiva, quando é feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema pelo qual se procura respostas, sendo também um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados (LAKATOS E MARCONI, 1996).

Amostra da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa ou as atrizes sociais, foram dez mulheres agricultoras familiares feirantes, que comercializam nas Feiras de produtos Regionais do CIGS e CASSAM – Manaus/AM, sendo cinco de cada feira. Com os seguintes critérios de inclusão: maiores de 18 anos, alfabetizadas, no mínimo 01 ano de participação na feira e que seja participe desde a produção (plantio) até a comercialização.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, M. **Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental**. In: MAIA N.B. et. Al (Org). Indicadores ambientais: conceitos e aplicações. São Paulo: Educ,2001. http://www.catolica.To.edu.br/portal/portal/downloads/docs_gestaoambiental/projetos2011-1/1-periodo/PERCEPCAO_AMBIENTAL_.pdf. Acessado em 11.11.2013.
- Brasil. **IBGE**. <http://www.ibge.gov.br/Acesso> em 10.03.2015
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de(orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ªed. São Carlos. SP.Ed. UFSCAR.1999.
- FERRARA, L. D. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- FONSECA, T. M. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. -12. reimp. São Paulo: Atlas, 2009.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GENZUK, Michael. **A Synthesis of Ethnographic Research**. Occasional Series Papers. Centro de multilingues, Multicultural Research (Eds.). California. Los Angeles. 1993. http://www-rcf.usc.edu/~genzuc/Ethnographic_Research.html.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: Métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.
- LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas. 2007.
- LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Técnicas de pesquisa**. 3ª. Ed. São Paulo. Atlas. 1996..
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LIMA, Ana Maria de Farias. **Estatística Descritiva**. UFF. Centro de estudos gerais. Instituto de matemática departamento de estatística descritiva. 1994.
- MANSANO, C. N. **A escola e o bairro: percepção ambiental e interpretação do espaço de alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- MENGHINI, F.B. **As trilhas interpretativas como recurso pedagógico**. Dissertação de Mestrado - Universidade o Vale do Itajaí. 2005
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2014

MUNIZ, L. da S.; VIEIRA, A. F. G. (2004). Análise preliminar da erodibilidade dos solos da Bacia do Igarapé do Mindu: Curso superior-Manaus, AM. In: **Boletim Amazonense de Geografia**, n. 4, Manaus: Associação dos Geógrafos Brasileiros

MURILO MARTINEZ, **Investigacion etnográfica**: Métodos de Investigación Educativa enEd.especialEspecial.http://www.uam.es/personal_pdi/stmaria/jmurillo/Investigacion_EE/Presentaciones/Curso_10/I_Etnografica_Trabajo.pdf. Acessado em 12.12.2014.

NORONHA, Marconde Carvalho de. Geoespaço: **Lições de geografia com base no espaço geográfico do Amazonas**. Manaus: Cecil Concorde, 1998

PIPPI, Luís Guilherme A.; LIMBERGER, Lucienne Rossi Lopes; LAZAROTTO, Geruza. **Recursos para representação e análise da paisagem**. Paisagem Ambiental, São Paulo, n. 25, p. 105-126, 2008.

QUARESMA, Sílvia Jurema; BONI, Valdete . Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), jan./jul. 2005, p. 68-80. Disponível em:<http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SEPLAM. **Anuário estatístico do Amazonas**. Manaus. 2013. http://www.seplan.am.gov.br/arquivos/download/arqeditor/Anuario-Estat%C3%ADstico-do-Amazonas_2013

YIN, Robert K. **Estudos de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CAPÍTULO I



Fig. 1 - Imagens das feiras de produtos regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2015.
Fonte: R. B. Vargas. (pesquisa de campo)

É inútil imaginar que a pobreza poderá ser eliminada sem a modificação da atual estrutura da produção, dos investimentos e do consumo.

Milton Santos (1997, p.49).

CAPITULO I

FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS EM MANAUS– AM: um instrumento de inclusão social e sustentabilidade para mulheres agricultoras familiares²

Rosane Marizeti Brum Vargas³

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo desvendar o processo de criação, finalidade e evolução das feiras de produtos regionais em Manaus, organizadas pela ADS, para uma política de desenvolvimento sustentável do Governo do Estado do Amazonas, nas transformações socioeconômicas ocorridas na vida das mulheres agricultoras familiares. Através da abordagem sistêmica e do método etnográfico, com observação direta e aplicação de entrevistas, este estudo permitiu inferir que as feiras de produtos regionais, vêm mudando a vida de algumas famílias e principalmente das mulheres camponesas. Estas representam uma parcela significativa de contribuição na subsistência familiar, exercendo um sobretrabalho (casa e lavoura) e muitas vezes não reconhecido, por questões culturais e políticas. As feiras criaram um espaço onde o papel da mulher vem sofrendo alterações nas relações sociais e familiares, aumentando a renda e a dignidade, passando a ter reconhecimento.

Palavras-chave: Comercialização, agricultura familiar, políticas públicas, Amazonas.

Abstract: This study aimed to verify the effect of regional fairs products in Manaus, created by the ADS, for a sustainable development policy of the state government, the socioeconomic transformations in the lives of rural women. Through the systemic approach and the ethnographic method this study allowed us to infer that the regional fairs products are changing the lives of some families and especially women farmers. These represent a significant share of contribution in family subsistence, playing a

² Parte da Dissertação de mestrado da autora. Financiamento CNPQ – UFAM.

³ Mestranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia (CCA/UFAM), Advogada (Direito Socioambiental), Licenciatura em Matemática e Bolsista CNPq. Email: rosanebv.adv@gmail.com.

surplus (home and farming) and often unrecognized by cultural and political issues. The fairs have created a space where the role of women has undergone changes in social and family relationships, increasing income and dignity, going to have recognition.

Keywords: Commercialization, family agriculture, public policy, Amazonas.

1. Introdução

Segundo Godoy e Anjos (2007, p.364) “as feiras livres são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar. Identificar a sua origem é certamente perder-se no ignoto de um passado distante.” Com esse entendimento, os autores induzem os leitores a buscar referências de hábitos sociais ao longo do tempo, cuja evolução deu origem ao que se denomina uma feira-livre. Além disso, evidenciam a fundamental importância para a sociedade, expressando não apenas pontos positivos, mas negativos, sendo estes, consequências da diversidade e da dinâmica que tais espaços oferecem.

Godoy e Anjos (2007, p. 365) afirmam que:

As feiras livres constituem-se de uma intrincada teia de relações que configuram um diversificado conjunto de ocupações, fluxos, mercadorias e relações sociais, caracterizando-se primordialmente como uma atividade de trabalho informal essencialmente familiar, onde os envolvidos na operacionalização são geralmente membros da família [...].

A população rural do Amazonas, em sua maior parcela é constituída por ribeirinhos, ou seja, pelas chamadas *populações tradicionais*⁴ que vivem em ecossistemas de várzea (rios, paranás, lagos, furos, igarapés, etc.) organizados em comunidades. As famílias ribeirinhas desenvolvem suas atividades nas terras, nas florestas e nas águas de trabalho, produzindo valores de uso para sua subsistência e valor de troca para a comercialização, tendo, como objetivo, a obtenção de renda que lhes permite comprar as mercadorias necessárias à sua reprodução social.

⁴ Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2000). No Amazonas, os povos tradicionais habitantes das várzeas são chamados de ribeirinhos.

Contudo, como indicam as pesquisas realizadas, é notória a situação de exclusão em que se encontram muitas famílias ribeirinhas. (WITKOSKI, 2007).

Nas colocações acima, o autor afirma que entre os aspectos que contribuem para a configuração da situação de exclusão, destacam-se a falta de políticas de inclusão social - em suas dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais – voltadas para a melhoria da sua qualidade de vida. (2007).

Segundo Abramovay (2002), a agricultura familiar é aquela onde a propriedade, a gestão e a maior parte do trabalho vêm de pessoas que mantêm entre si vínculos de sangue ou de casamento. Afirma que a oposição com a agricultura patronal, onde utiliza trabalhadores contratados, é de natureza social - entre a agricultura que se apoia fundamentalmente na unidade entre gestão e trabalho de família e aquela em que se separam gestão e trabalho. De acordo com o economista, o modelo adotado pelo Brasil, o patronal, e ressalta que os países que mais prosperaram na agricultura foram aqueles nos quais a atividade teve base familiar e não a patronal, enquanto que os países que dissociaram gestão e trabalho tiveram como resultado social uma imensa desigualdade (o caso do Brasil).

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2014 o Ano Internacional da Agricultura Familiar (**AIAF**), reconhecendo o papel fundamental desse setor para a segurança alimentar⁵ no mundo. O **AIAF** 2014 visou a aumentar a visibilidade da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, focalizando a atenção mundial em seu importante papel na erradicação da fome e pobreza.

O objetivo do AIAF 2014 é reposicionar a agricultura familiar no centro das políticas agrícolas, ambientais e sociais nas agendas nacionais, identificando lacunas e oportunidades para promover uma mudança rumo a um desenvolvimento mais equitativo e equilibrado.

Nesse contexto, é que o Governo do Amazonas, através da **ADS** (Agencia de Desenvolvimento Sustentável), numa política pública de inclusão social e sustentabilidade através de parcerias com outras entidades, criou o projeto de feiras de produtos regionais, onde o camponês produz e vende diretamente ao consumidor o produto de seu trabalho, (sem atravessadores).

⁵ A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. (Art. 3º). LEI Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. CONSEA. Brasil.

O projeto feiras de produtores regionais fruto de parcerias da **ADS** com o Exército Brasileiro e Prefeituras diversas do interior do Amazonas, iniciou-se em 2008, com a Feira de Produtos Regionais do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva), mais tarde as Feiras da Cidade Nova, da Polícia Militar e por último, em 2012 a feira do CASSAM (Cassino dos Subtenentes e Sargentos da Aeronáutica de Manaus) ou da Aeronáutica, denominada esta, de Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais. No decorrer dos últimos anos, após a feira do CIGS (2008) os organizadores perceberam o interesse e a grande participação de mulheres agricultoras familiares, levando-os assim a criar a feira do CASSAM, uma feira específica para estas mulheres.

Este estudo tem como objetivo desvendar o processo de criação das feiras de produtos regionais em Manaus, sua importância e resultados como uma política pública de sustentabilidade para as mulheres agricultoras do Amazonas. A priori será realizado a contextualização sobre a agricultura familiar no Amazonas, o papel da mulher, a racionalidade econômica e a comercialização, seguido de uma explanação sobre a criação, dinâmica, evolução e importância das feiras de produtos regionais revelando os benefícios socioeconômicos destas.

2. Metodologia

Área de estudo: Feiras do CIGS e do CASSAM (Manaus/AM)

Esta pesquisa foi desenvolvida em Manaus/AM, com as mulheres agricultoras familiares feirantes, em dois territórios distintos, **as feiras do CIGS e CASSAM**, ambas em espaço militar, localizadas respectivamente nas zonas Oeste (Bairro São Jorge) e na zona sul (Bairro São Lázaro). A primeira localizada no estacionamento da organização militar (OM) do Exército Brasileiro (EB), denominada Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), localizado na zona oeste, bairro São Jorge. A segunda feira, no estacionamento do Cassino dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus (CASSAM), situada na zona sul, bairro São Lázaro.

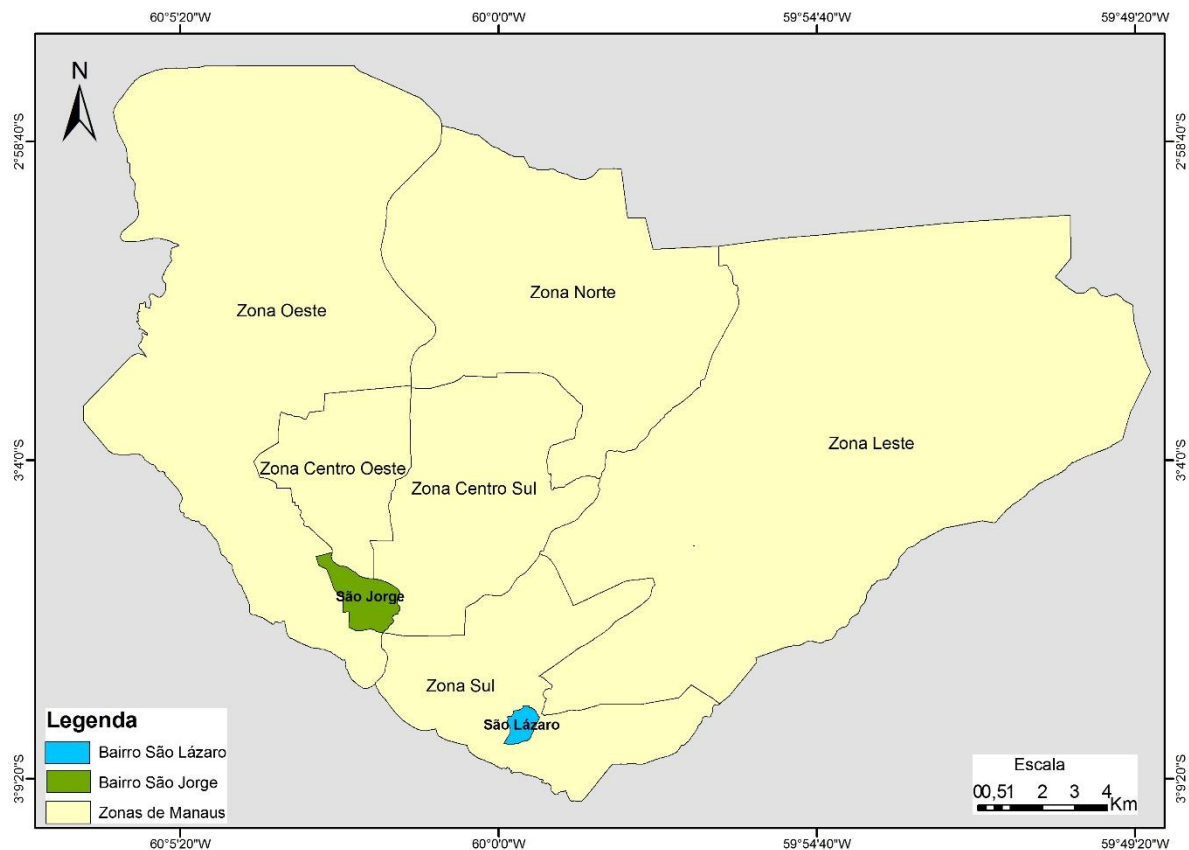


Figura 2 - Mapa cidade de Manaus por Zonas. Fonte: M. Suani. 2015.

O método

Dado à proposta de se trabalhar com o estudo das mulheres camponesas que comercializam nas feiras regionais de Manaus, a importância e o reflexo das feiras no aspecto socioeconômico e cultural das pesquisadas, optou-se pelo método etnográfico, que consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades. Objetivou-se entender e apreender o conhecimento das mudanças do *habitus*, os fatos sociais a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano (LÉVI STRAUSS, 1975).

Segundo Fonseca (2004), esse método é fundado na procura de alteridades, ou seja, na busca de outras maneiras de ver, ser e estar no mundo. Nesse tipo de pesquisa, o investigador procura entender o que está sendo dito por seus interlocutores, buscando apreender os significados das relações sociais. A autora assinala ainda que, na pesquisa etnográfica, são observadas as múltiplas linguagens presentes na situação de estudo, as práticas sociais e os princípios informais que referenciam a vida cotidiana, inscritos no fluxo de comportamentos. Para tanto,

consideramos fundamental levar em conta uma diversidade de expressões para a compreensão de universos culturais: trabalho, organização das casas e da feira, festas, deslocamentos, entre outras.

Seguimos nossa investigação valorizando a observação participante, o registro do que foi verificado em diário de campo, a entrevista aberta, o contato direto e pessoal com o público analiticamente e considerado. Acompanhamos as atividades semanais na feira, no quintal e em casa, as práticas alimentares e de trabalho, as reuniões, entre tantas outras atividades.

Cabe salientar que a pesquisa se realiza “no lugar e não sobre o lugar”. Como ensinou Geertz (1989), o *locus* do estudo não é o estudo. Tendo em conta que estudamos um tema e não um lugar, ainda assim apresentamos uma breve descrição da região e da localidade em que a pesquisa foi realizada. Acreditamos ser importante essa contextualização, especialmente se, tal qual Fonseca (2004), percebemos a importância do lugar de trabalho e de moradia para a organização social, em particular no que se refere ao comportamento com o local e rede de relações e na comercialização. Desse modo, o exercício de caracterização do local é indispensável para conhecer algumas das especificidades que o envolvem.

Para a execução do método etnográfico permeado com a percepção ambiental, e uma abordagem sistêmica, usou-se como instrumentos de coleta de dados, relatórios da ADS, a observação participante, conversas informais com as feirantes, fotografias e entrevistas abertas, com uma análise qualitativa. Como ferramenta principal, a observação participativa que é o elemento essencial nos estudos etnográficos. Esta ferramenta demanda uma imersão do pesquisador no mundo vivido dos sujeitos da pesquisa e permite observar, ouvir e participar da realidade das mulheres feirantes. Os dados foram coletados nas feiras durante o evento aos sábados e às sextas feiras à noite enquanto se organizavam ou descansavam para a azáfama do dia seguinte.

a) **A observação direta** (YIN, 2005), entendida como a técnica de coleta em que o pesquisador observa alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes, que variam de atividades formais a informais. Tendo como instrumento de coleta um diário de campo. *A priori*, foram feitas várias incursões pelas feiras do CIGS e do CASSAM, observando sua dinâmica e organização, após contatadas as mulheres feirantes em geral, para selecionar as mulheres agricultoras familiares. Destas, foi determinado um público alvo de dez mulheres oriundas dos dois ecossistemas

amazônicos, várzea e terra firme, sendo cinco de cada feira. **Observação participante:** A seguir estas foram acompanhadas diretamente pelo período de 18 meses, iniciado em junho de 2013 e concluído em dezembro de 2014, desde a organização para a feira no dia anterior (sexta-feira), e durante todo o momento do acontecimento da feira propriamente dito, do seu início às 4h da manhã ao final em torno de meio dia de sábado (com notas na caderneta de campo). Foi percorrido a trajetória de cada mulher desde sua casa na comunidade rural à feira em Manaus, incluindo visitas às residências e comunidades.

b) **Formulário:** O formulário corresponde à ferramenta mais fechada de lidar com os informantes e, teve como objetivo, levantar dados para construir um diagnóstico socioeconômico, cultural e ambiental das pesquisadas.

c) **Entrevista:** Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e não estruturadas com a finalidade apreender e entender as diversas questões relacionadas ao modo de vida, envolvendo as questões sociais, econômicas e culturais da população pesquisada. Nesta técnica de abordagem foi utilizado gravador com a devida autorização dos participantes e diário de campo.

d) **Fotografias:** Representam uma metodologia ampliada de análise e projeto, sobretudo no tocante à “[...] percepção da ótica, lugar e conteúdo” (Cullen, 1983 apud Pippi, *et al*, 2008), de valores culturais, ambientais e econômicos atrelados ao local de suas vivências. Tentamos flagrar o modo como a entrevistadas se relacionam com o ambiente e o que nele se consegue perceber e valorizar, o *locus* da pesquisa etc. Com autorização do público alvo da pesquisa.

e) **Análise Qualitativa:** esta, na etnografia compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, visando escrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados através da **fala** das pesquisadas. Teve por objetivo traduzir e analisar os determinantes socioculturais, econômicos e ambientais, sendo, desta forma, o fio condutor para uma pesquisa que envolve o conhecimento, **habitus** e **ethos** que as mulheres agricultoras feirantes detêm sobre o espaço e o tempo. Os dados utilizados para a análise qualitativa foram obtidos através das técnicas e ferramentas: formulários, fotografias, entrevistas e observação participativa.

Além dos instrumentos de coletas de dados já mencionados observou-se também o cadastro de feirantes e relatório de resultados fornecidos pela ADS. As informações

obtidas foram tabuladas e analisadas através de estatística descritiva conforme frequências obtidas dos dados (LIMA, 1994).

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), com aprovação – Parecer nº 860.900.

3. Resultados e discussões

Agricultura Familiar no Amazonas

De acordo com Silvestro (2001), não existe atividade econômica na qual as relações familiares tenham tanta importância quanto na agricultura. O local da residência geralmente é o local de trabalho. Na agricultura familiar a família é uma unidade indissolúvel de geração de renda, os filhos e filhas se integram aos processos de trabalho desde muito cedo. Há uma naturalização da divisão do trabalho, baseada no ciclo produtivo e orientada pelo chefe da família, onde filhos e esposa não tem autoridade para contestar ordens.



Figura 3: Família no plantio de mudas de hortaliças em jiraus (canteiros suspensos), na várzea. Manacapuru/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013

A Amazônia compõe-se de dois ecossistemas bastante distintos, a **várzea** e a **terra firme**. São nestas paisagens que os agricultores familiares vivem e realizam sua produção.

A Amazônia que numa primeira visão se apresenta geograficamente homogênea, compõe-se na verdade, de dois ambientes naturais bastante diferenciados, que condicionaram formas diferentes de adaptação das sociedades indígenas e, posteriormente, de ocupação pelo colonizador. (FRAXE, 2011: 53)

Quando se estuda os ecossistemas da Amazônia, Fraxe (2011), Noda (2007) afirmam que em torno de 98% da grande planície é constituída por terra firme, normalmente não inundada, com altitudes de dez a cem metros do nível do mar, com espessa floresta tropical cobrindo os solos, em geral de baixa fertilidade. Enquanto 1,5% de toda a planície, estimado em cerca de 65mil km² compõe a várzea, que vem a ser a planície aluvional ou o leito maior dos rios e está sujeita a inundações anuais. Ocorre nas duas margens do rio Amazonas e em alguns afluentes e apresenta largura muito variável. A várzea apresenta grande produtividade agrícola, da caça e da pesca podendo sustentar uma população muito mais densa do que a terra firme. O ciclo anual da várzea depende do regime fluvial (cheias, vazante) e a terra firme da alternância de estações secas e chuvosas.



Figura 4: Plantio de hortaliças em terra firme. Ao fundo cultivo em plasticultura. - Iranduba/AM-
Fonte: R. B. Vargas. 2013

Acima a imagem da agricultura na terra firme, no município de Iranduba, onde os agricultores usualmente utilizam a técnica da plasticultura. E a seguir uma paisagem típica de comunidade situada na várzea, onde o único meio de transporte possível aos ribeirinhos é o fluvial com auxílio de barco recreio, canoa, voadeira dentre outros.



Figura 5: Comunidade típica de Várzea do Rio Solimões. Manacapuru/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013

Segundo Noda e Noda (2003 e 2007), uma das principais características da agricultura familiar na Amazônia é o processo produtivo, basicamente direcionado ao atendimento das necessidades da manutenção e reprodução biológica e social do produtor rural. Ela é praticada em ambientes pouco modificados, que não sofreram, ainda, os impactos negativos do avanço da agropecuária estritamente voltada aos mercados ou das ações de projetos de desenvolvimento de grande porte voltados à exploração dos recursos naturais. Sua produção é diversificada que, além de permitir uma oferta constante, ampla e variada de alimentos para o autoconsumo, proporciona maior estabilidade ao sistema produtivo, pois o suprimento das necessidades básicas em alimentos da família independe da comercialização do "excedente". As crises do mercado podem afetar o núcleo produtivo, mas não inviabilizam sua sobrevivência.

Lá em casa dona, tem de tudo, fome nós não passamos, não. As vezes pode faltar o dinheiro. É, mais agora com a Feira não falta, não, sempre tem um dinheirinho pra comprar alguma coisinha na cidade. Lá tem de tudo, tem fruta, tem cupu [cupuaçu], tem mamão, goiaba... tem farinha, tem o peixe o ano todo... (Entrevista, 2014).

Pelo depoimento acima se verifica que o agricultor familiar do Amazonas, está perfeitamente adaptado ao ambiente, tendo como prover em qualquer época a alimentação básica à sobrevivência de sua família.

A mulher na agricultura familiar ⁶do Amazonas

A mulher camponesa⁷, de acordo com Fraxe (2011), vive, em seu cotidiano uma jornada de trabalho intensa: ela é mãe, doméstica, agricultora, pescadora e extratora. Nas unidades domésticas das famílias camponesas⁸, na participação da mão de obra familiar, ainda está presente a divisão do trabalho por gênero: O Homem cuida da produção, da roça (capina, lavoura, pesca, extração, etc), e a mulher cuida das tarefas do lar (casa, filhos, preparar alimentos, galinhas, horta e demais tarefas do entorno da casa). Isto está socialmente posto e imposto e varia no tempo. A grande maioria das famílias camponesas no Amazonas ainda é representada pelo sistema patriarcal. Onde quem administra a divisão do trabalho é o patriarca.



Figura 6: Entrevistadas no plantio de hortaliças. Comunidade N. Senhora Perpétuo do Socorro. Iranduba/AM - Fonte: R. B. Vargas. 2014.

⁶ Agricultura Familiar e Camponato não são sinônimos. Mas são conceitos que estão imbricados. E, que fogem ao escopo deste artigo e que, portanto, não serão aprofundadas. <http://www.iicabr.iica.org.br> . O estudo em tela trata da agricultura familiar camponesa, tradicional na várzea dos rios Solimões e Amazonas.(Fraxe,2011).

⁷ Algumas vezes, também será utilizado o termo “mulheres camponesas”, derivado de “camponês amazônico”, que segundo Witikoski (2010), a utilização da categoria camponesa é adequada e se aplica à produção familiar existente na várzea amazônica.

⁸ Sugere que definamos como camponeses somente aqueles estabelecimentos rurais em que a produção é decisivamente determinada pelos meios <<naturais>> de produção. (Theodor Shanin , *A definição de Camponês* p.59) http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/a_definicao_de_campones.pdf. Em 05/03.2015

Mesmo a mulher camponesa, exercendo, de forma intensa, múltiplas atividades no sistema agroflorestal, é a família como um todo, incluindo os agregados, a maior responsável pela execução das atividades planejadas e conseqüentemente pela produção. Segue o modelo da agricultura familiar.

Na região do Amazonas e parte do oeste do Pará a inserção da mulher no espaço do trabalho produtivo está basicamente na agricultura familiar. A peculiaridade do processo produtivo dessa agricultura na região está relacionada ao sistema agroflorestal (Safs), que envolve a relação do homem com a natureza e suas características específicas. O homem trabalha na terra, na floresta e nas águas num processo de integração simultânea ou sequencial de cultivos agrícolas, criação de animais e extrativismo vegetal e animal, atividades estas combinadas com o ciclo natural das enchentes, cheias, vazantes e secas. A diversidade de produção tem o objetivo de obter incrementos e garantir meios de subsistência da família e geração de renda com a comercialização dos cultivos (WITKOSKI, 2007).

A família é o núcleo central e determinante dos cultivos e produção na agricultura familiar em todo o Amazonas. As mulheres participam ativamente de todo o processo, desde o plantio, capina, até colheita e comercialização dos produtos. As crianças a partir de 08 a 10 anos de idade já auxiliam diretamente nas atividades de produção, nas lidas da casa e cuidado dos irmãos menores, sendo considerada força produtiva.



Figura 7 - Mulheres feirantes agricultoras no plantio de hortaliças, acompanhada de filho e neto. Rio Preto da Eva/AM (à esquerda) e Iranduba/AM (à direita). Fonte: Rosane, 2014

As unidades familiares de produção reconhecem as atividades como trabalho, enquanto o trabalho feminino, doméstico ou não (auxílio na lavoura, pesca, etc.), assim como o dos filhos é considerado “ajuda”, mesmo nas situações onde os trabalhos destes se dão através de tarefas equivalentes ou iguais as dos homens. As mulheres participam ativamente, em graus maiores ou menores, dependendo da comunidade, de todo o sistema de produção, desde as decisões sobre o que produzir, do plantio até a comercialização final.

Bourdieu (1992) assinala que o homem credita à mulher a maior parte dos serviços da casa: o transporte da água, da lenha, a preparação da comida, a lavagem de roupa. A CASA continua a ser o espaço controlado pela mulher. Mas os depoimentos das mulheres camponesas amazônicas revelam que elas têm também uma rotina intensa de trabalho na lavoura:

Eu acordo às 5 horas, faço café pro marido que já vai pra roça, daí acordo os meus filhos dou café. Aí o catraieiro passa pra levar as crianças pra escola. As vezes quando tem muito trabalho, época de colher, eles não vão na escola, não, vão pra roça ajudar. As 7h30 já tô na roça. Volto às 11h pra fazer o almoço, dou para as crianças, arrumo as coisas e volto pra roça; às 5 e pouco já tô de volta pra fazer a janta, depois vejo um pouco de televisão e vô dormir. (Entrevista, Manacapuru, 2014).

As mulheres pesquisadas em sua maioria descendem de famílias de agricultores familiares, cresceram fazendo parte dessas unidades ou passaram a pertencer a categoria pelos laços do casamento. E todas se identificam como mulheres agricultoras. No desenrolar das conversas com as mulheres pesquisadas, observamos que elas se apresentam com uma identidade étnica bem definida e assumida, uma vez que 100% delas se assumem como agricultoras e evocam adjetivos que reafirmam essa auto identificação.

Eu sou agricultora, antes eu tinha vergonha de dizer que era agricultora, agente era pobre, não tinha nada. Hoje, eu tenho o maior orgulho de dizer que eu sou agricultora. Que eu planto e colho com as minhas próprias mãos, tenho prazer de trabalhar e trazer produto de qualidade pra feira. (Entrevista, Rio Preto da Eva/AM. 2014).



Figura 8: Agricultora familiar realizando o transporte de melancia, de barco, para comercialização nas feiras em Manaus. Manacapuru/AM. Fonte: R. B. Vargas, 2014.

A mulher agricultora que vende na feira participa em todas as etapas da produção até a comercialização final, inclusive durante o transporte dos produtos.

A racionalidade econômica camponesa

O camponês amazônico é a personificação da forma de produção simples de mercadorias. Segundo Fraxe (2011) nesse tipo de produção ele detém a propriedade da terra, da água e dos instrumentos de trabalho com os quais desenvolve suas atividades. Tavares (1984) *apud* Fraxe (2011), afirma que essa combinação de elementos faz com que o camponês se apresente no mercado como vendedor dos produtos de seu trabalho e como produtor direto de mercadorias.

A produção camponesa realiza os ciclos mercadoria-mercadoria e mercadoria – dinheiro - mercadoria, os agentes articulam o mundo rural com o mundo urbano. Embora se verifique, aqui, a presença do dinheiro a troca se caracteriza, por uma economia mercantil de troca simples. De acordo com Marx (1968:171)., citado em Fraxe (2011) “a circulação simples de mercadoria (vender e comprar) serve de meio a um fim situado fora da circulação, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades”.

A racionalidade econômica camponesa se manifesta na produção simples de mercadorias (produtor direto e vendedor – troca simples) e na realização de ciclos ‘mercadoria-mercadoria’ e ‘mercadoria-dinheiro-mercadoria’; São duas atividades econômicas que se realizam simultaneamente, produção de meios de vida e a produção de mercadorias (Fig. 9).

A seguir o fluxograma do Sistema dos fatores de produção e comercialização na agricultura de várzea.

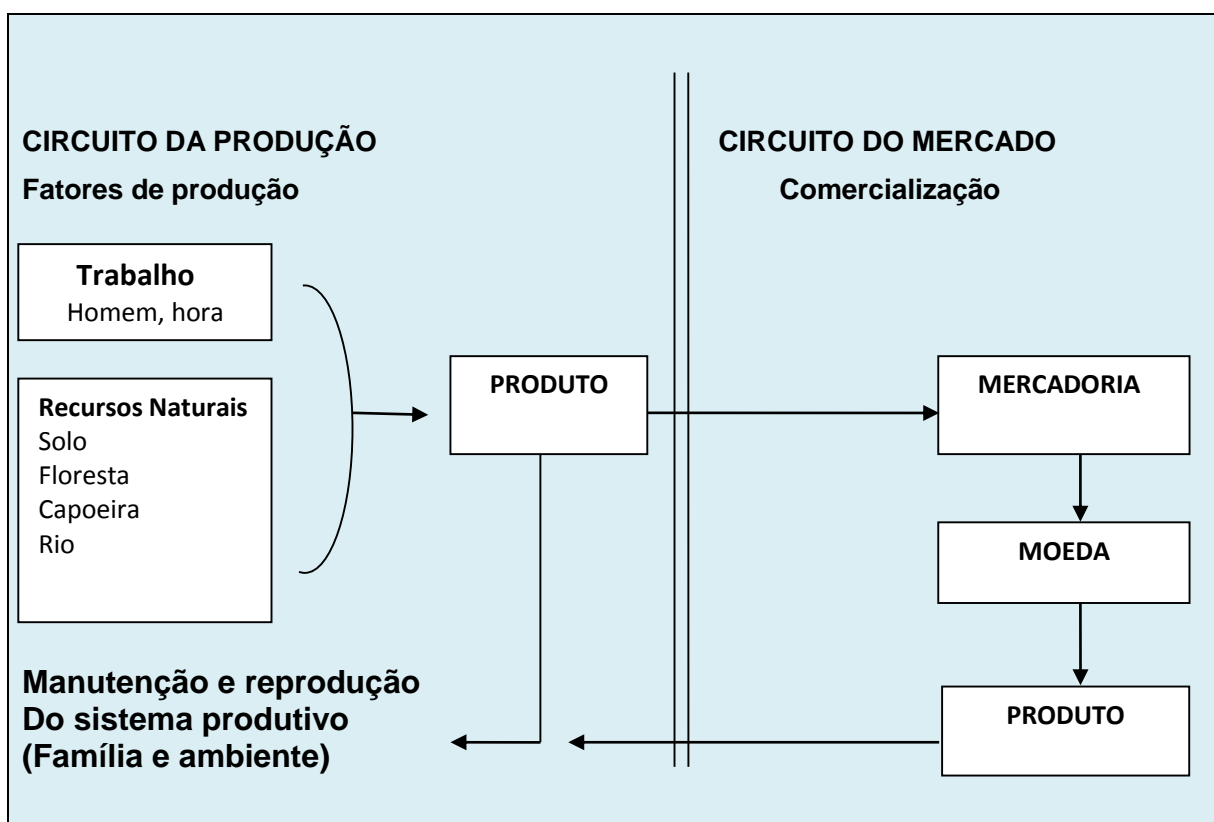


Figura. 9: Fatores envolvidos no processo produtivo na agricultura da várzea do rio Amazonas-Solimões (adaptado de Noda 2007).

Nas comunidades camponesas, de acordo com Noda (2007), verifica-se de forma complementar e simultânea, a combinação de duas atividades econômicas: produção de meios de vida e a produção de mercadorias. Atividades essas operadas diretamente pela família, a unidade de produção é a família. Conforme Noda (2009), a predominância das hortaliças convencionais talvez seja a característica mais marcante dos atuais sistemas agrícolas de várzea e terra firme, cerca de dez espécies, sendo que esta produção está voltada principalmente para o abastecimento dos mercados urbanos.

Circulação e comercialização da produção

O sistema de comercialização se estabelece a partir de relações de contato com os centros urbanos e as grandes cidades localizadas próximas das áreas de produção. O mercado local está organizado através das relações estabelecidas para reter e selecionar o excedente produzido nas sociedades locais. Na circulação e comercialização da produção camponesa, ocorre uma apropriação dos excedentes produzidos por um conjunto de “agentes de comercialização” marreteiro, marreteiro-feirante, regatão e patrão. Segundo Noda (2007), estes agentes são genericamente denominados de intermediários, e encontram-se em diferentes locais, sendo os principais nas beiras dos rios nas moradias dos produtores, os portos, as feiras e mercados e em constante movimento em suas embarcações fluviais. Nessa relação camponês-intermediário, está representada a subordinação do camponês à vontade do capital comercial. A inexistência de políticas agrícolas e agrária, voltadas ao campesinato na Amazônia, a produção de excedentes pelo sobre trabalho familiar em ambiente favorável e frugalidade na maneira de viver dos agricultores familiares, favorece o aparecimento desses agentes de comercialização. (FRAXE, 2011).

Alguns produtores, quando possível, conseguem vender seus produtos diretamente para os consumidores urbanos nas áreas próximas aos mercados e feiras. A venda efetivada diretamente é mais vantajosa aos produtores, mas ainda diminuta, sendo difícil de ocorrer durante todo o ano, pois o tempo necessário de permanência no local de comercialização, a distância e a disponibilidade de transportes, provoca custos adicionais com despesas de estadia e alimentação. Terminando o comerciante local como o comprador mais importante, seguido de barco de linha e de outros atravessadores.

Atualmente, esta situação vem mudando. Algumas Prefeituras Municipais intervêm e influenciam na comercialização dos produtos, ao participarem da organização da comercialização nos mercados e feiras de produtores. Como acontece nessa parceria com a ADS, na tentativa de incentivar e valorizar o produtor rural, na efetivação da sustentabilidade. Ocorre nesta situação a comercialização direta do produtor ao consumidor, sendo mais vantajosa ao produtor, pois os preços são melhores e com recebimento à vista.

Antes da feira, o atravessador ia no sítio, pagava pouco, pagava o que ele queria, levava a produção e só pagava na volta, se ele tivesse vendido... Não tinha outro jeito, os bagulhos ficavam estragando,

então era melhor vender assim mesmo. Não era o preço da feira. (Entrevistada, 2013).

Hoje eu vendo na feira em Manaus, às vezes na feira de Manacapuru. Aqui em Manaus no CIGS eu vendo bem, preço bom, difícil sobrar alguma coisa, só quando não consigo trazer tudo ou vender, aí eu vendo pro marreteiro lá na beira do rio, pra não perder mesmo. (Entrevistada, 2014).

As mulheres e famílias camponesas de Manaus e interior, iniciaram sua participação nas feiras através dos sindicatos e comunidades locais, tendo em comum a busca pela dignidade da família, permanência no campo e autonomia feminina, um outro rumo, uma outra definição para a divisão do trabalho dentro da unidade produtiva, gerar uma renda extra, entre outros.



Figura 10: Feirante com o filho na Feira do CIGS. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013.

A pesquisa realizada por Castro et al (2008), nas comunidades amazônicas revelou a grande participação das mulheres no espaço físico e social, de uma forma mais ou menos expressiva. Mesmo que seu trabalho ainda seja considerado como ajuda, parece que de forma inconsciente inicia-se uma quebra nas estruturas patriarcais herdadas das gerações anteriores, principalmente quando as mulheres passam a exercer atividades que antes não podiam ser realizadas por elas. Este processo ocorre devido à busca de respostas às novas necessidades que surgem no cotidiano. A participação da mulher nos espaços produtivos como a agricultura familiar caminha junto com a percepção subjetiva que esta mulher tem de seu

reconhecimento, no momento que passa a se ver como conhecedora e manipuladora do processo produtivo.

De acordo com Noda (2007), Fraxe (2011) a aproximação entre áreas de produção e os centros urbanos é um fator de grande importância. Os produtores de localidade mais distantes e com menores alternativas nas condições de acesso aos centros comerciais, tem maiores gastos com o transporte para comercialização, constituindo-se um fator de limitação.

O produtor isolado, ou com dificuldade de acesso aos mercados ou de transporte de sua mercadoria, poderá deixar de vender seus produtos diretamente ao consumidor, e entregar sua produção a um intermediário, por um preço mais baixo. Isso ocorre, pois, a estrutura do trabalho do intermediário é a mobilidade (possuidor de um meio de transporte, barco, caminhão), a informação de mercado (contatos relevantes) e o fluxo de caixa e outros recursos que o permitirão encontrar os produtos necessários. Além de possuir dinheiro “na mão”, barganha e convence o produtor a vender ao seu preço.



Figura 11: Fachada da feira do CIGS. Manaus/AM - Fonte: R. B. Vargas. 2013.

A Importância das Feiras como canal de comercialização da agricultura familiar

De acordo com estudos do **IICA**⁹ (Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura), as feiras livres são canais de comercialização de produtos da Agricultura Familiar que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas ou são objetos de programas de desenvolvimento rural. Quando presentes, os programas estão marcados por um forte caráter produtivista, deixando em segundo plano a análise das categorias sociológicas envolvidas na atividade. Para Ribeiro et al (2005), tal fato expõe a invisibilidade econômica das atividades locais sobre feiras, sendo que a maior parte aborda somente os aspectos econômicos e certa marginalização da agricultura familiar. Pois são escassos os estudos sobre feiras, sendo que a maior parte aborda somente os aspectos mercadológicos da atividade.

Nos anos 1990 e 2000 as dificuldades da Agricultura familiar em se estabelecer nos mercados, passaram a estar presente na pauta da formação das políticas públicas, restando duas orientações iniciais, entendidas como alternativas viáveis para a superação das dificuldades na comercialização da produção familiar: o associativismo e o acesso a mercados específicos (RIBEIRO, 2003).

Em Manaus, as feiras de produtores rurais, se tornaram espaços de (re)existência. O trabalho camponês se (re)forma através de seu “pensamento social agrário alternativo” e vem se firmando através de atitudes que comprovam a sua resistência em versatilidade em produzir e resistir, lutando contra toda a forma de dominação e discriminação (GUSMAN E MOLINA, 2005). É a reinvenção do *habitus*.

Com a feira de Manaus ficou muito melhor, agora a gente vende tudo, vende bem, com preço bom. Antes dava uma tristeza a gente trabalhava, trabalhava e via a produção estragando... ou então tinha que vender pro marreteiro (atravessador) a qualquer preço, o que ele quisesse pagar...às vezes nem recebia. Dava dó. Era triste... (Entrevista, Rio Preto da Eva, 2014).

A criação das feiras de produtos regionais

⁹ O Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) é um organismo internacional, fundado em 1942, especializado em agricultura e bem-estar rural vinculado à Organização dos Estados Americanos (OEA). O principal objetivo do IICA é a realização de uma agricultura competitiva, sustentável e inclusiva para as Américas. A atuação do instituto segue uma visão moderna sobre os desafios da agricultura, que vão desde os efeitos das mudanças climáticas na produção agrícola até a urgência em alimentar a crescente população mundial e criar oportunidades e empregos para os homens e as mulheres do campo. <http://www.iicabr.iica.org.br/o-que-e-o-iica/>

Ao falarmos nas feiras de produtos regionais em Manaus, é preciso *a priori*, entender como elas surgiram, sua origem e objetivos das políticas públicas do Estado, desenvolvidas pela **ADS** (Agência de Desenvolvimento Sustentável). E como surgiram as parcerias para a implementação destas feiras.

A ADS foi criada pela Lei Delegada nº 118 de 18 de maio de 2007, empresa pública de direito privado, com autonomia administrativa, técnica, patrimonial e financeira, com sede em Manaus e jurisdição em todo o território do Amazonas. Tem como objetivo “apoiar e estimular iniciativas de desenvolvimento sustentável dos recursos de natureza ambiental, de origem florestal, mineral, pesqueira e agropecuária, com ênfase na agregação de valor e geração de emprego e renda, promovendo a inclusão social e econômica da população rural. Dando apoio à comercialização dos produtos ambientais e dinamizando as cadeias produtivas”.

Em suma a ADS, responsável pelo fomento e desenvolvimento sustentável, atua na organização e escoamento da produção oriunda da agricultura familiar e do extrativismo, base da economia do setor primário do Amazonas.

De outra banda, o Exército Brasileiro, representado pelo Comando da 12ª Região Militar com sede em Manaus, que é responsável por toda a logística de suprimento de suas unidades na área da Amazônia Ocidental¹⁰, com a intenção de cooperar nas ações voltadas ao desenvolvimento social e econômico da região Norte do país que convergiu em intenções e atitudes com a ADS, formando parcerias para o escoamento e comercialização dos produtos regionais, na aquisição de gêneros alimentícios diretamente dos produtores rurais e organizações de produtores (cooperativas e associações), cadastradas pelo Governo do Estado.

Nesse diapasão, frente às organizações comunitárias e cooperativas de agricultores é que o Governo do Amazonas, através da ADS (Agência de Desenvolvimento Sustentável), numa política pública de inclusão social e sustentabilidade, implantou o **projeto de feiras de comercialização de produtos regionais**, onde o camponês produz e vende diretamente ao consumidor o produto de seu trabalho, sem precisar se submeter aos agentes tradicionais de comercialização (marreteiro, regatão, patrão, etc.).

¹⁰ Amazônia ocidental: Composta pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, a Amazônia Ocidental detém 42,97% da extensão territorial da Amazônia Legal e comporta aproximadamente 57% das florestas da região, o que a torna a parte mais preservada da Amazônia, além de ser um estoque de biodiversidade sem igual no planeta. Fonte: www.suframa.gov.br. acessado em 19.01.2015.

O projeto feiras de produtores regionais fruto de parcerias da ADS com o Exército Brasileiro, SEPROR e Prefeituras diversas do interior do Amazonas (entre outras parcerias), iniciou-se em 2008, com a **Feira de Produtos Regionais do CIGS**, mais tarde as **Feiras da Cidade Nova, da Polícia Militar** e por último, em 2012, a **Feira do CASSAM** ou da Aeronáutica, denominada esta, **de Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais**. Em razão da receptividade das feiras tanto por parte dos consumidores quanto produtores, dos resultados favoráveis, ainda no 2º semestre de 2014, foi implementada a 5ª feira Regional na Vila Buriti, **Feira da Marinha**, localizada na BR 319 – Km 4,5 – Distrito Industrial (por trás da Polícia Federal), com previsão de mais uma (6ª) para 2015.



Figura 12:- Fachada da feira da Marinha, Distrito Industrial. Manaus/AM. Fonte: ADS. 2014.

Nessa parceria, para a realização das feiras a ADS cadastra os produtores locais e do interior interessados em vender sua produção, através dos sindicatos e organizações locais, juntamente com seus parceiros disponibilizam aos produtores o apoio logístico (transporte dos produtos em caminhão baú e dos feirantes em ônibus para aqueles que não disponham de transporte próprio) e a infraestrutura completa como tendas, mesas, cadeiras e caixas para exposição dos produtos. Organiza o espaço cedido, além de fornecer aos feirantes a pesquisa de preço.

A estrutura da Feira

Toda a estrutura física das Feiras Regionais do CIGS e CASSAM está a cargo da ADS, que providencia pavilhão modular de metal com cobertura de lona, tendo os boxes compostos por cadeiras e mesas de plástico pvc branco na primeira, e pallets de plástico azul com cadeiras pvc brancas na segunda, montados em cada local em sábados alternados. Sendo os espaços físicos cedidos respectivamente os estacionamentos do CIGS (Exército) e CASSAM (Aeronáutica). Cada feirante dispõe no máximo de duas mesas para seu box. O que muitas vezes se apresenta bastante diminuto à quantidade de hortifrúti trazidos para a feira. A ADS disponibiliza aos feirantes aventais e bonés para o trabalho na feira, de cor verde para a Feira do CIGS e de cor azul para o CASSAM.



Figura 13: Agricultora feirante. Feira do CASSAM. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013.

A ADS mantém um administrador das feiras com presença constante no local em dias de lide, mantendo a organização, fiscalização e atendendo demandas, além de fornecer antes do início dos trabalhos uma pesquisa dos preços médios dos produtos, efetuada no dia anterior na Feira da Manaus Moderna, para balizamento dos preços a serem aplicados pelos feirantes.

Ambos os locais dispõem de sanitários, energia elétrica, e um espaço para lanches regionais, este disponibilizados por feirantes, além de ambulância de plantão e estacionamento controlado pela polícia do exército, oferecendo segurança e conforto aos consumidores e produtores.

Quando indagadas sobre as principais estruturas de apoio oferecidas pelos organizadores da feira, as pesquisadas indicaram barracas (100%), local cedido (90%), segurança e estacionamento (50%), transporte do feirante e do produto (20%). Demonstrando um nível muito bom de satisfação com as estruturas, e com poucas reclamações e/ou sugestões. (Fig.14).

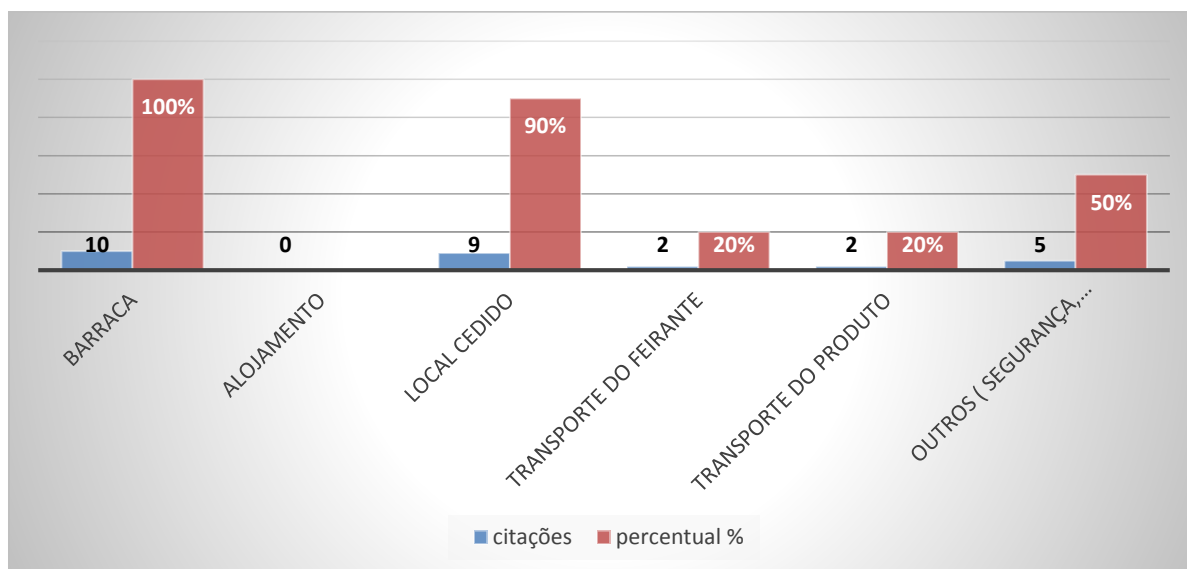


Figura 14 - Estruturas de Apoio aos feirantes presentes nas feiras do CASSAM e CIGS citado pelos entrevistados. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

Os preparativos para a feira começam dias antes, pois o trabalho do campo exige cuidados diários e programados para ter os produtos organizados em tempo para que possam trazê-los à feira. Essa produção reforça o sentido do campesinato se produzir em pequenas áreas, o trabalho familiar e o sistema integrado e complexo de policultivos, combinando produção animal e vegetal.

A seguir mulheres feirantes entrevistadas relatam parte da dinâmica para a feira.

Lá no sítio, nós começamos a nos preparar pra Feira na quarta ou na quinta de manhã bem cedo. É tem que ser, porque colhemos as frutas, o “cupu”, a goiaba, o mamão, o que tiver lá, aí selecionamos, lavamos, né, porque o cliente gosta de tudo limpinho e na feira eles também exigem, e fica mais bonito, né. Depois separamos nas caixas ou embalagem, na quinta, colhemos as verduras à tardinha, também lavamos, embalamos e na sexta feira cedinho já carregamos pro barco pra chegar ainda de manhã em Manacapuru e aí pegar o transporte dos bagulhos (produto), que é o caminhão da prefeitura que vai levar pra Manaus. A gente chega em Manaus à tardinha. Aí se prepara pra feira no outro dia, que é sábado e só voltamos pra casa sábado à tardinha. (Feirante, Várzea do Rio Solimões, Manacapuru, 2014).

Aqui na feira chegamos na sexta á tarde, trazemos os produtos no caminhão, as vezes tem quem ajude a descarregar, outras é nós mesmo que descarregamos, com ajuda dos filhos ou marido, quando ele vem. Aí preparamos tudo, embalamos de noite, arrumamos as mesas pro outro dia. E ajeitamos um lugar pra dormir, põe a rede aqui, quando dá ou colocamos colchão inflável em cima de papelão no chão mesmo. E quatro da manhã a gente já tem que estar em pé, pronto. As quatro e pouco já começa a chegar gente. (Entrevistada, 2014).

A participação por gênero

Observou-se em todas as feiras estudadas que a participação feminina é muito superior à masculina. O que confere o cadastro de feirantes fornecido pela entidade organizadora das feiras (ADS). (Tab. 1)

Conforme dados da tabela 1, na feira do CIGS 71% dos feirantes são mulheres e 29% são homens. Enquanto na Feira do CASSAM 78,78%, quase um percentual de 80% de mulheres para 21% de homens. No percentual total das duas feiras, 75% dos participantes são mulheres, mesmo que algumas acompanhadas de seu marido e filhos são elas que dirigem a banca e coordenam as vendas.

Tabela 1: Feiras de produtos Regionais do CIGS e CASSAM, feirantes cadastrados (2013). Manaus/AM. Fonte: ADS

GÊNERO	F. CIGS	% CIGS	F. CASSAM	% CASSAM	TOTAL
Homem	21	29,16	14	21,21	35
Mulher	51	70,83	52	78,78	103
TOTAL	72	100	66	100	138

As mulheres se inserem melhor nesse tipo de mercado, demonstram maior interesse e dedicação, veem como uma oportunidade de entrar no mercado de trabalho sem grandes exigências de qualificação. Elas encontram neste tipo de trabalho um nicho de mercado. Isso é demonstrado na percepção de uma feirante sobre a participação das mulheres:

A mulher é mais determinada, de atitude, trabalha muito, tem mais responsabilidade e sabe vender melhor que o homem. Se comunica mais. (Entrevistada, CIGS, 2013).

A mulher vem ganhando espaço, se esforça, faz curso, vende mais que os homens. Meu pai é que planta, eu ajudo, mas quem vende na feira sou eu. (Entrevistada, CASSAM 2014).

Produtos comercializados

Segundo informações da ADS, há mais de vinte e cinco municípios do Estado do Amazonas, cadastrados para comercializarem seus produtos nas Feiras Regionais de Manaus.

O quadro 1, abaixo, relaciona os produtos comercializados e os municípios de origem. Constatou-se que os produtos de municípios distantes são terceirizados para os feirantes das proximidades de Manaus. E que os hortifrúteis são produzidos por agricultores familiares de municípios da região metropolitana de Manaus, onde se encontram as atrizes sociais da pesquisa.

Quadro 1: Produtos comercializados, por município, nas Feiras Regionais – Manaus/AM. Fonte: ADS (2013).

- Queijo, coalhada, café, linguiça manteiga (Apuí, Autazes e Careiro).
- Pescados (Anamã, Beruri, Fonte Boa, Jutaí, Manacapuru, Maraã, Maués, Silves, S. Antônio do Iça, Tefé e Tonantins).
- Artesanato e açaí (Benjamim Constant).
- **Hortifrúteis (Careiro C., Itacoatiara, Iranduba, Manacapuru, Manaquiri, Novo Airão, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva e Manaus).**
- **Macaxeira (Careiro C, Manacapuru, P. Figueiredo).**
- Farinha, tapioca (Careiro C., Jutaí, Tefé, Uarini).
- Noni *in natura* e processado (Itapiranga).
- Ovos de codorna e galinha, mel, goma, artesanatos, peixe processado (Manaus).
- Castanha do Brasil (Manicoré).
- Açúcar mascavo, rapadurinhas, guaraná e pescados (Maués).
- Utensílios de barro e artesanatos (Parintins).

De acordo com informações fornecidas pela ADS, relatórios, entrevistas com o diretor desta (set.2013) e observação direta, seguem informações sobre cada uma das quatro feiras.

Feira de Produtos Regionais do CIGS (2008-2015)

Projeto integrante da parceria **ADS** e Exército Brasileiro, primeira das feiras regionais, realizada quinzenalmente, no estacionamento externo do **CIGS** (Centro de Instrução de Guerra na Selva), no Bairro São Jorge, Avenida São Jorge, a partir das 06h da manhã até às 12h.



Figura 15: Feira de produtos regionais do CIGS – Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013.

A figura (16), abaixo, mostra o início dos trabalhos da feira às cinco horas da manhã, ainda noite, com uso de luz artificial, quando começam a chegar os primeiros consumidores. Embora o horário determinado para o início seja às 6h, o público consumidor usual, começa a chegar antes mesmo das 5h.



Figura 16: Antes do amanhecer na Feira do CIGS. Manaus/AM, 2014. Fonte: R. B. Vargas

Nas palavras de Luiz Otávio (diretor da ADS):

O evento abriu novos nichos para a agricultura familiar e teve sua primeira edição no dia 16 de fevereiro de 2008, colocando frente a frente produtores rurais e os consumidores manauaras, proporcionando a oferta de produtos de alta qualidade a preços competitivos. (2013).

Segundos dados da ADS (2013), em seus quase seis anos de existência, a feira já movimentou mais de catorze (14) milhões de reais, e comercializa em média, por edição quinzenal, cerca de 25.550kg de produtos regionais, oriundos da agricultura familiar do nosso estado, gerando em torno de R\$ 110 mil, e um público visitante superior a 2.500 pessoas. (Tab.2).

Á princípio, a escolha do lugar e parceria com o Exército foi estratégica, pois o bairro é afastado do centro, não possuindo outras feiras nas proximidades, e também, o oferecimento da parceria com a disponibilidade do local partiu do Exército pensando em beneficiar as famílias militares do entorno com a compra de alimentos mais saudáveis e a preços acessíveis, regionalizar a alimentação destes, além de propiciar oportunidades aos produtores locais. O que foi muito bem recebido pelos consumidores, abrangendo não só os familiares de militar, bem como os moradores dos bairros próximos.

Ano após ano, desde a sua criação a feira de produtos regionais do CIGS tem demonstrado uma evolução positiva de público, vendas de produtos e

aprimoramento dos feirantes no atendimento ao consumidor bem como na oferta de produtos cada vez mais variados.

Nos resultados obtidos na feira do CIGS desde sua criação em 2008 até final de 2013, observa-se na última coluna da tabela 2, a média por cada edição da feira, dos resultados obtidos no período de cinco anos (2008 a 2013). Onde foram movimentados recursos de R\$ 102.059,00, com a participação média de 78 cadastrados e um público visitante de 2.767 pessoas. (Tab. 2).

Tabela 2 – Dados Gerais da Feira do CIGS realizadas em Manaus/AM 2008-2013. Fonte ADS

Resultados obtidos	Total 2008 21ed.	Total 2009 25ed.	Total 2010 25ed.	Total 2011 24ed.	Total 2012 25ed	Total 2013 18ed	Total 2008 a 2013	Média 2008 a 2013
Recursos movimentados (R\$)	1.597.778	2.140.479	2.766.334	3.002.640	2.607.116	1.969.739	14.084.086	102.059
Produtos comercializados (Kg)	334.583	495.096	660.499	698.090	584.742	458.658	3.231.658	23.418
Público visitante (nº)	52.888	64.004	82.829	73.905	62.127	46.069	381.822	2.767
Cooperativa e assoc. participantes	58	61	81	83	88	90	90	78

Na tabela 3, refere-se ao ganho médio (bruto) por família beneficiada na feira do CIGS, isto é, são os valores para quem comercializa apenas em uma feira, a cada quinzena, portanto em duas vezes ao mês. Entretanto nas entrevistas verificou-se que apenas uma minoria (menos de 20%) comercializa somente em uma feira.

Tabela 3 - Ganho médio por família beneficiada 2008-2012(R\$). Feira do CIGS, Manaus/AM. Fonte ADS

Quinzenal	Mensal	Anual
704,20	1.408,34	16.864,32

A feira conta com uma média de 78 participantes cadastrados, vindo produtos de cooperativas e associações, oriundos de 27 municípios do estado, desde os mais distantes como Benjamin Constant, Santo Antônio do Içá, até os mais próximos, como Novo Airão, incluindo Manaus. Constata-se nas feiras a participação, em sua maioria de produtores de municípios vizinhos de Manaus. Justifica-se, pela proximidade geográfica, e apoio na logística e transporte.

Feiras de Produtos Regionais na Cidade Nova (2010-2013)

Ampliando as parcerias, a ADS criou através de iniciativa público-privada, uma Feira de Produtos Regionais semanal, nos moldes da feira realizada no CIGS, porém com menores dimensões, atendendo uma demanda do empresariado local, principalmente da Zona Norte de Manaus. A empresa parceira para essa ação experimental foi o Frigorífico Vitello onde a feira ocorreu. No período de 2010 a 2011, aos sábados pela manhã, nas dependências da Matriz do Frigorífico.



Figura 16: Feira de Produtos Regionais no Bairro Cidade Nova. Manaus/AM. Fonte: R. B.Vargas. 2013

A partir de 2012, através de parceria com o Governo do Estado e Secretaria Estadual de Educação (Seduc), a feira passou a ser realizada **no ginásio coberto da Escola Estadual Júlio César de Moraes Passos**, no mesmo bairro.

Conta atualmente com a participação de 44 produtores em média, com a venda de produtos hortifruti, açaí regional, sucos naturais, plantas ornamentais e café regional, tendo gerado mais de R\$ 5 milhões em seus quase 4 anos de existência. A feira tem sido um sucesso e tem-se obtido bons resultados. (LUÍS OTÁVIO, diretor da ADS-2013)

Feiras de Produtos Regionais do Comando da PM (2011- 2013)

Em maio de 2011, foi firmada mais uma parceria pública entre o Governo do Amazonas, por meio da ADS, em que ficou definida a realização de feiras quinzenais de produtos regionais no Quartel do Comando Geral da Polícia Militar, no bairro Petrópolis em Manaus. A feira também segue o mesmo modelo das que vêm sendo realizadas no CIGS, em parceria com o Exército Brasileiro, em quinzenas alternadas, o que permite um sábado de feiras no CIGS e outro no Comando da Polícia Militar.



Figura 17: Feira de Produtos Regionais do Comando da Policia Militar. Manaus/ AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013

Segundo a ADS, a intenção do Governo do Estado é ampliar os locais de venda de produtos regionais oriundos da Agricultura Familiar, garantindo, dessa forma, a comercialização da produção local.

O Comando da Polícia Militar do Amazonas, sediada no bairro de Petrópolis, abre seus portões a partir das 5h da manhã estendendo-se até meio-dia, para que o público local possa ter acesso aos produtos regionais disponíveis para venda no

local, priorizando-se a qualidade dos mesmos, preços acessíveis (diferenciados dos praticados no mercado local) e a comercialização direta através do Produtor Rural.

Em seus quase dois anos e meio de realização, a Feira vem beneficiando, em média, 61 produtores rurais individuais, cooperativas e associações, e já gerou, aproximadamente, R\$ 3 milhões, recursos esses que beneficiam, diretamente, os produtores rurais do interior do Estado e entorno de Manaus. (L. O. Diretor da ADS, 2013).

Feiras de Produtos Regionais do CASSAM – Aeronáutica (2012-2013)



Figura 18 - Feira de produtos Regionais do CASSAM. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2013.

Atendendo aos anseios dos moradores da Zona Sul e dos militares da Aeronáutica, a ADS lançou, no dia 04 de fevereiro de 2012, a **Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais do Amazonas**, no pátio do Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica (CASSAM), zona sul. O novo espaço é resultado de um convênio entre Governo do Estado, o Ministério da Pesca e Aquicultura e o 7º Comando Aéreo Regional (7º COMAR).

No local estão montadas tendas permanentes de lona, medindo 10x10m² cada, que abrigam tanto os produtores rurais (que expõem seus produtos em pallets

plásticos), quanto os visitantes. A feira que é voltada **às produtoras rurais**, realizada quinzenalmente, das 6h às 12h.

Segundo Luís Otávio, a iniciativa de reservar espaço às mulheres faz parte da política da atual administração, que pretende gerar para o público feminino, oportunidades de acesso à qualificação, ao emprego e à renda. (set. 2013).

Na tabela 4, são mostrados os resultados obtidos com a feira da Aeronáutica, no período de dois anos (2012 -2013), desde a sua criação, onde verifica-se na última coluna a média de recursos movimentados, por edição de feira, de R\$ 103.439,00, um público visitante de 3.279 pessoas e 90 participantes.

Tabela 4 – Dados Gerais da Feira do CASSAM realizadas em Manaus/AM 2012-2013.
Fonte ADS

Resultados obtidos	Total 2012 24 edições	Total 2013 19 ed.	Total 2012 a 2013	Média 2012-2013 43 edições
Recursos movimentados R\$	2.420.591	2.077.293	4.447.884	103.439
Produtos comercializados (kg)	620.689	525.017	1.135.706	26.412
Público visitante (nº)	84.152	56.826	140.978	3.279
Coop. E Assoc. participantes (média)	92	89	89	90

Quanto à média de ganhos, observa-se (Tab. 5) o mesmo comentário feito antes sobre a feira do CIGS, trata-se apenas do comercio em uma feira, que ocorre por quinzena, sendo duas edições de feira por mês. No entanto nas entrevistas constatou-se que a maioria comercializa em duas ou mais feiras. Portanto, esse ganho é duplicado.

Tabela 5 - Ganho médio por família beneficiada 2012-2013 (R\$). Feira do CASSAM, Manaus/AM. Fonte ADS

Quinzenal	Mensal	Anual
711,93	1.423,86	17.086,52

Percepção das agricultoras-feirantes sobre os benefícios socioeconômicos da feira

Constatou-se que muitas mulheres e até mesmo famílias que são feirantes do CIGS, também vendem seus produtos em edições alternadas em outras feiras de produtos regionais, aumentando o escoamento e comercialização de sua produção e ampliando sua renda.

A feira de produtos regionais como espaço de negócios é uma importante ferramenta para as mulheres camponesas comercializarem seus produtos diretamente ao consumidor, eliminando assim o atravessador. Planejar suas ações e participação na feira, mantendo sua produção e reprodução, escolhendo os produtos a serem comercializados, é também uma forma de organização em Movimentos, não só para obter renda, mas também de se opor ao modelo de comércio imposto e demonstrar (fortalecer) sua autonomia camponesa. Isso se torna bem visível nas entrevistas com algumas mulheres camponesas feirantes, onde estas demonstram sua satisfação em ter independência financeira e autoestima elevada pela realização e resultados da feira.

Essa feira pra mim significa muita coisa. Hoje eu tenho prazer em trabalhar. Hoje eu sinto orgulho de trabalhar, tenho disposição em produzir e trazer produto de qualidade com preço bom. Conhecer pessoas diferentes. Foi uma mudança, uma melhoria, ajudou a pagar as contas, a sair de casa. Antes eu vivia muito triste, só em casa, trabalhando, trabalhando... aquele tédio... vendo a produção estragar... era muito triste. (Entrevista, 60a, 20.07.13)

A feira é mais um benefício. Aumenta a renda, Benefício pra toda a família. Porque vende direto (produz e vende), sem atravessador. As mulheres saem de casa... (Entrevista, 56 a., 03.08.13).

As camponesas feirantes relatam em entrevistas, que o mais importante para elas é o “aumento da renda”, a oportunidade de saírem de casa e conviverem com outras pessoas. Entendem por renda a simples transformação da mercadoria em dinheiro. Essa renda tem por objetivo principal a manutenção da família, em sua reprodução simples, como manter os filhos na escola e comprar produtos que não produzem, como os industrializados (café, açúcar, vestuários, querosene, etc.). Os gastos referentes a compras para a casa, roupas, calçados e materiais escolares são feitos com a “renda da feira”. Mostram satisfação em poder participar do orçamento familiar, como seguem os depoimentos:

É pra casa, é pra família, é pra casa, no início tá assim, as vezes pode aumentar a renda e pode fazer uma outra coisa, mas é pra nós aqui mesmo, é pra despesa, calçado, roupa pra eles (os filhos e marido), tá tudo aqui. Tá bom pra todo mundo. Tá o que precisa, aí a feira termina, a gente já vai no supermercado faz uma comprinha, vem embora. Coisa pra escola, uma roupa, é tudo tirado da feira. (Entrevistada, set.13).

Com a venda direta ao consumidor, aprimora-se a estratégia utilizada pelas feirantes camponesas em valorizar seus produtos, pois agregam valor e ainda mantêm uma relação social com o centro urbano, obtendo uma melhor renda quando comparados a preços e dificuldades de comercialização anteriores a feira, além do rendimento financeiro, o que proporciona uma satisfação maior ainda, é de não ser explorada por atravessadores, e de outro lado poder programar as futuras produções, tendo em vista a continuidade da feira.

Entre os consumidores, também se percebe a satisfação em poder desfrutar daquele espaço, que além da compra de produtos de qualidade a um bom preço, tem o encontro, o convívio com amigos, conhecidos, outras pessoas do mesmo bairro, o saborear de um café com produtos regionais. Fazem da feira não só um lugar de comércio, mas também um lugar especial de reuniões e encontros.

Percebe-se que a feira se encontra em um local seguro e bem organizado, onde temos a possibilidade de adquirir produtos de qualidade diretos do produtor, encontrar amigos, tomar um café regional. Uma oportunidade a mais e um incentivo o produtor camponês. (Depoimento, J. N., 47a, consumidor).

Quando perguntadas sobre o maior benefício desta feira, as entrevistadas responderam, entre outros, por unanimidade o econômico, “a melhoria da renda”. Na Figura 2, as entrevistadas falam no benefício econômico (100%), detalham que a renda da feira ajudou a pagar as dívidas, conseguiu reformar a casa, comprar roupas para a família, coisas para a casa, como tv, eletrodomésticos e tem algumas que conseguiram inclusive comprar carro para o transporte dos produtos. Quanto ao benefício social (80%), relatam que fizeram novas amizades, reencontram os amigos, encontram pessoas diferentes, tem oportunidade de trabalho, se sentem mais alegre. Veem seu trabalho valorizado (80%), como agricultora e como mulher. Outro benefício relevante citado com ênfase em 100% das pesquisadas é a venda direta ao consumidor, ou seja, eliminação dos atravessadores. Ao que segue, venda

de todos os produtos (70%), independência financeira (60%), segurança na renda (30%) e até mesmo melhoria da saúde (30%). (Fig.20).

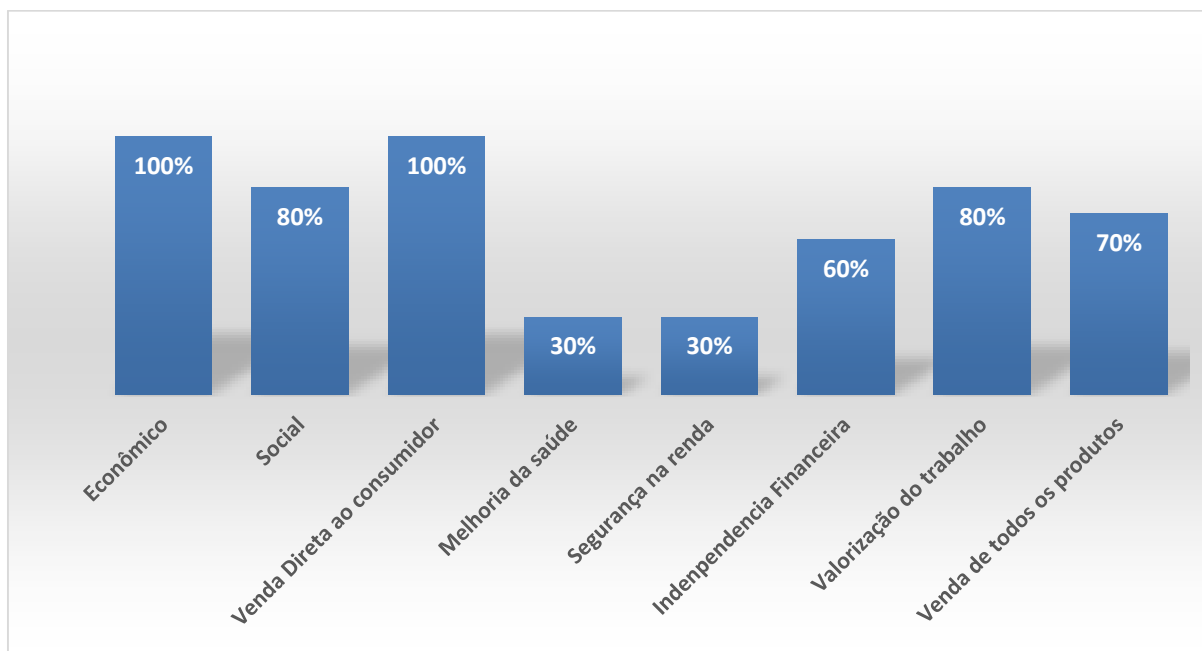


Figura 19 – Percentual de percepção sobre os benefícios da feira de produtos regionais (CIGS e CASSAM). Manaus/AM. Fonte: Pesquisa de campo. R. B. Vargas. 2014

Algumas argumentam que com a renda da feira, periódica e pouco variável, hoje já é possível planejar uma compra ou fazer um investimento na propriedade.

Hoje, eu sei que a feira é certa, tem uma renda certa, a gente sempre tem um dinheirinho guardado e até já pode pensar em fazer um investimento na propriedade ou uma compra maior à prazo. Eu estou juntando, para comprar uma camionetinha até o final do ano. Aí posso transportar os meus produtos. (Entrevistada, 2014).

Pelos depoimentos tanto das feirantes como dos consumidores vê-se a importância da feira para as mulheres camponesas e os moradores do bairro. E que a participação das mulheres em espaços públicos, reforça sua autoestima, segurança financeira, legitimando-se como trabalhadoras e donas de seu destino.

Percepção sobre as dificuldades das feiras

Ao abordarmos as percepções quanto às dificuldades e ou problemas que dificultam o trabalho na feira, as feirantes manifestam em suas falas que as principais são: dificuldade transporte dos produtos (60%) até o porto (várzea), ou até a estrada

(terra firme), falta de um transporte próprio, escassa mão de obra na família para o carregamento, ausência de carregador (50%) ou custo alto; E no local das feiras: os sanitários (50%) são precários e sem higiene, ausência de local para banho e alojamento (60%) para os produtores que vem de longe e chegam no dia anterior à feira.(Figura 21).

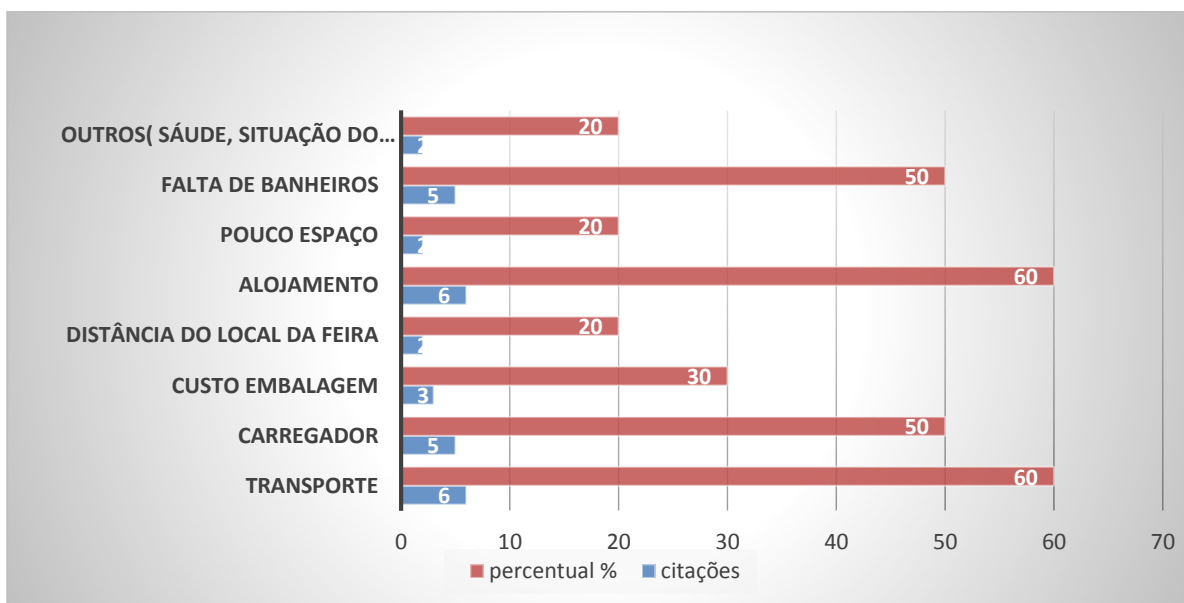


Figura 20 - Percentual das dificuldades na comercialização citadas pelas feirantes das Feiras do CIGS e CASSAM. Manaus-AM Fonte: Pesquisa de campo. R. B. Vargas. 2014

Evolução das feiras

De acordo com relatórios da ADS, de 2013, feito um balanço das feiras de produtos regionais desde a criação da primeira até final de 2012 (05 anos), verifica-se uma evolução positiva em todos os itens avaliados, desde recursos movimentados até o número de famílias beneficiadas (produtores e consumidores).

Na tabela (tab. 6), demonstrativo da evolução das feiras, disponibilizada pela ADS, observa-se nas colunas de percentuais, que houve um aumento significativo nos quatro itens observados, no CIGS e CASSAM respectivamente, por ano: recursos movimentados 18% e 5%, produtos comercializados 22% e 5%, número de público visitante 8% e 5% e participantes 9% e -2%. Na Feira do CASSAM, houve um decréscimo apenas no último item (-2%), mas sem maiores significações, pois há ocasiões que aumentando a demanda de produtos aumenta a participação.

Tabela 6 - Demonstrativo da evolução das Feiras do CIGS e CASSAM e de seus resultados Manaus – AM. Fonte ADS (2013)

Resultados obtidos	CIGS				CASSAM		
	2008	2012	%		2012	2013	%
			5 a.	1 a.			
Recursos movimentados (R\$)	1.577.778	3.002.640	90	18%	2.420.591	2.541.620	5%
Produtos comercializados(Kg)	334.583	698.090	109	22%	620.689	651.723	5%
Público visitante (nº)	52.888	73.905	40	8%	84.152	88.359	5%
Coop. Assoc. participantes (média)	58	83	43	9%	92	90	- 2,%

Os resultados evidenciam que o projeto beneficia famílias, agricultores familiares, consumidores, o comércio local que se expande cada vez mais, atingindo um grande número de público, gerando oportunidade de trabalho e renda aos participantes. E, também reforça o depoimento de algumas feirantes em que “a feira do CIGS é mais lucrativa, tem maior número de consumidores, aqui eu vendo mais”.

4. Considerações Finais

Pesquisar a dinâmica do mundo interno das feiras de produtos regionais, os ensinamentos, o perfil e a atuação das mulheres rurais é tarefa ainda árdua, visto que são poucas as referências e trabalhos acadêmicos sobre o tema, principalmente quando se trata do Amazonas.

Os dados da pesquisa demonstram a viabilidade das feiras de produtos regionais, como canal de comercialização da agricultura familiar e como instrumento de inclusão social e sustentabilidade ambiental. A feira como espaço de negócios é uma importante ferramenta para os agricultores familiares comercializarem seus produtos diretamente ao consumidor, eliminando assim o atravessador, fortalecendo sua estrutura econômica e autonomia.

Característica marcante observada nas feiras estudadas é a presença da mulher em número muito superior ao dos homens, que assume papel de destaque, participação essa, indicadora de mudanças no papel da mulher na divisão do trabalho na unidade camponesa. Trata-se de uma nova perspectiva para as mulheres que ficavam ocupadas e submetidas aos trabalhos “menos importantes”

na unidade familiar, para serem reconhecidas como fundamentais quanto à manutenção econômica da família.

A dimensão econômica avultou até desequilibrar a situação antiga das comunidades. A expansão do mercado capitalista não apenas força o camponês a multiplicar o esforço físico, daí surge a necessidade de reinventar a vida numa adaptação forçada. Constatou-se que os feirantes em geral demonstram uma disciplina bem determinada quanto aos trabalhos na feira, à presença constante (faltar só em situações relevantes, doenças, etc.), horários, higiene e aparência dos produtos (com frescor), organização da banca e apresentação pessoal (devidamente uniformizados e com asseio), um relacionamento cordial com os consumidores e colegas e satisfação na execução da lida, etc.

Observa-se a importância e a necessidade da implementação de políticas públicas voltadas à agricultura familiar, em especial à mulher agricultora. E, que, a ausência do Estado e dessas políticas, é um dos principais fatores de empobrecimento e miséria do camponês amazônico.

As feiras criaram um espaço onde o papel da mulher sofreu alterações nas relações com a família e a sociedade, incorporando o trabalho com o objetivo de gerar renda e dignidade. Bem como contribuem sobretudo para a reprodução dos saberes-fazer da cultura camponesa da região amazônica. É também, sem dúvida, um espaço privilegiado para a criação de políticas públicas de apoio às famílias agricultoras.

Entende-se, ainda, que a **feira regional** deve ser matéria de reflexão acadêmica e objeto de intervenção de políticas públicas de gênero e como canal de comercialização para a agricultura familiar. O estudo das feiras pode oferecer subsídios que qualificam a atuação do poder público, oferecendo dados relevantes sobre as suas dinâmicas de funcionamento, valorizando seu papel dentro das atividades econômicas.

O trabalho e a oportunidade de comercializar seus produtos nas feiras de produtos regionais proporciona melhor qualidade de vida, aumenta o gosto, o prazer em permanecer no campo, diminuindo a migração para a cidade, trazendo enfim, a sustentabilidade à agricultora familiar amazônica e ao seu modo tradicional de vida.

Assim, conclui-se que o projeto é muito bom, viável, responde aos objetivos de sua criação, traz excelentes resultados quanto ao quesito sustentabilidade, em suas mais variadas dimensões. No entanto o projeto “Feiras de produtos Regionais”

em Manaus, ainda é incipiente, são apenas cinco feiras, abrange poucos agricultores familiares, sofre limitações quanto ao alcance, transporte e de espaço, necessitando uma maior expansão. E um estudo para sua aplicação em outros centros urbanos menores.

Conclui-se que o estudo traz contribuições importantes podendo “subsidiar” políticas públicas para a questão da mulher agricultora.

7. Referências

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar predomina no Brasil. **Revista Com Ciência**, 10 de outubro de 2002.

ADS- Agencia de Desenvolvimento sustentável – **Relatório das feiras /2013**

Brasil. AIAF. Ano Internacional da Agricultura familiar. Comitê Brasileiro. <http://www.aiaf2014.gov.br/aiaf/o-ano-internacional>. Acessado em 2013 e maio de 2014.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 1992.

_____. **O desencantamento do mundo**. São Paulo. Perspectiva. 1979.

CASTRO, Albejamere Pereira. **Relações de Gênero e os Meios de Produção na Sustentabilidade das Comunidades Amazônicas**. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. (2008)

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablumme; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2011. 2ª Edição

FRAXE, Therezinha J.P., MEDEIROS, Carlos M. (orgs.) **Agroecologia, extensão rural e sustentabilidade na Amazônia**. Manaus, fundação Universidade do Amazonas, 2008.

FRAXE, T. J. P., PEREIRA, H. S., WITKOSKI, A. C., (orgs.) **Comunidades Ribeirinhas amazônicas: memórias, ethos e identidade**. Manaus. Reggo edições. 2011.

_____. **Comunidades Ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos Recursos naturais**. Manaus. Reggo edições. 2011.

FONSECA, T. M. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. 1989.

GODOY, Wilson Itamar. **As feiras-livres de Pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão socioeconômica de um sistema local de comercialização**. Pelotas, 2005. – 284 f.: il. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Agronomia. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas.

GODOY, W. I. e ANJOS, F. S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Brasília: expressão popular, 2005.

IICA. <http://www.iicabr.iica.org.br/iica-no-brasil/> Acesso em 03.02.2015.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Ana Maria de Farias. **Estatística Descritiva**. UFF. Centro de estudos gerais. Instituto de matemática departamento de estatística descritiva. 1994 .

NODA, Hiroshi. **Agricultura familiar na Amazônia, segurança alimentar e agroecologia**. www.emater.pa.gov.br/EmaterPortal/downloads/..agriFamAmz.pdf, 2009.

NODA, Sandra do Nascimento. **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas**. Manaus: Editora Edua, 2007.

OTAVIO, Luís. Diretor da ADS. **Entrevistas** concedidas à pesquisadora em 2013.

PIPI, Luís Guilherme A.; LIMBERGER, Lucienne Rossi Lopes; LAZAROTTO, Geruza. **Recursos para representação e análise da paisagem**. Paisagem Ambiental, São Paulo, n. 25, p. 105-126, 2008.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica**. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100006>. Acesso em: Dez 2013.

RIBEIRO, E. M., CASTRO, B. S.; SILVESTRE, L. H., CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F.M.; AYRES, E. B. Programa de apoio às feiras e à Agricultura Familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas** - v. 2 – n. 2 - junho de 2005.

RIBEIRO, E. M.; ÂNGULO, J.L.G; NORONHA, A. B; CASTRO, B.S; GALIZONI, F.M.; CALIXTO, J.S., SILVESTRE, L.H. A feira e o trabalho rural no Alto Jequitinhonha: um estudo de caso em Turmalina, Minas Gerais. * **UNIMONTES CIENTÍFICA**. Montes Claros, v.5, n.1, jan./jun. 2003.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I. ; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências**. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. 197 pg. 2005.

SHANIN, THEODOR, **A definição de Camponês**: conceituações e desconceituações. Universidade de Manchester. p.59. http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/a_definicao_de_campones.pdf. Acesso em 05/03.2015.

SENNA, A P. ADS comemora 10 anos. **Floresta Brasil Amazônia**, Manaus, a. 2, n. 6, p. 41-47, out-nov-dez. 2013.

TORRES, Iraíldes Caldas. 2005. **As novas amazônidas**. Manaus: EDUA.

TORRES, Iraíldes Caldas. **O ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Ed. Valer \Fapean, 2012.

SILVESTRO, Milton Luiz (et.al.). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: EPAGRI; Brasília: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, Florestas e Águas de Trabalho**. Manaus: Edua, 2007.

YIN, Robert K. **Estudos de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CAPÍTULO II



Fig. 1: Imagem do cotidiano e feira das mulheres que comercializam nas feiras de produtos regionais. Manaus/AM.2014. Fonte: R. B. Vargas.

As mulheres são atores sociais do mundo contemporâneo, que buscam o reconhecimento de seu papel ativo de protagonistas dos processos sociais e a afirmação de seu desejo de estar presente e de garantir sua continuidade.

Nazareth Wanderley

CAPITULO II

O MODO DE VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES DE MANAUS¹¹

Rosane Marizeti Brum Vargas¹²

RESUMO

A pesquisa revela os modos de vida das 'mulheres agricultoras familiares feirantes', que comercializam seus produtos nas feiras de produtos regionais em Manaus-AM, Inicia com uma abordagem de gênero no contexto dos trabalhos e a seguir revela o perfil socioeconômico destas com suas percepções sobre a importância da feira e reflexos na economia e dinâmica familiar. Este estudo objetiva o desocultamento da vida e trabalho dessas mulheres, para isto, foi utilizado o método etnográfico permeado com a percepção ambiental, numa abordagem sistêmica, tendo como instrumentos formulário, entrevistas, registros fotográficos, caderno de campo e observação participante, com ênfase as falas das entrevistadas. As mulheres *camponesas amazônicas* representam uma parcela significativa de contribuição no sustento familiar, exercendo um sobretabalho (casa e lavoura) e muitas vezes não reconhecido, por questões culturais e políticas. As feiras criaram um espaço onde o papel da mulher vem sofrendo alterações nas relações sociais e familiares, aumentando a renda e a dignidade, passando a ter reconhecimento.

Palavras – chave: Gênero, Mulher camponesa, Feiras, Amazônia.

Abstract: The research reveals the ways of life of the 'family fairground women farmers', who market their products at trade shows of regional products in Manaus-AM, starts with a gender approach in the context of the work and following reveals the socioeconomic profile of these with their perceptions about the importance of fair and reflections on the economy and family dynamics. We used the ethnographic method permeated with environmental perception, a systemic approach with the following instruments form, interviews, photographic records, field notes and

¹¹ Parte da Dissertação de mestrado da primeira autora. Financiamento CNPQ – UFAM.

¹² Mestranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia (CCA/UFAM), Advogada (Direito Socioambiental), Licenciatura em Matemática e Bolsista CNPq. Email: rosanebv.adv@gmail.com.

participant observation, emphasizing the lines of the interviewees. * Amazonian women farmers represent a significant share of contribution in family subsistence, and have a surplus (home and farm) and often not recognized by cultural and political issues. The fairs have created a space where the role of women has been changing in social and family relationships, increasing income and dignity, and shall have recognition. This paper aims at the unveiling of the life and work of these women.

Keywords: Genre. Women farmers. Fairs. Amazon.

1. Introdução

As relações socioeconômicas estabelecidas atualmente entre a agricultura familiar e o mercado globalizado têm sido motivos de sistemáticos estudos científicos que privilegiam cada vez mais o enfoque econômico das atividades agrícolas para a manutenção das famílias no campo. Entretanto, poucos são os estudos que se dedicam a uma melhor compreensão das relações entre a agricultura familiar e as questões de gênero no meio rural amazônico. Quando realizados, muitas vezes o papel da mulher no trabalho é apenas superficialmente destacado ou tratado como secundário e complementar ao do homem.

É no trabalho que o sujeito humano se constitui, enquanto tal, modifica o mundo e a si mesmo, criando novas necessidades e possibilidades, complexificando a si próprio e a totalidade social. É no trabalho que o homem reproduz as suas relações sociais e incorpora os valores, funções, hierarquias e formas de sociabilidade.

O processo de trabalho segundo Woortmann e Woortmann (1997), possui dimensões simbólicas que o fazem construir não apenas espaços de produção e distribuição de riquezas, desigualdades e estratificações sociais, mas também criar espaços e conflitos sociais de gênero.

No trabalho o ser humano desenvolve sua capacidade criadora, descobre outras possibilidades, impulsiona para a tomada de decisões e escolhas, busca novas formas de ser mais autônomas. Para que este trabalho emancipador e esta ampliação do ser social de fato ocorram, se faz necessário que este sujeito seja protagonista da construção de sua própria história, um ser ativo, participante e que

tenha fundamentalmente este reconhecimento em sua subjetividade (Semeghini, 2009).

A agricultura familiar aparece, nos últimos anos, como a base de um modelo alternativo de desenvolvimento para o meio rural, com amplas possibilidades de reduzir a pobreza, as disparidades de renda e eliminar o uso irracional dos recursos naturais. O grande ponto de destaque em torno da agricultura familiar é como torná-la mais eficiente, sustentável e com maior capacidade de resistência ao mercado capitalista cada vez mais concentrado (Nobre, 1995).

Este artigo faz parte da pesquisa de conclusão do curso de mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia, intitulada “Feiras de produtos regionais: uma transformação do *‘habitus’* na mulher agricultora familiar feirante”, estuda os modos de vida dessas mulheres, aqui algumas vezes denominada ‘mulher camponesa amazônica’. Se configurando uma pesquisa um tanto árdua, mas instigante, dado a ausência de estudos científicos sobre o tema

Fazer pesquisa na Amazônia, segundo Iraídes Caldas Torres (2012), é por vezes fazer parte de um contexto muito peculiar que de forma espontânea vai se tornando o *ethos* do pesquisador num envolvimento natural com os sujeitos pesquisados. É enveredar pelo modo de ser do homem e da mulher no sentido da dinâmica de articulação de sua existência. Heidegger (2004) *apud* Torres (2012), diz que:

Para o pensamento não há lugar preenchido num tempo ocupado. Tudo está vazio de realização. Só o saber, só o fazer, só o crer, só o sentir não são suficientemente pobres, nem bastante desprendidos para a embriaguez que se entrega ao imprevisível, para a paixão que se abandona ao inesperado.

Falar dessas ‘mulheres agricultoras familiares feirantes’, de seus modos de vida é também permitir que elas se expressem por meio de suas falas de suas histórias de vida e é, sem dúvida alguma, estar diante do inesperado, onde o novo se apresenta de maneira articulada com os propósitos da pesquisa. E como numa teia envolvemos e somos envolvidos, não há como ficarmos indiferentes, e sem que se perceba vai acontecendo um amalgamento de cultura, vivências e emoções.

Falar nas mulheres agricultoras que comercializam nas feiras de produtos regionais em Manaus, é apreender e revelar seus modos de vida. Exige que peçamos licença, que tenhamos proximidade para registrar nas pesquisas científicas alguns fragmentos de suas histórias de vida e de trabalho. É preciso estar inserido

no contexto de suas vivências e dele fazer parte para entender melhor o seu modo de ser falar e agir.

A compreensão das relações socioeconômicas e culturais estabelecidas entre gêneros, as relações de poder que atravessam o trabalho dessas mulheres, e um melhor entendimento nos modos de vida, bem como o conhecimento de suas dificuldades enfrentadas no dia a dia, são ações que em muito poderão contribuir para o reconhecimento do trabalho das mulheres e a implementação de políticas públicas no campo com enfoque de gênero.

Diante deste contexto, esta pesquisa teve como finalidade identificar, mapear e conhecer os modos de vida das 'mulheres agricultoras familiares feirantes', nas feiras de produtos regionais no CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva) e no CASSAM (Cassino dos Suboficiais e Sargentos de Aeronáutica de Manaus) sediadas em Manaus/AM, para embasar a elaboração de projetos que viabilizem avanços na oferta desse tipo de atividade, com vistas à melhoria da qualidade de vida e inclusão social das mulheres camponesas do Amazonas.

2. Metodologia

A partir das abordagens analítico-qualitativa, no período de junho de 2013 ao dezembro de 2014, foram acompanhadas sistematicamente em seus trabalhos na feira, e ouvidas mulheres agricultoras familiares feirantes, sendo selecionadas dez destas, que nos falaram de suas vidas e o trabalho que desenvolvem como agricultoras e feirantes.

Para a coleta de dados, seguimos as orientações da abordagem etnográfica, permeada pela percepção ambiental, principalmente quanto ao trabalho de campo, na perspectiva da descrição densa com ênfase à fala dos sujeitos no sentido de desocultar a realidade observada.

Assim, utilizamos o caderno de campo, fotografias, formulários, entrevistas semiestruturadas e a participação em conversas informais durante o momento da feira e no preparo no dia e na noite anterior à feira, com visitas a algumas mulheres em suas comunidades.

A pesquisa foi realizada com dez 'mulheres agricultoras familiares', de comunidades diversas localizadas em municípios do entorno (região metropolitana de Manaus), que participam desde o início da produção até sua comercialização final nas feiras

de produtos regionais no CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva) e no CASSAM (Cassino dos Suboficiais e Sargentos de Aeronáutica de Manaus) sediado em Manaus/AM. Ambos os locais, cedidos, situam-se em Organizações Militares (OMs).

3. Resultados e Discussões

3.1 Entendendo as Relações de Gênero

Estudos revelam que para entendermos a questão do *gênero*, é preciso ter a compreensão que se dá atualmente, ao termo *sexo*. Observa-se que sempre que o termo é usado, pensa-se nas diferenças físicas entre homem e mulher. Atualmente questiona-se, se as diferenças entre os homens restringem-se de fato, somente aos aspectos biológicos:

Será que essas diferenças não são também resultados da forma de socialização (e de controle social) e não mudam em função do período histórico? Segundo uma famosa frase da escritora francesa Simone Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. As identidades “sexo” são construídas socialmente e podem ser modificadas (SABADELL, 2005, p 234).

Afirma ainda Sabadell (2005), que foi por tal a razão que as feministas propuseram o emprego do termo “gênero”, pois este permite que se fale de homens e mulheres fora do determinismo biológico, e que grande parte das diferenças entre os sexos não são devidas aos aspectos biológicos, mas são consequência da construção social da realidade. Dessa forma “*gênero*” permite que se analise as identidades masculina e feminina, indicando que essas identidades estão sujeitas a variações que são determinadas pelos valores dominantes em cada período histórico.

Segundo Freire (2008), a construção do termo gênero como categoria de análise contribuiu muito para esses primeiros estudos feministas que fizeram emergir a existência de mulheres que sempre fizeram a história, mas até então não tinham recebido o merecido reconhecimento por suas trajetórias de resistência e luta na vida cotidiana e no âmbito público, contudo, ainda é um termo não concluído. A perspectiva de gênero aplicada ao contexto da realidade amazônica precisa ser analisada de forma crítica, não perdendo de vista os estereótipos imbricados pelo olhar exótico em que se naturaliza a cultura amazônica.

As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade, pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher regula todas as nossas atividades. Bourdieu (2003), afirma que os agentes específicos – aqui está o homem e a mulher – e as instituições, - Escolas, Igrejas, Estado, família – são estruturadas e estruturantes neste processo de naturalização da dominação, ou seja, estes agentes ao mesmo tempo em que têm poder de moldar a sociedade, é por ela moldada, na medida em que não é possível estabelecer onde essa reprodução de “esquemas generativos” se inicia, em última análise, trata-se da relação dialética entre a conjuntura e a estrutura do campo¹³. Neste sentido afirma:

Ora longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2003. p. 46).

Quando há referência a estudos sobre a posição da mulher no direito ou na sociedade, ocorre a divisão entre a esfera pública e a privada. Argumenta-se que há décadas a distinção entre espaço público e privado foi construída com base em uma distinção hierárquica entre os gêneros masculino e feminino. (SABADELL, 2005).

Segundo Maria Berenice Dias (2007, p 17), o homem sempre teve como seu espaço o público e a mulher foi confinada ao espaço privado, qual seja, nos limites da família e do lar, ensejando assim a formação de dois mundos: um de dominação, produtor – (o mundo externo) e o outro o mundo de submissão e reprodutor (interno). Dessa forma ambos os universos, público e privado, criam polos de dominação e de submissão. E com relação a essas diferenças é que foram associados papéis ditos como ideais a cada gênero. Levando ao surgimento de um verdadeiro código de honra. E ainda, relata, que historicamente, somente nos finais do século XIX e no início do século XX ocorreram algumas mudanças que permitiram a inclusão da mulher na esfera pública.

¹³ **Campo:** De acordo com Bourdieu, noção que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Serve de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico etc -, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital. <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>

Desde a formulação de Scott (1991) que propôs o âmbito da política como domínio de utilização do gênero como categoria de análise o conceito ganha vários contornos na medida em que se amplia a visão crítica em diferentes contextos sociais, mas a questão central ou de núcleo permanece, qual seja, a relação de poder. Seja no que diz respeito à família, ao trabalho, ao sexo etc., as relações de poder estão sempre postas quando se considera a análise de gênero.

De acordo com Pedro apud TORRES (2012) diz que historiadores de muito prestígio, como Hobsbawm e Roger Chartier, têm afirmado que “A Revolução das Mulheres foi um dos grandes acontecimentos do século XX, e que a dominação de gênero permeia as relações”, portanto é oportuno que os estudos que se concentram na região amazônica comecem a discutir o gênero nas mais diversas problemáticas de suas pesquisas. Pensar nas relações de poder, através da dominação masculina constituídas no *locus* amazônico também é algo novo.

Segundo Castro e Fraxe (2008, p 105), “as relações solidárias entre os sexos são consideradas vitais na construção da sustentabilidade socioeconômica das comunidades amazônicas, principalmente quando se refere à divisão sexual do trabalho nas unidades produtivas e familiar. Esta relação permeada pelos laços familiares de amizade e/ou vizinhança constitui a força motriz que caracteriza a dinâmica de trabalhos nos sistemas agroflorestais (SAFs) da região.” Esta relação de gênero está organizada a partir dos papéis masculinos e femininos dentro de estruturas que permanecem constantes em algumas sociedades ou de forma presente no inconsciente social que é refletido em ações do cotidiano.

Para compreender as relações de gênero dentro do contexto socioambiental, Fraxe (2008) (apud Marianne Schimink) descreve o conceito de gênero, no qual refere-se às diferenças construídas socialmente nas relações entre homens e mulheres que variam por contexto e situação.

Na região amazônica, as mudanças ocorridas nos últimos trinta anos desencadearam a ampliação dos conflitos e reconfiguração de atores sociais, onde as mulheres passaram a desempenhar importante papel. Nas lutas contemporâneas na Amazônia, as mulheres tornaram-se ativas protagonistas, participando da construção de um dos capítulos mais expressivos deste século, com a presença da mulher nos espaços políticos (CASTRO, 2005). Assim, a formação e ampliação da organização das mulheres na Amazônia, fundaram-se sobre suas experiências

enquanto indígenas, camponesas, pescadoras, quebradeiras de coco e extrativistas integrando, a dimensão família e trabalho, nas reflexões e pautas de reivindicações.

Esse avanço no comportamento das mulheres agricultoras tem sido verificado em organizações sociais mistas, como os sindicatos, as associações comunitárias e cooperativas. Essas organizações têm funcionado como canais de impulsão para que essas mulheres se tornem ativas e reconheçam a importância e o poder que possuem como protagonistas de uma nova história de vida mais digna para si, e suas famílias. Assim, as mulheres têm contribuído para as transformações da sociedade e o fortalecimento das diferentes categorias sociais do rural, saindo da invisibilidade, como sujeitos históricos que contribuíram para a construção da sociedade e que, no entanto, não haviam sido reconhecidas como agentes e atores desse processo.

Nas comunidades amazônicas, em sua grande maioria, de acordo com Fraxe (2011), Witkoski (2007), Torres (2012), Castro (2008), Noda (2008), o homem é considerado o provedor e exerce o poder sobre sua família por sua autoridade patriarcal e o trabalho da mulher na roça é considerado “ajuda”, embora estas exerçam uma jornada dupla de trabalho e muitas vezes trabalhando mais que o próprio homem. Algumas mulheres não conseguem perceber que elas são provedoras também, a importância do seu trabalho foge à sua consciência.

O roçado ou sistema produtivo da várzea amazônica onde são produzidos os gêneros alimentícios, tanto para a sobrevivência da família quanto para a comercialização, é considerado *locus* de trabalho dos homens. As mesmas atividades realizadas pelas mulheres no roçado não são consideradas trabalho, mas uma espécie de “ajuda. (TORRES, 2005, p.154).

A relação entre gênero, conhecimento e divisão de trabalhos, e entre a esfera pública e privada que interessa aqui realizar, parte de uma questão específica tendo em vista a abrangência desse tema, principalmente se tratando **dessa sociodiversidade nos contextos amazônicos**. Assim, se busca perceber e analisar essa relação no que tange ao comportamento, sobre a posição das mulheres na sociedade, na família e na cadeia produtiva, quando comercializando nas feiras, qual a mudança no seu *habitus*. Apreender diante desse contexto como se apresentam as relações sociais e *como tais* aspectos influem diretamente na questão socioeconômica.

A família na propriedade rural é considerada apenas na figura do chefe da família - o homem, em todo o desencadear da produção até a sua comercialização final. Os interesses do homem é o que prevalece, sendo os interesses da mulher e dos filhos negligenciados. É neste contexto que se reconhece as desigualdades das relações de gênero.

Na Amazônia, assim como nas demais regiões do país, os recentes planos de desenvolvimento não têm considerado a importância das mulheres frente ao desenvolvimento, apesar de corresponder à parte considerável da população. As políticas implementadas na região, raramente têm incorporado as perspectivas das mulheres e de gênero, mesmo depois das conferências Eco 92¹⁴ e de Pequim¹⁵ (SIMONIAN, 2001), onde o Estado assumiu compromissos de criar condições de igualdade e desenvolvimento para homens e mulheres.

A análise de gênero na agricultura familiar tem mostrado a desvalorização e a invisibilidade do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres, como demonstram vários estudos (Simonian, 2001; Pacheco, 1997; Woortman e Woortman, 1997; Wolff, 1999; Mourão, 2001), tão pouco, suas experiências organizativas, produtivas e econômicas são reconhecidas no processo de desenvolvimento. Por outro lado, as políticas agrícolas e agrárias, tradicionalmente, não se apoiam nas relações sociais de gênero e tendem a excluir as mulheres, reforçando as desigualdades.

Na região Amazônica, a promoção de ações afirmativas para as mulheres rurais, relacionadas ao desenvolvimento da região, parece ainda permanecer no plano das Idealizações (SIMONIAN, 2001). Apesar do reconhecimento do esforço feito pelas mulheres envolvidas em diversas atividades econômicas e socioculturais, estas ainda não contam com apoios significativos, em termos de acesso a informação, novas tecnologias, recursos financeiros e materiais e políticas públicas que fortaleçam suas organizações e empreendimentos econômicos.

¹⁴ Eco 92: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992. Também conhecida como Cúpula da Terra, ela reuniu mais de 100 chefes de Estado para debater formas de desenvolvimento sustentável, um conceito relativamente novo à época. Onde foi criado e firmado o compromisso da agenda 21. Ministério do Meio Ambiente. <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-eco-92>

¹⁵ A **IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz** foi um encontro organizado pelas Nações Unidas em setembro de 1995 em Pequim, China. Participaram do evento 189 governos e mais de 5.000 representantes de 2.100 ONGs. O resultado do encontro foi um acordo para trabalhar pela igualdade de gênero e para eliminar a discriminação contra mulheres e meninas em todo o mundo. Um roteiro para o avanço da igualdade e do empoderamento das mulheres nos países. <http://www.onumulheres.org.br/pequim20/>

As feiras do CIGS e do CASSAM são palcos do protagonismo de mulheres fortes, arrojadas e trabalhadoras como Raimunda, Maria Edna, Eliane, Roci, Joana, Dirlene, Dulcinéia, Maria do Socorro, Ana Maria, Maria do Carmo, Rosa, Francisca e tantas outras. Abriga também homens corajosos, companheiros e grandes trabalhadores rurais. Cada feirante com sua história de vida, seus afazeres, seus sonhos e suas esperanças.

3.2 Modos de vida das mulheres agricultoras familiares feirantes

Sobre modo de vida CANTO 2009, diz:

Genericamente, o modo de vida ou gênero de vida é uma categoria de análise utilizada para designar o conjunto de ações desenvolvidas por um determinado grupo humano a fim de assegurar a sua existência. Assim, a análise da condição concreta da vida de um grupo capaz de revelar a essência dos seus fenômenos socioespaciais. Pode-se inferir que a categoria de análise modo de vida, tal qual, gênero de vida, como preferiu La Blache, tem caráter totalizante – que mescla a noção de sociedade-natureza para produzir o espaço de vivência – e é uma viabilidade metodológica para estudar a dinâmica espacial das populações ribeirinhas da Amazônia.

Municípios de origem dos feirantes das feiras de produtos regionais

Embora as feiras pesquisadas (CIGS e CASSAM) ofereça produtos de mais de 20 municípios do estado do Amazonas, constatamos que regra geral, que os feirantes ali presentes são todos moradores e produtores da **região metropolitana de Manaus**¹⁶.

¹⁶ A Região Metropolitana de Manaus – RMM, que conta com 2.106.322 habitantes (conforme Censo 2010), foi criada em 30 de maio de 2007 pela Lei Complementar nº 52/2007 e modificada no dia 27 de dezembro de 2007 pela Lei Complementar nº 59/2007, que incluiu o município de Manacapuru totalizando 8 municípios da RMM: Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva.



Figura 2: Região metropolitana de Manaus. Fonte: Manaus online.2013

Todas as mulheres que participaram desta pesquisa são trabalhadoras rurais, que vivem em comunidades desde o dia em que nasceram. As que não nasceram na comunidade, foram chegando aos poucos e se agregando pelos laços de parentesco ou pelas relações de casamento. Algumas produtoras e moradoras no ecossistema de terra firme e outras, em sua maioria, oriundas da várzea, onde são comumente denominadas “caboclas-ribeirinhas”¹⁷.

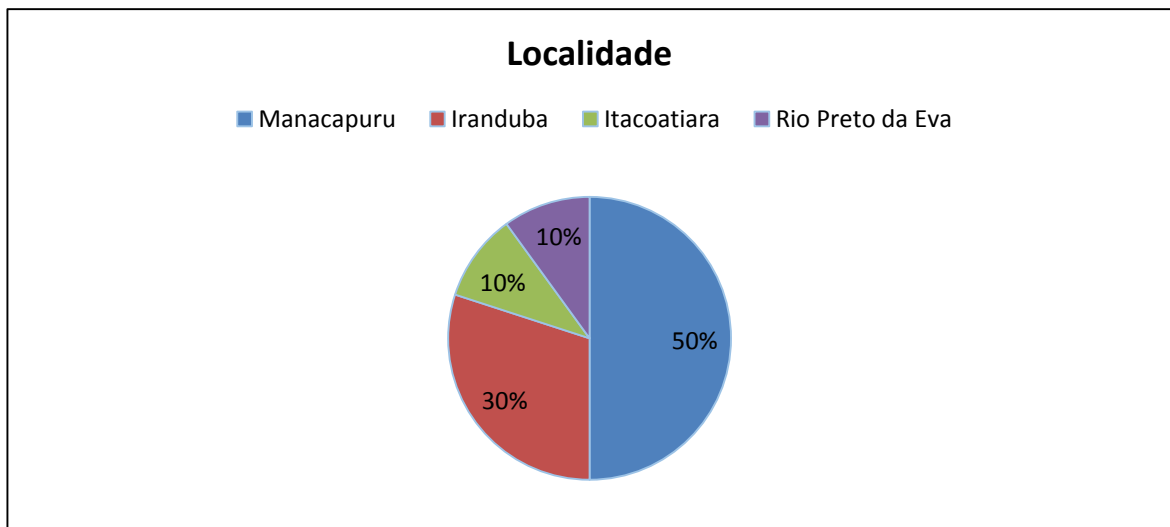


Figura 3 – Municípios de moradia e produção das mulheres agricultoras que trabalham como feirantes em Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

¹⁷ A população amazônica é constituída basicamente por negro, indígenas e brancos, predominando o “caboclo amazônico”, o fruto da miscigenação das raças, que em tupi significa “tirado da mata”. Logo, “caboclas ribeirinhas”, são mulheres caboclas moradoras da várzea. (Witkoski, 2010).

Na figura 3, constata-se que 50% das pesquisadas são do município de Manacapuru, todas vindas da várzea do Rio Solimões, 30% são de Iranduba e produtoras de terra firme, bem como as demais, onde 10% de Itacoatiara e 10% de Rio preto da Eva.

Na análise da participação das mulheres nas feiras de Manaus, destacam-se aqueles municípios próximos à capital ou em que há estradas para escoamento do produto como Novo Airão, Iranduba, Rio Preto da Eva, Presidente Figueiredo, entre outros. Em locais que exige o transporte do produto a longas distâncias para os regatões (barco que compra o produto), é escassa a presença de mulheres nesta atividade.

A faixa etária

As mulheres pesquisadas em sua maioria, 80 % estão na faixa etária acima dos 40 anos, demonstram boa desenvoltura no trato da feira, enquanto as mais jovens declaram que iniciaram nas feiras desde criança acompanhando as mães. A média de idade varia de 28 a 56 anos, portanto uma média de 45,5 anos, (Figura 4).

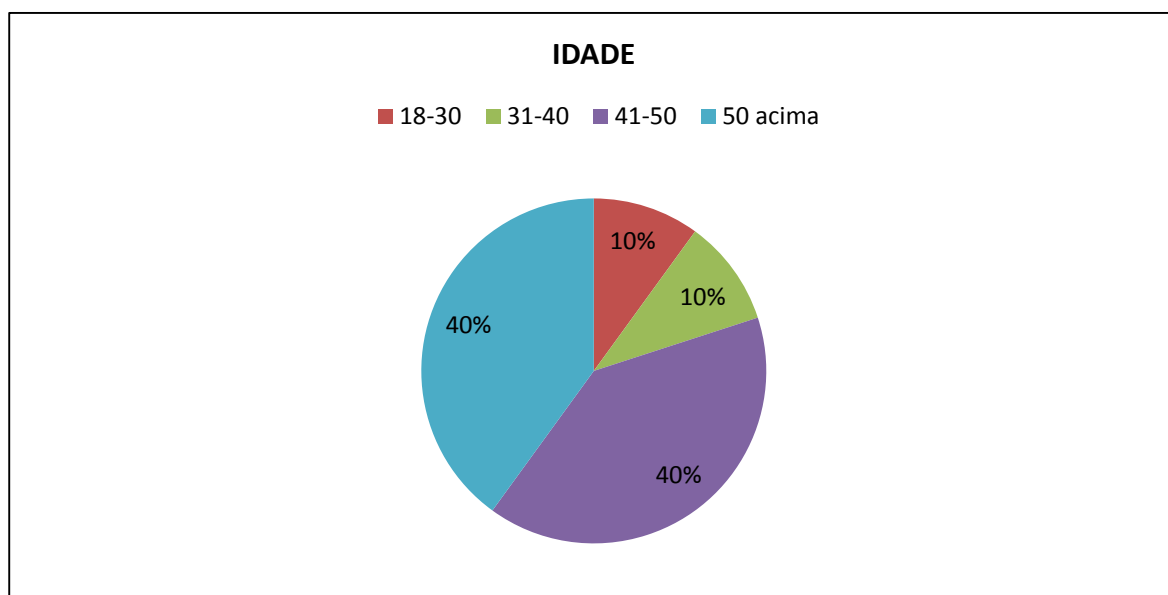


Figura 4 - Distribuição por faixa etária das mulheres agricultoras feirantes que comercializam nas Feiras de produtos regionais em Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, 2014.

Das mulheres que estão na faixa etária de 20 a 29 anos, a maioria já tem responsabilidade com a casa, filhos e com a roça. As mulheres mais maduras, também continuam seu trabalho na roça enquanto a saúde lhes permitir e ainda

participam de todas as fases de organização social e econômica da família e comunidade.

Escolaridade

O universo de instrução das feirantes contempla quase todos os níveis de escolaridade, no entanto, ocorre uma concentração de indivíduos em nível de ensino fundamental. A maioria dos feirantes (40%) declarou possuir escolaridade até a 5ª série, 20% até a 7ª série, portanto 60 % o fundamental incompleto e 30 % completo. Muito embora, seja esta uma atividade comercial que exige o exercício constante de cálculos e um certo conhecimento da escrita, verificou-se que, com algumas delas, quem faz os cálculos ou qualquer documento que requeira leitura e escrita é o marido ou é auxiliada pelos filhos. Por outro lado, percebe-se pelos dados do gráfico 3, que 30% dos entrevistados possuem o ensino médio completo.

Os dados demonstraram não ser esta atividade praticada por pessoas que ascenderam ao nível superior. A baixa escolaridade dos feirantes decorre do fato da feira-livre representar uma atividade pouco exigente neste quesito, proporcionando uma fonte de renda a pessoas que estudaram pouco ou até mesmo que nunca tiveram a oportunidade de estudar.

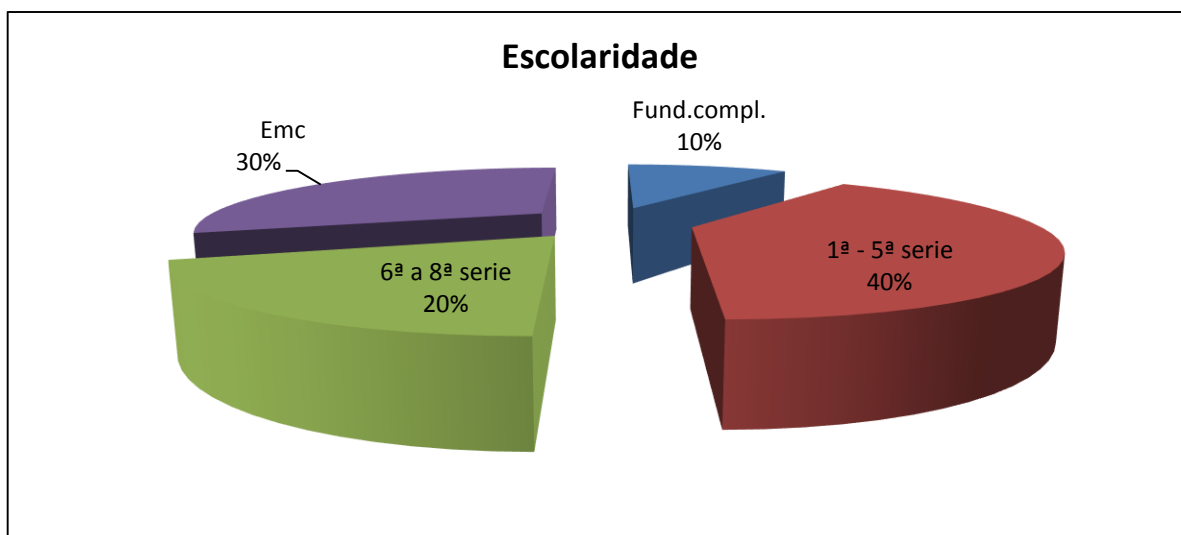


Figura 5 - Distribuição das mulheres feirantes regionais segundo o nível escolar. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, 2014.

Estas declarações vêm ao encontro das considerações de Milton Santos (1979a, p.164), de que o comércio é uma atividade que oportuniza o sustento de

muitas pessoas nos países subdesenvolvidos. De forma geral, como alude este autor, para exercer esta atividade as pessoas precisam demonstrar muito mais experiência do que anos de estudo, aliado a algum recurso econômico inicial. No caso dos feirantes esse recurso econômico inicial pode ser entendido como produto seu ou de terceiros.

Ainda, segundo pesquisas, Torres (2012), na maioria das comunidades amazônicas, é oferecido somente o ensino fundamental, correspondente ao 9º ano. Tempos atrás era até 4ª série, por isso muita mulher tem apenas o fundamental incompleto, principalmente aquelas com mais idade.

Estado Civil

Quando inquiridas sobre o estado civil as mulheres responderam ser casadas, num percentual de 80% e apenas 20% em união estável. Contata-se que todas que participam da feira, dependem de uma estrutura familiar para a produção e comercialização na feira (unidade familiar). Não sendo encontrada nenhuma viúva ou independente na produção, ainda que alguma participe sozinha na feira.

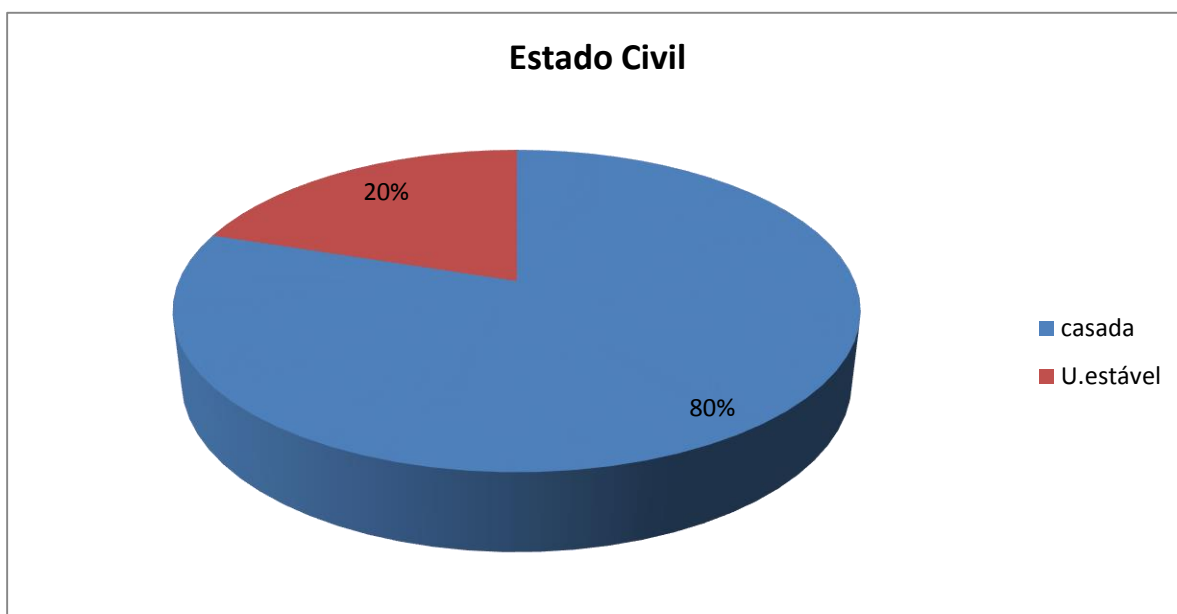


Figura 6 - Distribuição segundo o estado civil das mulheres agricultoras feirantes. Manaus-AM. Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, 2014.

Identidade e atividade anterior à feira (pluriatividade)

As mulheres da feira se identificam como agricultoras, embora, muitas vezes, exerçam outras funções na comunidade, tais como professora, merendeira, doméstica, costureira, etc., revelando uma estrutura que está sendo moldada dentro da relação de gênero, bem como múltiplas atividades, com trabalhos que lhe proporcionem renda fixa, sendo o trabalho da agricultura e feira uma renda extra. Quanto às atividades paralelas, das mulheres pesquisadas apenas duas (20%) delas exercem outra atividade remunerada: uma que é costureira há 22 anos, mantém a tarefa como secundária à agricultura e justifica essa atividade por ser de longo tempo, anterior a feira e que complementa a renda e a outra que é secretária de uma cooperativa de produtores, possui carteira assinada, o que tem auxiliado bastante à classe produtora familiar e o trabalho das mulheres dessa localidade.

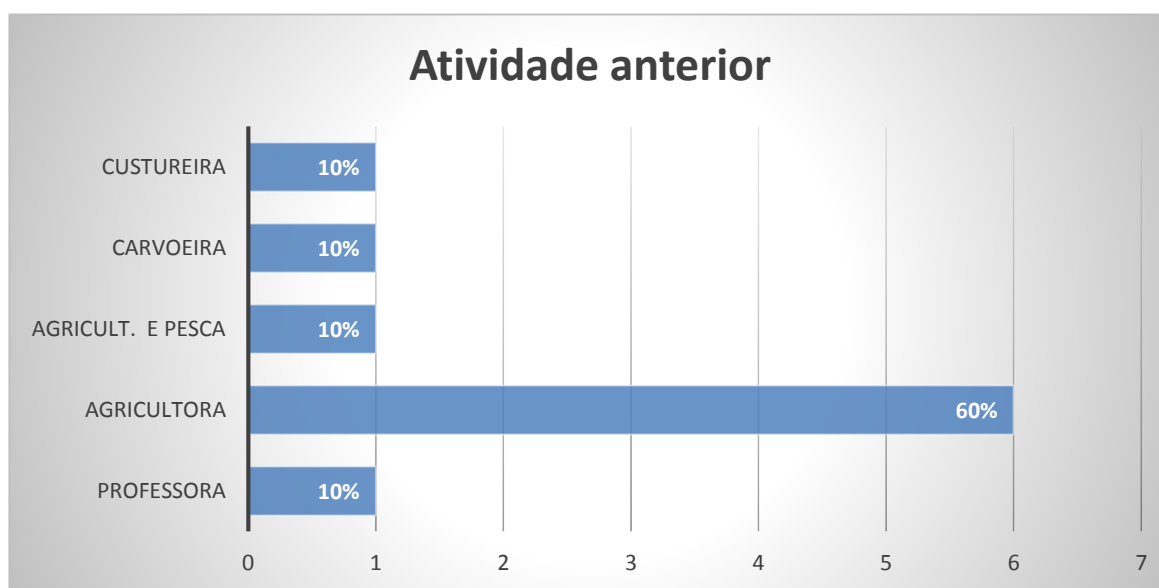


Figura 7 - Distribuição em percentuais das mulheres agricultoras feirantes de acordo com a atividade exercida antes das feiras de produtos regionais. Manaus – AM. Fonte: R. B. Vargas. pesquisa de campo, 2014.

Nas atividades exercidas anteriormente percebe-se que um percentual de 40% mudou completamente o ramo de atividade principal, e que 60% delas já praticavam a agricultura. (Fig.7).

Nos diálogos com as feirantes pesquisadas observamos que todas elas se definem e se assumem como agricultoras e evocam adjetivos que reafirmam essa identificação. Para elas ser agricultora é sinônimo de satisfação, de ser útil para a

sua família e a comunidade, embora seja um trabalho árduo. Bem perceptível em suas falas.

Eu sou é agricultora familiar, e tenho orgulho de dizer isso. Antes, há um tempo atrás a gente ia na cidade, nos lugares e quando perguntavam a profissão a gente tinha vergonha de dizer que era agricultora. A gente era muito pobre, não tinha nada. Produzia pouco, vendia mal. Hoje tudo mudou. Agora eu vendo bem na feira, com preço bom. Me sinto muito feliz em dizer que sou agricultora. (Entrevista, 2014, Rio Preto da Eva).

Antes eu tinha vergonha de ser agricultora, era discriminada. Era pobre, vivia na mão do atravessador. Hoje eu me acho importante, tenho uma profissão. Sou agricultora. Me acho! (Entrevistada, Iranduba, 2014).

Antes da feira, poucas dessas mulheres tinham o hábito de ir a Manaus, só em caso de doença grave ou situações impossíveis de resolver na sua comunidade ou cidade menor próxima. E quando possível era o homem quem se deslocava até Manaus. Com a feira propiciou a oportunidade de se aventurar no desconhecido, possibilidade de sair de casa, ir até a capital com constância, conviver com outras mulheres, famílias e com a cultura da cidade. Descortinou-se um mundo novo cheio de possibilidades. Quando questionadas sobre como era a vida antes de trabalhar nas feiras:

Minha vida era só em casa. Na roça. Só trabalhar. Ajudava em tudo, na casa, na horta, na roça. Vendia pouco, só para os atravessadores. Uma solidão. Às vezes ia na igreja. Ir a Manaus era muito difícil, só em caso de doença grave. (Entrevistada, Iranduba, 2014).

Antes quem vinha na cidade e a Manaus, era só o marido e em caso de muita precisão. Tudo muito caro. Não tinha dinheiro. Eu, as crianças, vivia só lá na roça, trabalhando. Era muito triste. (Entrevistada, Manacapuru, 2014).

Tempo da atividade de feirante

Com relação ao tempo em que exercem o trabalho de feirante, percebe-se ser esta uma atividade relativamente nova, uma vez que a maioria das entrevistadas declarou possuir abaixo de 06 anos na atividade (70 %), sendo que apenas 30 % possuem mais de 10 anos de exercício dessa profissão. Destas, 70% declararam ter iniciados nas atividades de feirantes no início das feiras do CIGS e CASSAM. (Tab.1)

Tabela 1: Tempo de atividade das mulheres agricultoras, como feirante, tempo nas feiras do CIGS e CASSAM. Manaus – AM.

Entrevistada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tempo Feira	2	3	5	30	5	3	15	3	5	10
F. CIGS	2	3	5	4	5	3	4	3	5	5
F. CASSAM	2	3	3	4	3	3	4	-	-	-

Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, 2014.

A vaidade feminina

Quando convivemos e olhamos para elas, percebemos que as agruras do mundo rural não tiraram do rosto as expressões de feminilidade em meio as marcas deixadas pelo sol e pelo tempo. A vaidade feminina é visível nas unhas pintadas, nos enfeites nos cabelos, no batom retocado, nos cuidados com a higiene do corpo e nas roupas coloridas. Na satisfação e alegria com que executam seus trabalhos e recebem os clientes na feira.



Figura 8 - Mulheres agricultoras familiares feirantes, ao final do trabalho da feira. Manaus – AM. Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, Outubro, 2014.

Eu me arrumo pra ir pra feira, a gente gosta de tá bem, fica mais bonita, faço a unha, passo batom, às vezes até rímel. (Entrevistada, 28 a., 2014).

Gosto de ir pra feira limpa, cheirosa, maquiada, as vezes o marido nota, às vezes não nota. Mas acho que o cliente gosta mais de ver a gente assim. A gente estando arrumada se sente melhor, mais alegre. (Entrevistada, 33 a, 2014).

Esses Comportamentos vão ao encontro de Perrot (2008) apud Torres (2012), quando diz que:

[...] a mulher é antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências". [...] "A beleza é um capital na troca amorosa ou na conquista matrimonial. Uma troca desigual em que o homem se reserva o papel de sedutor ativo, enquanto sua parceira deve contentar-se em ser o objeto de sedução, embora seja bastante engenhosa em sua pretensa passividade [...].(p.49).



Figura 9 - Mulheres agricultoras feirantes, após trabalho da feira. Manaus- AM. Fonte: R.B. Vargas. 2014.

Torres (2012) lembra que esses momentos, falas e teorias nos leva a refletir sobre as nuances e peculiaridades, sobre a figura do feminino mesmo em meio às adversidades da vida.

O trabalho das mulheres nas unidades produtivas nas comunidades rurais

As mulheres em suas propriedades rurais, além da participação direta na roça, realizando o mesmo trabalho que o homem, executam pequenas atividades como criar galinhas, pato, porco, cultivam hortas de cebolinha e cheiro verde, pimenta como também plantas de uso medicinal.

Em relação a questão do trabalho das mulheres agricultoras feirantes, ela começa lá na propriedade rural, na comunidade e tem seu desenrolar ou ápice na feira, sabemos que há uma combinação do trabalho doméstico com o trabalho agrícola e o trabalho da feira, de forma constante e intensa.

Não esquecendo ainda de mencionar que o cuidado dos filhos é tarefa delas, cuidam exclusivamente das tarefas domésticas e participam de modo decisivo das tarefas produtivas.

Segundo Fraxe (2011, p. 90), a mulher vive em seu cotidiano uma jornada de trabalho intensa: ela é mãe, doméstica, agricultora, pescadora e extratora. Apesar disso, sua participação social e política na comunidade, na maioria das vezes, é diminuta em relação à participação do homem.

Segundo Mourão (2001) a pesquisa das mulheres da floresta apresenta resultados, apontando que as mulheres dedicam 50% do seu tempo às atividades da roça e 40% às atividades da casa. Participando de atividades agrícolas e extrativas, as mulheres acabam desenvolvendo uma dupla jornada de trabalho. Em geral, um dia de trabalho das mulheres ultrapassa 13 horas diárias.

A gente trabalha muito, mulher trabalha mais que os homens, mas eles não veem isso, acha que a gente trabalha menos. Mas é no sítio, na roça, é na casa, cuidando das crianças e ainda tem a criação. As vezes tem galinha um porquinho...quando chega de noite tô cansada. (Entrevistada, 2014).

Trabalho muito, mas agora trabalho com gosto, porque a gente vem na feira e vê o resultado. Às vezes tem que ajudar o marido lá no trabalho pesado mesmo, quando tem precisão, não tem jeito. Ajudo no plantio, na capina, na colheita, cuido das crianças, cuido da casa. E ainda venho pra feira, mas venho com alegria. (Entrevistada, 2014).

Na concepção da antropóloga amazonense Iraídes Torres (2012) o trabalho doméstico é, então necessário para a subsistência da sociedade em seu conjunto, embora não produza valores de troca. Mas a produção desses valores de uso realizada pelo trabalho doméstico define um modo de produção, o patriarcal.

Para Freitas (2007) a separação entre trabalho doméstico (reprodutivo), realizado prioritariamente pelas mulheres e trabalho produtivo destinado aos homens permaneceu durante muito tempo naturalizada. O movimento feminista procurou denunciar essa questão, apontando que essa separação dentro do mercado de trabalho não representava o destino natural de cada sexo, mas era fruto da organização do trabalho e da economia. Ao analisar gênero e trabalho na área rural Silva e Schneider (2010, p. 185) afirmam que “boa parte dos estudos sobre mulheres rurais realizados no Brasil sempre tendeu a considerá-las a partir de seu lugar dentro da unidade de produção, focalizando sua condição de trabalhadoras não remuneradas e com baixa valorização”.

O relato da entrevistada a seguir, revela sua percepção quanto sua inserção ao trabalho na agricultura pois embora parte da sociedade ainda não reconheça seu lugar como trabalhadora na cadeia produtiva agrícola, pode-se observar que as mesmas, além de participar do processo produtivo, reconhecem ser agricultora, e com isso buscam espaço no meio social, econômico e cultural.

Hoje eu sei que eu sou é agricultora, sou alguém, mas não é fácil, trabalho desde cedo, acordo cedinho, quando tá amanhecendo, dou café pra eles, marido e filhos, né...depois vou cuidar da plantação, volto às 11 pra fazer o almoço, arrumo a cozinha e quando precisa vou de novo. À noitinha tô é cansada. Não é fácil ser agricultora. Mas acho que agora a gente vê que o trabalho compensa. (Entrevistada, 2014)

Fraxe (2008) constata que o trabalho produzido pelas mulheres no âmbito da agricultura familiar é grandemente subestimado pelas fontes estatísticas oficiais, pois se parte da premissa que a mulher ocupa o espaço da casa e que sua ocupação principal é, portanto, a atividade doméstica. Esta é a conclusão de vários estudos de pesquisas sobre o tema.

Mesmo participando intensamente do trabalho na produção até a comercialização do produto, com o homem, e opinando eventualmente sobre os destinos da plantação, é marcante o papel subsidiário que elas desempenham nesses assuntos, quando se refere ao seu trabalho como “ajuda”, algumas se definindo como “mulher de agricultor” e como “dona de casa”.

Nas feiras, onde foram aplicadas a maior parte das entrevistas e formulários, percebeu-se a importância da força de trabalho masculina realizada pelo cônjuge, neste momento, quando realizado a entrevista com as mulheres, observou-se a dependência do auxílio dos maridos ou companheiros para responderem ao

formulário, principalmente se eles estivessem por perto. Já nas entrevistas e conversas informais que foram realizadas aos poucos, longe dos maridos, entremeadas a conversas casuais e dinâmica da feira, e até mesmo na noite anterior quando elas chegavam para organizar suas bancas (mesas) na feira, encontravam-se bem mais à vontade e falantes.

Nível de satisfação do trabalho na feira

Embora realizassem diversas atividades ocasionando um sobretabalho as produtoras feirantes demonstravam satisfação em participar da feira, mesmo que tenham que se deslocar longas distancias, muitas horas de barco até o município de suas comunidades, depois o embarque no ônibus e o carregamento dos produtos em caminhão da prefeitura, para empreender novo deslocamento até a feira em Manaus. A feira é a oportunidade de um mundo novo, o que as entrevistadas nos revelam em suas falas e no sorriso estampando nos rostos.

A feira mudou muita coisa na minha vida, hoje sinto prazer em trabalhar, hoje eu sinto orgulho de trabalhar, tenho disposição em produzir, trazer produto de qualidade com preço bom. Vivia só em casa, era uma tristeza só... só em casa... agora venho conhecer pessoas diferentes. (Entrevistada, 2013).



Figura 10 - Agricultora Feirante. Feira do CIGS, Manaus - AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.



Figura 11 - Agricultoras Feirantes. Feira do CASSAM, Manaus - AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

A feira pra mim representa uma fonte de renda, e é a mais importante. Um local de trabalho, é tipo uma diversão, sou alegre, satisfeita. (Entrevistada, 2014).

Aqui eu sou alegre, faço amigos, venho a noitinha, a gente tem transporte próprio. Atendo os clientes com satisfação. Mudou minha vida, agora tenho renda, administro o meu dinheiro. Sou outra pessoa com essa feira. Sou feliz. (Entrevistada, 2014).

Tipologia familiar

Para compreendermos a tipologia da família camponesa do Amazonas, onde estão inseridas as mulheres pesquisadas, é preciso recordar que segundo Wolf (1970) apud Fraxe (2011: 83), essas famílias se dividem basicamente em *nuclear* ou *conjugal*, que compostas exclusivamente pelos cônjuges e por sua prole; e famílias *extensas*, que agrupam em uma única estrutura outras famílias nucleares, em número variado.

Nesse contexto, nas mulheres entrevistadas encontramos uma predominância das famílias nucleares sobre as extensas: 90% de famílias nucleares e apenas 10% de famílias extensas. (Fig.12).

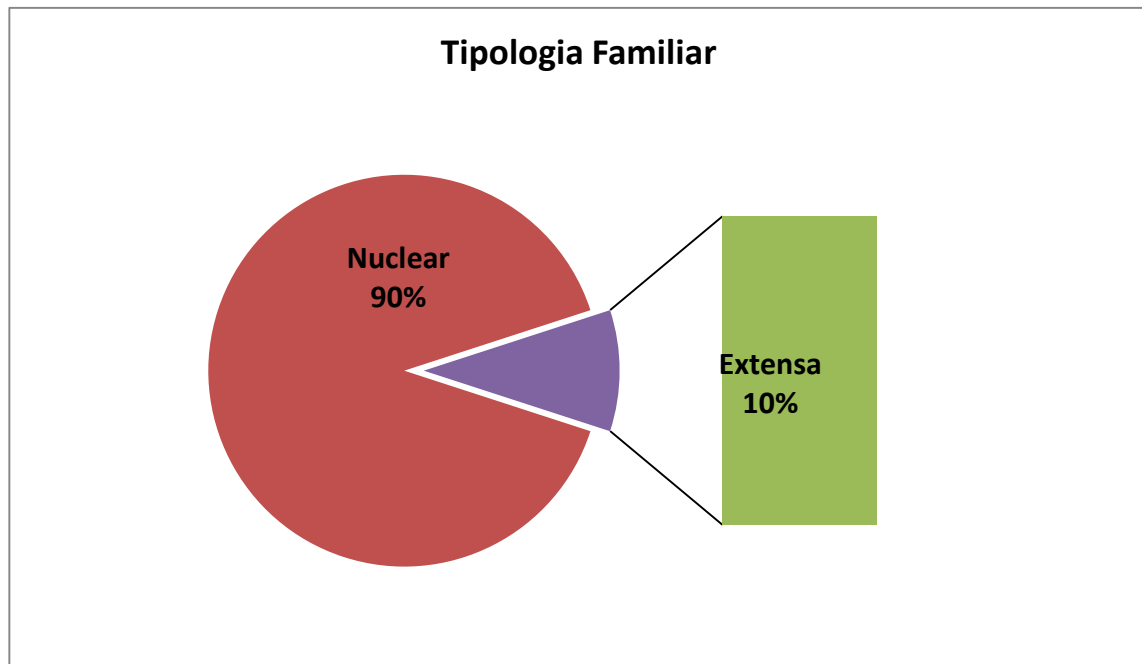


Figura 12 - Distribuição da tipologia familiar das mulheres agricultoras feirantes. Manaus-AM. Fonte: R. B Vargas. 2014.

O tamanho médio das famílias das mulheres feirantes varia entre 02 a 08 membros, entre pessoas de ambos os sexos, uma média de 3,8 pessoas por moradia.

Nas declarações as pesquisadas expõem que a maioria de seus filhos adultos mora na cidade em Manaus, para trabalhar ou estudar. Comprova-se que a falta de mercado de trabalho e de investimento na agricultura familiar induz ao esvaziamento da população na zona rural tornando escassa a força produtiva.

Segundo Fraxe (2011), sugere que essa distribuição diferenciada se deva a própria natureza dos suprimentos alimentares. Quando esses suprimentos estão escassos, ou quando a terra se torna escassa, unidades maiores do que as famílias nucleares terão dificuldades de se manterem juntas. E que nas estações de excedentes temporários, onde existam tarefas de cultivo, requerendo maior força de trabalho, as famílias aumentam.

Outra hipótese que ocorre, é que a proximidade desses municípios de Manaus, favoreçam os jovens ao êxodo rural, buscando na cidade outras oportunidades, resultando assim mais famílias nucleares.

Organização social do trabalho nas famílias

Nas famílias das mulheres pesquisadas, observa-se que a força de trabalho, restringe-se basicamente à mulher, o marido, os filhos(a)s quando maiores de 08 anos e, quando necessário, na contratação temporária de agregados. De acordo com Fraxe (2011), a criança camponesa da várzea do rio Solimões-Amazonas insere-se no processo de trabalho ao redor dos oito anos, passando a pertencer a unidade de produção familiar.



Figura 13 - Agricultora feirante auxiliada pelos netos, (Rio Preto da Eva/AM), Feira do CIGS, 2014. Manaus- AM. Fonte: R.B. Vargas. 2014.

Para alcançar a produção suficiente para a subsistência da família e excedentes para a venda, de acordo com Castro (2008) as famílias das mulheres pesquisadas dividem espontaneamente os trabalhos nas unidades produtivas e nas tarefas realizadas nos lares, ampliando-se assim, a participação da mão de obra – o marido, a esposa os filhos e os agregados.



Figura 14 - Agricultora feirante, (município de Iranduba/AM) acompanhada da filha durante a Feira do CASSAM. Manaus-AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.



Figura 15 - Agricultora feirante (várzea de Manacapuru/AM) auxiliada pelo companheiro, na Feira do CASSAM. Manaus – AM. Fonte: Rosane B. V. Pesquisa de campo, 2014.

Entre as mulheres feirantes pesquisadas, a organização social da família se expressa pela divisão funcional do trabalho entre os gêneros. Dentro de uma perspectiva de sustentabilidade a mulher tem o papel definidor na segurança

alimentar da unidade familiar através de sua atividade produtiva. Na infância são repassadas às meninas os papéis no contexto do trabalho doméstico. E os meninos também iniciam suas atividades de produção geralmente aos oito anos de idade, realizando o transporte de água, manejo dos quintais ou sítios, como capina, plantios (CASTRO,2008).

Quanto aos membros da família que trabalham na propriedade, através da pesquisa, é possível observar que, em todas as propriedades, as pessoas da família em idade de trabalho e que ali residem trabalham no estabelecimento, inclusive as crianças e mulheres.

Quando se refere a força de trabalho, constata-se que a mão de obra contratada (agregados) é utilizada em 70% das propriedades, sendo que são empregadas de 1 a 2 pessoas, porém essa mão-de-obra é esporádica e utilizada por agricultores familiares feirantes que dispõem de poucos membros da família trabalhando na produção e algumas vezes ainda contam com a ajuda de vizinhos (ajuri). Em 30% das famílias a força de trabalho restringe-se ao cônjuge e prole.

Organização das agricultoras para a feira

Na unidade produtiva da mulher agricultora feirante, a organização para a feira, que acontece aos sábados em Manaus, começa desde a quarta-feira, com a coleta dos frutos, higienização e embalagem dos produtos, carregamento nos barcos, transporte e deslocamento na sexta-feira pela manhã, chegada a Manaus no local da feira à tardinha e organização das bancas para o dia seguinte, com a comercialização que inicia às 4h se estendendo até o meio-dia. Durante todo percurso e trabalho a família, incluindo as crianças participam ativamente.

Embora a família participe da produção e carregamento dos produtos para o transporte, ainda existem mulheres que comparecem sozinhas a feira, alguns maridos se recusam, por entender que isso é um “trabalho menor”, mais leve, coisa para a mulher fazer, outros porque necessitam ficar cuidando da roça, e ainda alguns por problemas de saúde.



Figura 16 - Agricultora na feira do CIGS. Manaus/AM. Fonte: R.B. Vargas. 2014.

A seguir, registros da dinâmica de algumas mulheres feirantes, no dia anterior a feira (sexta-feira), à noite. A organização das bancas, e de como se acomodam para dormir e esperar o amanhecer na feira. As agricultoras que vêm de localidades distantes, chegam na sexta feira a tarde e acampam entre as mesas e pallets, lancham e ali fazem suas camas improvisadas, que pode ser um colchão inflável e até mesmo em cima de um papelão. (Figuras 15, 16, 17)



Figura 17 - Agricultora feirante (várzea de Manacapuru/AM). Feira do CASSAM na sexta feira à noite. Manaus - AM. Fonte: Rosane B. V. Pesquisa de campo, 2014.



Figura 18 - Imagem de uma feirante, dormindo sobre pallets, às vésperas da feira. CASSAM. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.



Figura 19 - Feirante se apertando para dormir, ente pallets e bancas, às vésperas da feira. CASSAM. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

Renda familiar e da feira

A feira de produtos regionais proporciona ao feirante um ingresso semanal de dinheiro, que serve para cobrir as despesas imediatas da família, fazer investimento na propriedade, adquirir bens para a casa e às vezes até fazer alguma reserva para uma aquisição futura. Essa renda muitas vezes ainda é complementada por outras atividades geradoras de renda (Tabela 2). A grande maioria dos entrevistados (60%)

declarou auferir uma renda média (bruta) semanal entre R\$ 500,00 a 900,00 reais com a comercialização na feira, 30% de R\$1.000,00 a 1.400,00 e 10% arrecada mais de R\$ 1.400,00 por feira, conforme mostram os dados apresentados. (Fig.20).

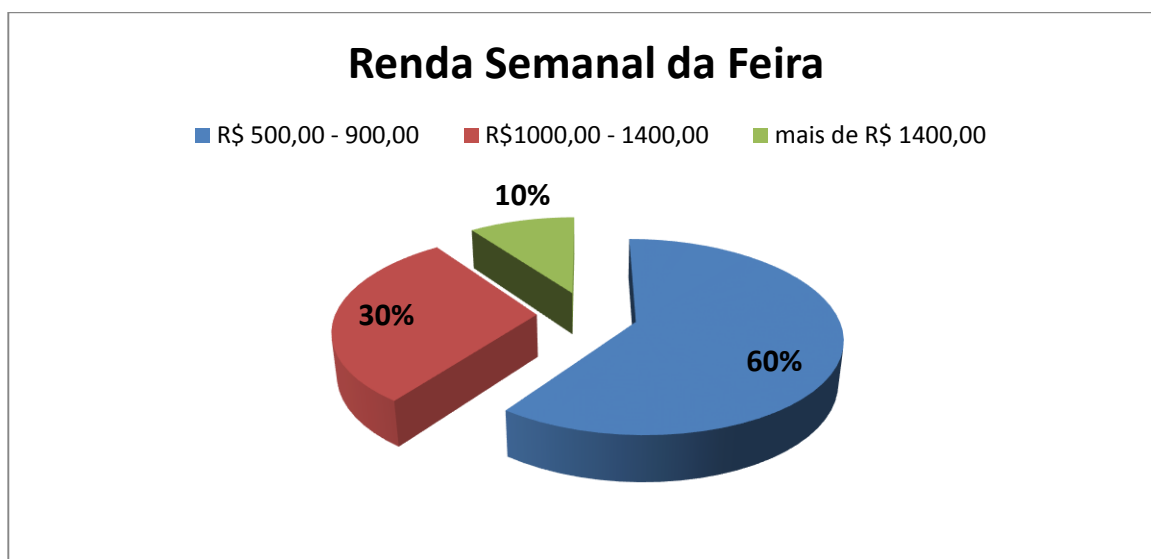


Figura 20 - Distribuição percentual da renda bruta semanal das mulheres agricultoras por feira de produto regional. Manaus- AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

As feirantes que declararam obter maior renda comercializam geralmente uma maior quantidade e diversidade de produtos, uma periodicidade maior de feiras (participam de mais de uma feira), produzem numa área maior de terra, agregam valor aos produtos, como descascar a mandioca ou utilizam técnicas como plasticultura e hidroponia. O desempenho da atividade está limitado pela escassez dos fatores de produção, pequena capacidade operacional de produção, devido à baixa disponibilidade de mão-de-obra, ausência de capital para realizar os investimentos necessários e a pequena área da maioria das propriedades, restringindo sua capacidade produtiva.

Ao inquirirmos sobre o tamanho da área explorada com a renda auferida na feira, observou-se que não existe uma proporção direta entre tamanho da área e quantidade da produção ou renda. Ver tabela 2, acima, ao comparar os dados da entrevistada 3 e 8, ambas participam do mesmo número de feiras por mês (4), mas enquanto a primeira explora uma área de 5ha e tem uma renda mensal de R\$ 6.000,00, a segunda explora uma área de 25 ha (5vezes maior) e obtém uma renda de R\$ 3.200,00, quase a metade da primeira. (Tab.2)

Tabela 2: Dados sobre tamanho da área explorada e renda das mulheres agricultoras feirantes. Feiras de produtos regionais. Manaus/AM. Fonte: R.B. Vargas. 2014.

Entrevistada Dados	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Área explorada p\ feira	5ha	3ha	5ha	1ha	4ha	2ha	3ha	25ha	25ha	3ha
Renda Média Semanal (R\$)	800	1.000	1.500	800	1.000	800	900	800	900	1300
Qtd feiras por mês	4	4	4	4	4	4	4	4	2	2
Renda Mensal Feira R\$	3.200,00	4.000	6.000	3.200	4.000	3.200	3.600	3.200	1.800	2.600

Justifica-se essa maior produção em área menor, ao uso intensivo de técnicas como plasticultura¹⁸ e hidroponia¹⁹, documentados na propriedade da entrevistada 3 (tabela, 2).



Figura 21 - Plantio de hortaliças com o uso de plasticultura e hidroponia, propriedade da entrevistada 3 na tabela anterior. Iranduba/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

¹⁸ A plasticultura é uma nova e moderna maneira de cultivar as mais diversas formas vegetais. É, de certa forma, uma grande maneira de se contornar problemas causados pelas intempéries, ou seja, problemas ocasionados, por bruscas variações climáticas ou pelos inconvenientes que climas muito frios, por exemplo, podem causar às lavouras. Em muitos países, como Estados Unidos e Canadá, a plasticultura é amplamente utilizada, viabilizando certas culturas que seriam impossíveis, sem esta técnica. (Rural News, 2014).

¹⁹ O termo Hidropônico sugerido por Gericke, que o definiu como o cultivo de plantas com e em água, estabelecendo um sistema em que todos os nutrientes minerais compatíveis estão solubilizados e disponíveis para a planta. Um método de produção de vegetais de alta tecnologia, alta produtividade e, em geral, uso intenso de capital, podendo ser considerado literalmente uma indústria de verduras, flores ou de plantas medicinais. (SASSAKI, 1997).

Sasaki, explica sobre a adoção das técnicas sem solo e Manaus:

As pesadas chuvas e as altas temperaturas tornam-se os maiores fatores limitantes para a produção de hortaliças na região de Manaus, provocando uma oferta de produtos imprevisível e uma flutuação peculiar nos preços de mercado, o que estimula a importação de hortaliças de outros estados como Ceará, Goiás e São Paulo. Como resultado das mudanças na economia promovida pela Zona Franca de Manaus, nos últimos vinte anos houve um aumento considerável no número de estabelecimentos comerciais voltados para agricultura, como também um aumento brutal no consumo quantitativo e qualitativo de hortaliças, influenciado certamente pelos imigrantes e também pelos migrantes, formando uma população manauense de 1,6 milhão de habitantes. As mudanças no perfil do consumidor e os preços de mercado sempre convidativos têm promovido os olericultores a produzir hortaliças a qualquer custo, com a adoção de culturas protegidas (plasticultura) e culturas sem solo (hidroponia). (SASSAKI, 1997).

Outras fontes de Renda

Ao observar os dados sobre a renda (Fig. 22), percebe-se que todas as entrevistadas possuem outras fontes de renda familiar, sendo a maior delas a produção agrícola (80%), que abastece e comercializa com outras entidades além da feira, fornecendo produtos para merenda escolar, CONAB, etc. A atividade da pesca artesanal vem em segundo lugar, onde algumas (50%) possuem carteira de pescadora profissional.

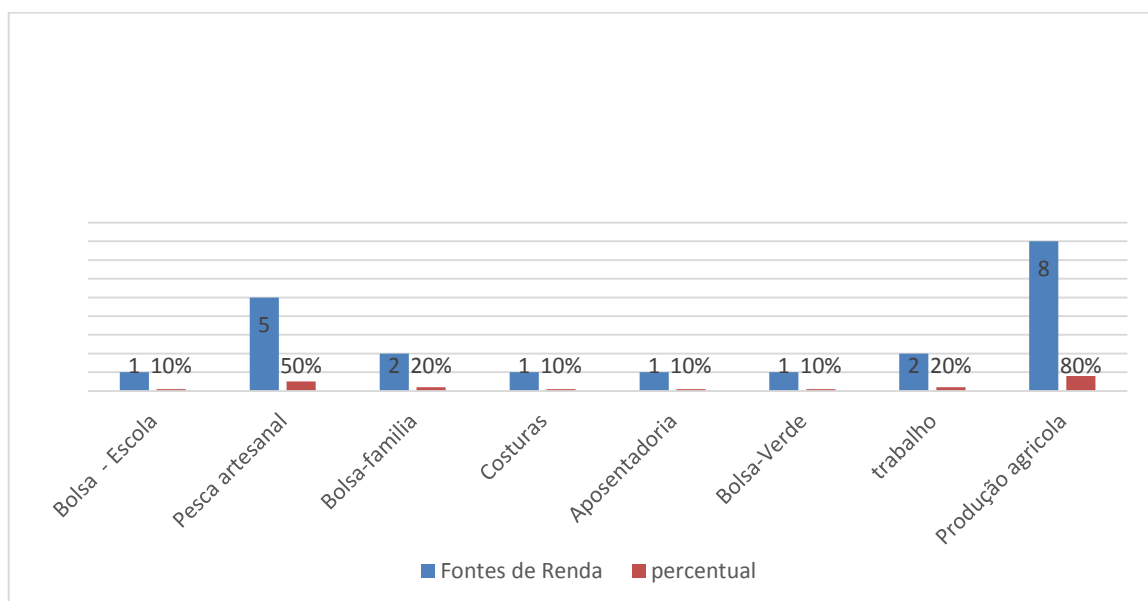


Figura 22 - Distribuição percentual das fontes de renda familiar das mulheres feirantes. Manaus/AM. Fonte: Rosane B. V. 2014.

Quanto ao item recebimento de benefícios, 40% recebe algum tipo de bolsa (escola, família, verde) e 10% aposentadoria do marido. Entre as entrevistadas não existe nenhuma aposentada. Explica-se essa situação dado ao fato de que não possuem ainda idade compatível com a aposentadoria, a de maior idade dentre elas está com 56 anos. São relativamente jovens e com plena força de trabalho.

No que se refere à participação em organizações sociais, uma ampla maioria participa de algum tipo de organização, como a cooperativa e a comunidade, sendo estas que serviram de encaminhamento para que pudessem participar das feiras. Em relação à participação das feiras estudadas, quando inquiridas, algumas entrevistadas declaram que foram convidadas a participar por algum membro da família, em geral um homem, que já fazia parte da cooperativa e da feira.

Bom, como eu vim parar na feira...eu fui convidada pelo meu compadre, que já fazia parte, tinha umas conhecidas também e falavam que valia a pena. Aí eu vim, e não parei mais. (Entrevistada, Manacapuru/AM, 2014).

Eu participava da cooperativa lá do meu município, e participo ainda, aí nós fomos convidados a participar da feira, por um vizinho que já vendia na feira do CIGS. Aí a gente veio e gostou. (Entrevistada, Rio Preto da Eva/AM, 2014).

Percepção das entrevistadas quanto a renda e feira

Ao inquirirmos as entrevistadas sobre a renda da feira apresentamos uma faixa com as opções, muito boa, boa, razoável e ruim, quando 60% responderam ser muito boa e 40% boa. Observa-se que nenhuma entrevistada respondeu ser a renda razoável ou ruim. Ainda, quando interrogadas se a renda era suficiente, na mesma proporção anterior, 60% declarou ser suficiente e 40% não. Todas demonstrando uma grande satisfação com o trabalho e a maioria com os resultados destas feiras. Podemos diagnosticar melhor ao vermos suas falas, a seguir:

Eu acho muito boa a renda da feira, tô trabalhando para viver melhor. Dá pra viver bem e sobra um pouco. É só do jeito que está tá ótimo. (Entrevistada, Novo Airão, 2014).

É boa, vende quase tudo o que traz. Mas poderia melhorar, vende bem, quase tudo o que traz. (Entrevistada, Manacapuru, 2014).

Muito boa a renda. Consigo pagar os meus gastos e sobra pra fazer novos investimentos. (Entrevistada, Iranduba, 2014).

A renda da feira é muito boa, dá pra viver dignamente. (Entrevistada, Iranduba 2014).

É muito boa a renda, mas não dá pra manter tudo. Precisava aumentar a produção. Não tem gente suficiente, doença do marido. (Entrevista, Rio Preto da Eva, 2014).

As entrevistadas entendem que mesmo sendo uma boa renda, esta ainda poderia melhorar e indicam alguns dos principais fatores que elas veem como possibilidade de incremento da renda. Esses fatores serão mostrados abaixo, de acordo com o percentual de indicação (tabela 3).

Tabela 3 - Fatores para incremento da renda segundo a percepção das mulheres agricultoras familiares feirantes. Manaus/AM. Fonte: R.B. Vargas. 2014.

Fator	Percentual %
1. Aumentar a produção	50 %
2. Aumentar área do plantio	30 %
3. Novas tecnologias \ assistência técnica	40%
4. Maior divulgação da feira	30%
5. Aumento nº consumidor	30%
6. Aquisição de maquinário - subsídios	20%
7. Achar destino para as sobras da feira	30%
8. Aumentar a mão de obra	30%
9. Políticas Publicas	20%

Metade das entrevistadas (50%) acreditam que a feira vende muito bem, normalmente vendem todos os produtos colocados, e que se tivessem mais produtos também seriam vendidos, assim 50% concorda com o aumento da produção como o principal fator de incremento para a renda, que de certa forma requer, aumento da área do plantio (30%), novas tecnologias (40%) e aumento de mão de obra (30%), Além dos outros fatores citados na tabela 3, que podem consideravelmente contribuir para a melhoria da renda, segundo a percepção das entrevistadas.

Ainda neste contexto da percepção quanto a renda das feiras, as feirantes que em sua maioria (70%) comercializam nas duas feiras *locus* do estudo, algumas declaram auferir maior lucro na feira do CIGS do que na do CASSAM, ainda

justificam que naquela o público é maior e demonstra ter um poder aquisitivo mais alto. Verificamos que tal constatação pode se justificar pela localização da feira, que se encontra nas imediações de bairros habitado por classe média-alta, próximo a Ponta Negra e bairro D. Pedro I. Depoimento de uma feirante que participa das duas feiras.

As duas feiras são boas, vendo bem. Mas o CIGS é melhor, aqui eu faço mil reais na feira e lá no CASSAM às vezes seiscentos oitocentos no máximo. No CIGS o povo tem mais dinheiro, compra mais, dificilmente alguém pechincha... (risada) é verdade. (Entrevistada, 2014).

Mobilidade e Moradia



Figura 23 - Moradia de uma agricultora feirante (terra firme). Município de Iranduba/ AM.
Fonte: R. B. Vargas. Pesquisa de campo, 2014.

No diagnóstico das moradias as habitações em geral são próprias (90%), uma minoria (10%) alugada, apenas 20% são construídas em alvenaria, 20% mistas e as restantes em madeira (60%). Das duas últimas 40% são palafitas. As casas geralmente possuem de três a quatro cômodos entre eles: a sala, que é um grande salão para receber visitas e também o local onde muitos dormem, e a cozinha onde são preparados as refeições e um quarto que geralmente é do casal, algumas uma área espaçosa aberta. (Tabela 4).

Tabela 4 - dados da habitação das mulheres agricultoras feirantes. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

Habitação	Própria	Alugada	Alvenaria	Mista	Madeira	Nº cômodos
Entrevistadas	X		x			06
	X				x	05
	X		x			08
		x		x		02
	X				x	03
	X				x	04
	X				x	03
	X				x	05
	X				x	04
	X			x		03
	9	1	2	2	6	Média 4,3
Percentual	90%	10%	20%	20%	60%	

As habitações são simples, predominando construção a base de madeira, já com algum conforto, pois o modo de vida urbano já está chegando à localidade, naquelas que já estão atendidas por serviços como energia elétrica, o que consequentemente leva os moradores a consumirem produtos típicos da vida da cidade, como é o caso da televisão, fogão a gás, e geladeira, ventilador, o que pode ser observado na residência da maioria das investigadas e nas suas falas:

Aqui em casa tem uma televisão que eu comprei na cidade, depois de chegar aqui a energia elétrica, né? Por antes só era movido a motor ai gastava muito óleo diesel. Tenho fogão a gás e geladeira, tudo eu comprei com o dinheiro da feira, antes guardava tudo no isopor com gelo. Mas pra comer agente usa mais o fogão de barro, já que o que não falta é lenha para alimentar o fogo e também não precisar gastar com gás. (Entrevistada, Manacapuru, 2014).

Com a feira mudou tudo. Tenho tudo de bom em casa, eletrodomésticos, tv, geladeira, liquidificador, tudo o que tem na cidade. Com o dinheiro da feira melhorou tudo. Tenho mais conforto. (Entrevistada, Rio preto da Eva, 2014)



Figura 24 - Moradia na várzea do Rio Solimões. Ao centro Igreja, escola e salão de festa, nas laterais duas moradias uma à direita e outra à esquerda. Comunidade São Raimundo. Manacapuru/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

Mas isso não se vê na maioria das casas da comunidade, pois como percebemos nas falas de outros moradores, terem geladeira e fogão, pois não é uma necessidade primordial e também pelos custos que tais equipamentos trazem para a comunidade, já que o fogão precisa de gás e a geladeira consome, na visão deles, muita energia. Muitos ainda utilizam isopor com gelo.



Figura 25 - Moradia de uma feirante de terra firme, e plantio de hortaliças com utilização de plasticultura. Iranduba – AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

Visível a diferença nas casas das famílias que trabalham com a feira, estas se apresentam bem mais equipadas em termos de conforto doméstico e de moradia, inclusive tendo freezer, televisão de led e ventiladores.

As paredes são geralmente ornamentadas com fotografias de familiares e imagens de santos, o que vem revelar a religiosidade dessas populações. Percebe-se também muitos ganchos para a colocação de redes e pregos onde são pendurados roupas e utensílios. Na cozinha tudo bem limpo e organizado, as panelas de alumínio com bastante brilho, os potes d'água que estiverem fora da geladeira são tampados com um pano assim como os alimentos.



Figura 26 - Agricultora feirante, moradora da várzea em Manacapuru - AM. Comunidade de São Raimundo. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

A proximidade com a cidade percebe-se na influência, os costumes e os valores citadinos passam a ser inseridos na comunidade devido à televisão que muitos adquirem e também pelas viagens a Manaus para estudo ou trabalho, que muitos da comunidade realizam. Tais como vestimentas e uso de eletrodomésticos.

4. Considerações finais

No decorrer deste estudo sobre os modos de vida das 'mulheres agricultoras familiares feirantes' de Manaus, foi se atentando para o modo de como elas se definem, se organizam e se (re) produzem enquanto categoria social. As mulheres se definem como agricultoras, ou seja, além de viver na zona rural, em sintonia com

a natureza, que lhes dá a condição de mulheres camponesas, ocupam e produzem a sua subsistência numa área de várzea ou terra firme. Sentem-se orgulhosas ao se reconhecerem e serem conhecidas como agricultoras. A natureza e comunidade fazem parte de uma única estrutura social.

As mulheres cumprem um importante papel na reprodução da família, realizando funções de educadora e executora de atividades relacionadas à manutenção da família (cozinha, cuidados com a casa, costura etc.). Além disso, estão amplamente inseridas na realização de atividades fora do espaço doméstico, participando dos processos produtivos, de transformação e comercialização de sua produção.

A participação das mulheres no desenvolvimento das práticas agrícolas vai além do papel de expectadora dos experimentos que foram implementados por seus esposos e/ou filhos. Assim, percebe-se com essas mulheres, que está ocorrendo uma grande valorização da identidade agricultora, devido aos novos agentes políticos e sociais que estão se inserindo na comunidade. Também observa-se que as entrevistadas estão procurando certo grau de desenvolvimento, econômico, para isso estão buscando órgãos públicos, associações, cooperativas, entidades religiosas que são capazes de auxiliá-las em seus projetos, principalmente relacionados ao desenvolvimento sustentável e agricultura familiar e seus canais de comercialização.

O trabalho permeia a vida dessas mulheres desde muito cedo, elas mencionam que desde criança é preciso trabalhar, por necessidade. É inegável que o trabalho ocupa lugar de destaque na vida dessas mulheres, traz satisfação ao colher os frutos dessa atividade e ver que todo o empenho lhes possibilitou prover o sustento de seus familiares. A comercialização na feira implementa a renda familiar e muitas vezes é considerada a maior renda da família. A maioria considera a renda da feira suficiente, atende a todas as necessidades da família e ainda permite algum investimento na propriedade.

Nos relatos das entrevistadas, revela-se que a participação nas feiras lhes abriu oportunidades de trabalho, independência financeira, reorganização da dinâmica familiar, maior conforto a família, aquisição de moveis e utensílios para a casa e conseqüentemente alegria em viver. Proporciona um convívio híbrido entre o rural e o urbano, novos costumes e necessidades. Trouxe dignidade e desocultamento.

5. Referências

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar predomina no Brasil. **Revista Com Ciência**, 10 de outubro de 2002.

ADS- **Agencia de Desenvolvimento sustentável**. Manaus/AM – Relatório das feiras /2013

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 1992.

_____. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Ed. Fim de Século – Edições, sociedade Unipessoal, Ltda. Lisboa, 2003.

_____. **O desencantamento do mundo**. São Paulo. Perspectiva. 1979.

CARDOSO, Lucia Helena (org.). **Violência doméstica e gênero: um recorte no universo feminino** santa- Cruzense. 1ªed. Santa cruz do Sul/RS. Edunisc, 2010.

CANTO, O. **Várzeas e Varzeiros da Amazônia**. Belém: MPEG, 2007.

_____; LIRIO, A.; FERRÃO, E. Ribeirinhos do Mapuá. In: MOTA, G.; et al. (Org.). **Caminhos e Lugares da Amazônia: ciência, natureza e territórios**. Belém: GAPTA/UFPA, 2009, v. 1, p. 7-240.

CASTRO, Albejamere Pereira. **Relações de Gênero e os Meios de Produção na Sustentabilidade das Comunidades Amazônicas**. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto, (2008).

CASTRO, Albejamere Pereira de. **Agrodiversidade e cadeia produtiva do cará (Dioscorea spp.) na agricultura familiar: um estudo etnográfico no município de Caapiranga-AM**. - Manaus: UFAM, 2011. Tese (Doutorado em Agronomia Tropical).

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Gênero e meio Ambiente**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO: UNICEF, 2005.

DIAS, Maria Berenice. **A lei Maria da Penha na Justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo. Revista dos tribunais, 2007.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ELIAS, Norbert, (1996). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar.

_____, (1970). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablumme; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2011. 2ªEdição.

FRAXE, Therezinha J.P., MEDEIROS, Carlos M. (orgs.) **Agroecologia, extensão rural e sustentabilidade na Amazônia**. Manaus, fundação Universidade do Amazonas, 2008.

FRAXE, T. J. P., PEREIRA, H. S., WITKOSKI, A. C., (orgs.) **Comunidades Ribeirinhas amazônicas: memórias, ethos e identidade**. Manaus. Reggo edições. 2011.

_____. **Comunidades Ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos Recursos naturais**. Manaus. Reggo edições. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, M. **Políticas Públicas na Amazônia e o Futuro do Planeta**. A Amazônia e os Índios: notícias & correspondências, eletrônica, p. 1 - 10, 23 jun. 2007.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Brasília: expressão popular, 2005.

MASULO, Manoel de Jesus M. da Cruz. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. Tese, doutorado. 274p. Programa de pós graduação em geografia humana. Universidade Filosofia ciências letras e geografia. São Paulo/SP. 2007.

MIGUEZ, Samia Feitosa; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antonio Carlos. Caracterização sociocultural das comunidades da área focal do Piatam. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antonio Carlos; e PEREIRA, Henrique dos Santos (orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: memórias, ethos e identidade**. Manaus: Rego Edições, 2011.

MOURÃO, Renata; RIVAS, Alexandre; e FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. O estado da economia nas comunidades de várzea: atividades tradicionais e integração de mercado. In: RIVAS, Alexandre Almir Ferreira et al (orgs.). **Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do médio solimões**. 2ª ed. rev. Manaus: Rego Edições, 2011.

MOURÃO, P. L. **Diagnóstico sobre os quintais agroflorestais e o trabalho feminino em sistemas de produção no município de Abaetetuba - Pará**. In: IV Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de produção, 2001, Belém. Anais... Belém: UFPA, 2001.

NOBRE, Miriam. **Relações de gênero e agricultura familiar**. In: NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu; SILVEIRA, Maria Lúcia. Feminismo e luta das mulheres: análise e debates. São Paulo: SOF, 1995.

NODA, Hiroshi. **Agricultura familiar na Amazônia, segurança alimentar e agroecologia**. www.emater.pa.gov.br/EmaterPortal/downloads/./agriFamAmz.pdf, 2009.

NODA, Sandra do Nascimento. **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas**. Manaus: Editora Edua, 2007.

OTAVIO, Luís. Diretor da ADS. Entrevistas concedidas à pesquisadora em 2013.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica. Estudos avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100006>. Acesso em: Dez 2013

RURAL NEWS, *Plasticultura*, 14.10.2014.

<http://www.ruralnews.com.br/quemsomos.php>. Acesso em 03.03.2015.

SABADELL, Ana Lucia. **Manual de Sociologia jurídica**: introdução a uma leitura externa do direito. 3ª ed. São Paulo: revista dos tribunais, 2005.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização**: Perspectivas e Tendências. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. 197 pg. 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SASSAKI, O.K. Resultados preliminares da produção de hortaliças sem o uso de solo no Amazonas. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 15, p. 165-169, 1997. Palestra. Suplemento.

SILVA, Carolina Braz de Castilho e SCHNEIDER, Sergio. **Gênero, Trabalho rural e pluralidade**. In Gênero e Geração em contextos rurais. Parry Scott (org). Ilha de Santa 11 Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide. **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: ed. Mulheres, 2010.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. v.20, n.2, p.71-99. Porto Alegre, 1995.

SEMEGHINI, Maria Inês Carpi. **Trabalho e ser Social**: Uma reflexão da Ontologia de Gyorgy Lukács. *Contradictio*. v.2 n. 1. 2009.

SENNA, A P. ADS comemora 10 anos. **Floresta Brasil Amazônia**, Manaus, a. 2, n. 6, p. 41-47, out-nov-dez. 2013.

TORRES, Iraídes Caldas. 2005. **As novas amazônidas**. Manaus: EDUA.

TORRES, Iraídes Caldas. **O ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Ed. Valer \Fapean, 2012.

SILVESTRO, Milton Luiz (et.al.). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: EPAGRI; Brasília: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SIMONIAN, L. T. L. **Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o trabalho e a cultura**. Belém: UFPA/NAEA, 2001. 270 p.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, Florestas e Águas de Trabalho**. Manaus: Edua, 2007.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaus. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília, DF: Ed. UnB, 1997.

CAPITULO III



Figura 1 - Agricultoras familiares comercializando nas Feiras Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. Fonte: R. B. Vargas. 2014.

A forma pela qual as mulheres se relacionam com o meio ambiente mostra que elas têm como ponto de referência as suas vivências e experiências de vida. “Os indivíduos pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles”. Morin (2003, p.25).

CAPITULO III

A TRANSFORMAÇÃO DO *HABITUS* NA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR DO AMAZONAS²⁰

Rosane Marizeti Brum Vargas²¹

Resumo: O estudo trata da transformação do *habitus* nas mulheres camponesas do Amazonas com a participação nas feiras de produtos regionais em Manaus. Revela e analisa o antes e depois da inserção na feira, na vida desses atores sociais, a percepção do que é ser mulher na feira e essa intermediação indivíduo-sociedade, interpretados à luz da categoria de análise, o *habitus*, de Pierre Bourdieu. Aborda o conceito de *habitus* e seu significado. Foi utilizado o método etnográfico permeado com a percepção ambiental, numa abordagem sistêmica, tendo como instrumentos formulário, entrevistas, registros fotográficos, caderno de campo, com ênfase a observação participante e as falas das entrevistadas. O *habitus*, enquanto categoria de análise nos permitirá perceber a forma como as intervenções dos indivíduos envolvidos nessa relação possibilitaram alterar algumas das estruturas já estabelecidas nas relações sociais, familiares e econômicas. Esse estudo objetiva o desocultamento da vida e trabalho dessas mulheres.

Palavras-chave: mulher camponesa, feira regional, mudanças, Manaus.

Abstract: The study deals with the transformation of the habitus of the Amazon rural women from participation in the fairs of regional products in Manaus. Reveals and analyzes the before and after insertion at the fair, in the lives of social actors, the perception of being a woman at the fair and this individual-society intermediation, interpreted in the light of the analysis category, the habitus of Pierre Bourdieu. Addresses the concept of habitus and its interpretation. We used the ethnographic method permeated with environmental perception, a systemic approach with the following instruments form, interviews, photographic records, field notebook, with emphasis on participant observation and the interviewees' discourse. The habitus, as a category of analysis will allow us to realize how the activities of the individuals

²⁰ Parte da Dissertação de mestrado da primeira autora. Financiamento CNPQ – UFAM.

²¹ Mestranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia (CCA/UFAM), Advogada (Direito Socioambiental), Licenciatura em Matemática e Bolsista CNPq. E-mail: rosanebv.adv@gmail.com

involved in this relationship enabled change some of the structures already established in the social, family, and economic. This study aims to the unveiling of the life and work of these women.

Keywords: peasant woman, regional fair, changes, Manaus.

1. Introdução

De acordo com Fraxe (2008), a dimensão econômica avultou até desequilibrar ou alterar as tradições das comunidades. A expansão do mercado capitalista força a agricultora familiar a multiplicar o esforço físico, e tende a atrofiar as formas coletivas de organização no trabalho (ajuda mútua). O trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera da economia regional, individualizando-se configurando novas relações com o mundo externo.

A “modernidade” se expressa aí, na transformação da agricultura familiar em uma empresa orientada pela lógica capitalista no tocante à rentabilidade e à produtividade crescente. A “tradição” segundo Giddens (1991) é reinventada a cada nova geração, conforme essa assume sua herança cultural dos precedentes. O capital cultural e material herdado dos antepassados é somado a novas instâncias da vida.

O papel das mulheres, sua participação e relevância como provedoras das economias de suas famílias e comunidades vem forjando um desocultamento do trabalho feminino e uma atuação decisiva para a sustentabilidade da agricultura familiar.

As novas necessidades da vida moderna e de canais de comercialização dos produtos da agricultura familiar levam as mulheres camponesas a buscar novos caminhos nas Feiras de produtos regionais de Manaus. O que vem demonstrar um cenário em mudança, na esfera social, econômica, e cultural, criando condições favoráveis para a transformação na divisão do trabalho e questões de gênero.

O tema proposto, “transformação do *habitus* nas mulheres agricultoras depois da participação nas feiras regionais”, estuda e revela a vida dessas mulheres **antes** de comercializarem os produtos da agricultura familiar na feira e **depois**, as mudanças ocorridas, aqui, as pesquisadas também são chamadas de mulheres camponesas do Amazonas.

As mudanças são analisadas à luz da categoria social de análise, o *habitus*, criada por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, que pode ser entendido como uma noção mediadora entre indivíduo e sociedade. O *habitus* nos auxilia a interpretar e explicar o comportamento e as mudanças. Será o elo essencial pra compreendermos a ressignificação do modo de viver e sentir dessas mulheres estudadas.

A discussão do tema além desta introdução e considerações finais, vem apresentada em três partes distintas, com apresentação de vários relatos das pesquisadas. A primeira parte observa e analisa “como era a vida antes da feira” (o *habitus* anterior e primário), na segunda parte, as “mudanças ocorridas com a participação na feira” e, na terceira “o que é ser mulher na feira”.

2. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em Manaus/AM, com mulheres agricultoras familiares feirantes, que comercializam seus produtos em dois territórios distintos, as feiras do CIGS e Feira do CASSAM, ambas em espaço de organizações militares (OMs). A pesquisa do tipo descritiva, exploratória, observacional, estudou as mudanças do *habitus* ocorrida na vida das camponesas feirantes, a partir de 2008 (início da 1ª feira). Os métodos usados foram a **etnografia e a percepção ambiental**, bem como instrumentos de coletas de dados: 1) entrevista semiestruturada; 2) fotografias; 3) observação participativa (diário de campo); Os instrumentos de coleta de dados e os métodos utilizados visaram garantir uma compreensão da realidade sistêmica e holística do objeto da pesquisa e de sua complexidade.

A abordagem etnográfica objetiva identificar o significado nas relações sociais de classe, etnia, linguagem, gênero, e onde e como estas relações se manifestam. Além disso, o método inscrito pela ótica etnográfica representa um olhar *de perto e de dentro* da realidade, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, em oposição ao olhar de *longe e de fora*, na concepção de Magnani (2002).

Nesse processo construtivo, tanto a etnografia quanto a percepção ambiental contribuíram para o entendimento do objeto de pesquisa. A etnografia no sentido interpretativo e descritivo da vida das mulheres feirantes e suas dinâmicas e a percepção ambiental no entendimento de como as mudanças do *habitus* ocorrem e são percebidos a partir dos processos cognitivos, sensoriais, subjetivos e dispostos do campo social e ambiental.

Foi determinado um público alvo de cinco mulheres de cada feira, totalizando dez, oriundas dos dois ecossistemas amazônicos, várzea e terra firme. Sendo acompanhadas em todas as feiras pelo período de 16 meses (2013 a 2014), inclusive na dinâmica da organização para a feira no dia anterior, com aquelas que pernoitavam no local da feira. Foi estreitado o convívio com as pesquisadas, acompanhando em passeios pela cidade, lanches e refeições, conhecer o shopping e troca de visitas a moradia com a pesquisadora. Com ênfase às falas das pesquisadas nas entrevistas. As entrevistas foram aplicadas de acordo com a disponibilidade das entrevistadas.

O estudo foi submetido ao comitê de ética em pesquisa (CEP/UFAM), com aprovação, sob o Parecer nº 860.900.

3. Resultados e discussões

O *habitus* pode ser visto como uma síntese dos estilos de vida e dos gostos pelos quais apreciamos o mundo e nos comportamos nele (Bourdieu, 2007).

3. 1. Entendendo o *habitus* em Bourdieu

Na pesquisa ora em comento, as mudanças ocorridas serão interpretadas através da categoria social de análise “**o *habitus*”**, utilizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, entendida como uma noção mediadora entre indivíduo e sociedade. *Habitus* é uma noção filosófica antiga, originária do pensamento de Aristóteles e utilizado posteriormente por Durkheim, que foi recuperada e retrabalhada depois dos anos de 1960, pelo sociólogo Pierre Bourdieu (SETON, 2002).

Habitus é uma das categorias de análises utilizadas por Bourdieu e pode ser entendido como uma noção mediadora entre o indivíduo e a sociedade, onde é refletida no indivíduo a maneira como a sociedade se comporta frente a forma de disposições duráveis, ou capacidades de pensar, sentir e agir de modos determinados que os guiam no seu meio social (SETON, 2002).

Para melhor entender a noção de *habitus*, podemos citar Bourdieu em seu trabalho "Razões Práticas", onde este afirma que O *habitus* pode ser considerado como "princípios geradores de práticas distintas - o que o operário come e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las. O *habitus* estabelece as

diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso e ostentatório para outro e vulgar para um terceiro". (BOURDIEU,1997).

De acordo com Seton (2002, p.62), Bourdieu desenvolveu esse conceito a partir da necessidade de "apreender as relações de afinidades entre o comportamento dos agentes e as estruturas condicionantes sociais". Para Bourdieu (2002, p 83), *habitus* diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo do seu processo de socialização; integra experiências passadas, atua como uma "matriz" de percepções e apreciações de ações. Essa matriz ou conjunto de disposições nos fornece os esquemas necessário para nossa intervenção na vida diária. Conforme trata o autor, essas disposições não são fixas, não são a personalidade nem a identidade dos indivíduos: "*habitus* é um operador, uma matriz de percepção, e não uma identidade ou subjetividade fixa".

Assim, conforme explicita o autor:

Sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposição aberto, permanentemente afrontado às experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável. " (BOURDIEU, 2002, p.83)

Baseado nas concepções de Bourdieu, Seton (2002), assim formula o conceito de *habitus*:

"Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceitual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores, e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me ajuda a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente, ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, creio que a categoria de *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. " (SETON, 2002, p.61).

O *habitus* nos faz entender a (re) criação da mulher agricultora familiar feirante, porque ele ativa o agente, que ele contém em germe, a dinâmica, a possibilidade de no presente, acionado condicionamentos incorporados, de construir uma nova história – é o passado e o presente recriado, fazendo o futuro, trazendo a reinvenção (a transformação criadora) e adaptação (ou não) ao novo (mundo capitalista, cidade, etc.).

Nas pesquisas atuais com as *mulheres agricultoras familiares feirantes*, observa-se que começam a exercer atividades, que antes não eram comumente realizadas por elas, levadas pelas necessidades surgidas no cotidiano, ressignificando o seu trabalho e a valorização que lhe cabe. No entanto, apesar destas mulheres estarem adquirindo maior “emancipação política”, muitas de suas ações ainda estão ligadas às ideologias repassadas pelos seus antecessores. Isso pode ser explicado pela noção de *habitus* descrito por Bourdieu: a teoria do *habitus* elaborada por Bourdieu permite entendermos os modos de vida, memória, identidade e *ethos* da mulher camponesa agricultora e, portanto, a permanência deste como um aprendizado do passado, como herança, porém dotada de criatividade que permite ao sujeito inovar, transformar sua prática social na busca da sua realização como agente criativo.

Na prática, vamos percebendo que o *habitus* não anula a história, já que como herança abre possibilidades para mudanças no todo social, podendo gerar sublevações. Basta pensarmos na luta pelo *direito costumeiro*²² que tem colocado os camponeses em uma situação de conflito, desde os Quilombos até nossos dias.

Neste movimento de permanência e mudança, fruto do *habitus*, a mulher camponesa vai se (re) criando. “*Habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (1983b, p. 106).

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992, p. 101).

A Feira constitui-se também num palco de reprodução social, reiteradamente desprezada enquanto objeto de estudo pela ciência econômica, um espaço de trocas de saberes ou de *habitus* no sentido conferido por Bourdieu (1989), onde os conviventes enriquecem o seu capital cultural, através da aprendizagem e aquisição de novos saberes e experiências vividas pelo outro. O consumidor, trazendo o seu saber urbano para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber forjado no contato com a natureza e na dinâmica dos processos naturais de produção.

²² O Direito Costumeiro ou consuetudinário, pode ser definido como um conjunto de normas de conduta social, criadas espontaneamente pelo povo, através do uso reiterado, uniforme e que gera a certeza de obrigatoriedade, reconhecidas e impostas pelo Estado” (NADER, p. 156).

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' (Bourdieu, 1992).

A noção de *habitus* descrita por Bourdieu (1979) e Miceli (1992) citado por Fraxe (2000), *habitus*: refere-se a um grupo, classe ou elemento individual é o processo de interiorização da objetividade, o que ocorre de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. É um sistema de disposição do passado que sobrevive ao atual, atualizando-se nas práticas e tendendo a se perpetuar. É uma estrutura onde os genitores passam para a sua prole a sua ideologia, por exemplo, as mulheres devem obediência a seus maridos, isto já vive no subconsciente delas, principalmente daquelas com idade maior de quarenta anos. Para estas é normal porque faz parte da tradição que tende a permanecer e ser vivenciada no seu cotidiano, porém, as mais jovens tendem a demonstrar mudanças nestes aspectos.

Comentando a estrutura patriarcal acima, nas comunidades amazônicas, Fraxe e Castro (2011, p. 112) também argumentam que se verificou através da vivência com estas mulheres que apesar destas possuírem “certa emancipação política” suas ações ainda estão ligadas às ideologias repassadas pelos seus antepassados.

Ainda, segundo Bourdieu, o *habitus* é um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural, entre outras). O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito às estruturas relacionais nas quais está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais. Bourdieu pretende, assim, superar a antinomia entre objetivismo (no caso, preponderância das estruturas sociais sobre as ações do sujeito) e subjetivismo (primazia da ação do sujeito em relação às determinações sociais) nas ciências humanas (ver estratégia). Trata-se de “uma matriz, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.

Assim a noção de *habitus*, em Bourdieu, irá nos auxiliar a interpretar e explicar o comportamento e mudanças manifestadas na vida das *mulheres agricultoras familiares feirantes*. O *habitus*, enquanto categoria de análise nos permitirá perceber a forma como as intervenções dos indivíduos envolvidos nessa relação possibilitaram alterar algumas das estruturas já estabelecidas nas relações sociais, familiares e econômicas. Desta forma, a discussão do *habitus* se torna o elo essencial para compreendermos o processo de (re) criação da classe mulheres agricultoras.

4. O *habitus* anterior

4.1 A história de vida antes de trabalhar nas feiras

Destacou-se nos relatos sobre as recordações da vida, antes de trabalhar na feira, a frequência dos testemunhos do exemplo dos pais na tarefa de sustentação e preservação da unidade familiar, tanto no âmbito doméstico, quanto nas participações de eventos da comunidade local. Os relatos descrevem ocasiões onde a figura paterna ou o marido realizava suas tarefas diárias, gerindo os negócios familiares, acompanhado da figura materna e dos filhos, imbuída das tarefas domésticas e da busca para melhoria das condições de vida. Observa-se aí a divisão social das funções entre os gêneros masculino e feminino: o gênero feminino e suas atividades no âmbito doméstico (o privado); e o gênero masculino em suas atividades fora do âmbito doméstico (o público). Oposição dentro e fora.

As mulheres estudadas são de origem de famílias de agricultores, tinham os pais envolvidos na rotina de suas respectivas regiões (ecossistemas), sendo na várzea ou na terra firme do Amazonas, alguns descendentes de seringueiros, todos tiveram uma vida árdua no trabalho e uma infância comprometida desde cedo com as responsabilidades de auxílio na produção. Relatam que já tinham experiências na agricultura e muitas, também de outras feiras, algumas desde pequenas onde acompanhavam suas mães.

Como se pode notar essas pertenciam a grupos de classe econômico/culturais não privilegiada, dos pequenos agricultores familiares do Amazonas. As lembranças também realçam o envolvimento das agentes nos eventos religiosos, a importância das datas comemorativas e a formação escolar precária, a vivência e a solidariedade em comunidades locais. As dificuldades

enfrentadas pelas famílias, inclusive quanto à alimentação e manutenção do lar. Principalmente quanto à dificuldade de comercialização, quando tinham que se submeter ao poder dos atravessadores, por falta de alternativas.

Alguns exemplos de relatos, ocultando-se nomes próprios e indicações de localização, podem ser acompanhados a seguir:

Relato 1: Antes trabalhava com carvão. Toda a família trabalhava, até os filhos. Era muito ruim...meu Deus do céu, o meu esposo adoeceu, nós estávamos tudo doente de tanto tirar carvão. Até as roupas, vestia o que tinha o que ganhava, não podia comprar nada. Quando surgiu a feira, já tinha umas fruteirinhas. Pedia uma oportunidade para ter onde vender a Deus. Não tinha nada dentro de casa, não comia direito... Entrevistada 1, 2014).

Relato 2: A vida era só trabalhar. Esperar o marreteiro. Só vivia em casa. Muito só. Mas desde criança a gente já trabalhava na roça, toda a família, e esperava o marreteiro. Ia na igreja na comunidade, ajudava, só o que tinha pra fazer que não fosse trabalhar. (Entrevistada 2, 2014).

Relato 3: Antes da feira eu era professora, o marido pescava. Sobrevivia. Tudo muito difícil. Depois a família do marido comprou um terreno, fomos morar lá, começamos a plantar, recebia cesta básica, os irmãos ajudavam, os vizinhos ajudavam. Foram dois anos bem ruim, difícil, depois fez empréstimo com a AFEAM²³, começamos a plantar. Só tinha bolsa escola. (Entrevistada 3, 2014).

Relato 4 : Me criei na roça, vendo toda a família, avós, o pai e a mãe trabalhar na roça, no sítio, cuidar da criação, ajudando desde pequena eu e os meus irmãos. As mulheres ficavam em casa, os homens é que saíam mais, iam na cidade. Mulher só quando tinha precisão mesmo, em caso de doença mais grave...e quando tinha festa da igreja na comunidade. (Entrevistada 4, 2014).

Relato 5: Sempre trabalhei na feira com a minha mãe desde pequena, em Manacapuru, as vezes ia na Manaus moderna, por aí. Mas era diferente, a feira não era muito lugar de mulher, tinha mais homens trabalhando. As mulheres tinham vergonha de sair de casa, não se sentiam bem na feira, ficavam mais em casa trabalhando ajudando na roça, na comunidade quando precisava. Agente tinha vergonha de dizer que era agricultora. Quando não tinha produto, revendia dos vizinhos. (Entrevistada 6, 2014).

Relato 6: Antes o marido não gostava muito que a mulher saísse sozinha pra ir pra feira, longe. Achava melhor ele ir, quando podia. Ou vendia mesmo era pro atravessador. Mas vendia mal, o marreteiro pagava pouco, e as vezes nem pagava. Ia muita produção fora, estragava muita coisa. (Entrevistada,7, 2014).

²³ AFEAM : Agência de Fomento do Estado do Amazonas, tem a missão de apoiar com o desenvolvimento socioeconômico do Estado do Amazonas, através de ações de apoio técnico e creditício que propiciem a geração de emprego, renda e a melhoria da qualidade de vida da população do Estado do Amazonas. <http://www.amazonas.am.gov.br/entidade/agencia-de-fomento-do-estado-do-amazonas-afeam/>.

No entendimento de Witkoski (2007), a *tradição familiar* é o motivo fundamental que levou os camponeses amazônicos a se dedicarem à agricultura. E que o *habitus* adquirido na família, afirma Bourdieu (1983), está no princípio da estruturação das experiências, e que este *habitus* transformado pela ação de outras instituições, por sua vez, no princípio da estrutura de todas as experiências ulteriores, de reestruturação em reestruturação, infinitamente. Desse modo, as estruturas do *habitus*, que estão no princípio de toda a experiência ulterior, são primeiramente produzidas no universo familiar e depois nas relações econômicas e sociais que a unidade familiar estabelece com o meio envolvente.

Embora as argumentações sejam diversas, os conteúdos são semelhantes. Tiveram uma infância com responsabilidades e ajuda no trabalho da agricultura desde cedo. Quanto ao quesito escolaridade, 40% declarou possuir escolaridade até a 5ª série, 20% até a 7ª série, portanto 60 %, o primeiro grau incompleto.

Relato 7: Estudar, não pude estudar muito não, tinha que ajudar em casa, na roça desde cedo, a escola era longe. Tenho uma irmã que foi morar na cidade na casa de uma família pra estudar, mas não ficou muito, depois voltou. Mas aprendi a lê, escrever, fazer conta... dá pra viver. (Entrevistada 5, 2014).

Para Bourdieu (1997), a escola, mesmo quando já liberta da tutela da igreja, ainda continua a transmitir os “desígnios da representação patriarcal”, que está baseada na homologia entre a relação homem/mulher e também da relação adulto/criança e, sobretudo, tende a estar inscrito nas estruturas sociais hierarquizadas e sexualmente conotadas. A importância desse trabalho de estruturação/reestruturação do *habitus* reflete na forma como as agentes procederam às próprias representações de si, do outro, de seu destino social, de sua maneira de ser, de sua lente de apreciação do mundo, e, também, de si próprio. Esse *habitus primário* (apreensão de códigos, valores e interditos) está na base das escolhas futuras e tendem a persistir reestruturadas nelas.

Ocorre que nas circunstâncias relatadas acima (relatos) na explicação de Witkoski (2007), como se fala de famílias camponesas, cujos membros, em geral, participam muito pouco da escola, a experiência de reestruturação do *habitus*, não acontece tal como poderia ocorrer. Assim, na grande maioria, a família é a instituição de origem e do desenvolvimento do *habitus* até a morte do indivíduo.

4.2. O que mudou após a feira

De acordo com a percepção das feirantes estudadas, as feiras de produtos regionais e sua participação nestas foi um marco em suas vidas, no aspecto social, material, cultural, podendo ser visualizado com distinção suas trajetórias de vida antes da feira e depois. Aquele *habitus* de agricultor, do camponês amazônico, inculcado, gerado nas diversas instâncias sociais vividas entra em movimento e (re) cria uma nova categoria social.

Os relatos dessa mudança são enunciados a seguir:

Relato 8: Depois que comecei na feira do CASSAM e do CIGS, mudou tudo, 100%. A vida foi melhorando. Até juntar dinheiro e emprestar pros parentes. Agora ser agricultora é diferente. Hoje tenho um saveiro financiada, desde nov/2013. Ajeitamos a casa. Me visto bem.

Relato 9: Sempre fui agricultora, mas aqui a gente vende bem mais. Minha vida mudou muito. Eu mudei, tô mais comunicativa. Sempre tem dinheiro na mão. Me sinto mais feliz. Agente vê que o trabalho compensa. Conhece mais pessoas, faz amizades. Acho ruim quando não venho pra feira.

Relato10: Com a feira mudou tudo. Mudou a vida. Melhorou o relacionamento com o marido, com os filhos, a auto estima melhorou, tenho mais autoridade em casa, me sinto mais respeitada. Agora “me acho!!!”. Mudou radicalmente, antes a gente vivia na mão do atravessador, hoje é só dizer que temos uma banca na feira, já muda! Aí a gente pode negociar o preço com ele também. Mais dinheiro em casa [...].

Relato 11: Hoje a vida é totalmente diferente, a gente sai se diverte. A feira ajudou muito, toda a família. Melhorou de vida, Sobrou dinheiro, montei a casa, comprei móveis. Hoje posso fazer planejamento para comprar algo. Ajudo mais na comunidade, participo mais da igreja. Tenho prazer em plantar, colher e trazer os produtos.

Relato 12: O lucro é maior. Passei a produzir mais. Tudo o que tenho na minha casa comprei com o dinheiro da feira, moveis [...] rancho da casa. Me sinto feliz, mais respeitada, mais valorizada. Mais independente, administro o meu dinheiro.

Relato 13: Ah! Mudou muito. Já consegui fazer um empréstimo pra plantar banana. Banana vende bem. Consegui fazer a minha casa, comprei coisas, armário, tv, geladeira, bomba d'água [...] um carro (saveiro), melhorou a alimentação, a gente consegue comer direito. Aumentou a renda, dá pra investir.

Relato 14: Deixei as costuras de lado e comecei a produzir. A feira foi uma benção pro produtor. Mudou a vida. Na hora que cai a tua fruta, é muito triste, tudo se perdia, não tinha venda. Com a feira, com o meu próprio dinheirinho eu comprei um carrinho, um gol. Eu junto, sabe, que eu não sou muito 'estragada', junto daqui, dali, e vou juntando, juntando.... e comprei.

Relato 15: Lá na feira a gente “existe”, mudou a vida econômica, é fonte de renda. Encontro pessoas diferente, faço amizades. Paguei as dívidas. Comprei uma S10, paguei com a feira. Tenho orgulho em ser agricultura, me sinto importante. Deu mais independência.

O *habitus* é, portanto, um sistema de disposições, tendências incorporadas pelos atores decorrentes da especificidade do processo de socialização por eles percorrido, particularmente da sua inserção social mais objetiva em determinados campos (religioso, intelectual, científico etc.) que presidem às suas práticas sociais. Para Bourdieu, as disposições são estruturadas e estruturantes, já que elas são determinadas pelas condições sociais mais estruturais presentes no processo de socialização dos atores, e, ao mesmo tempo, concorrem para a determinação das práticas desses atores. É importante frisar que, em Bourdieu, os *habitus*, nos seus conteúdos, representam capital cultural sob a forma incorporada e, portanto, recursos de poder, já que o capital cultural, assim como o econômico, é distribuído desigualmente na sociedade.

Na concepção de Seton (2002), as transformações institucionais no mundo contemporâneo, a coexistência de distintas instâncias de socialização, uma maior circularidade de valores e referências identitárias, configura um campo da socialização híbrido e diversificado.

Com base nos relatos anteriores, com as mudanças na trajetória de vida, a vivência na feira, é possível ver essa nova configuração contribuindo para a construção de um novo *habitus*, a construção de um novo sujeito social, agora não apenas influenciado e determinado pelas instâncias tradicionais da socialização - a família, a escola e a igreja. É possível identificar a ordem social contemporânea, fazendo emergir novas formas de interação social, contribuindo para a produção de um *habitus* alinhado às pressões modernas. Ou seja, vivendo a realidade da desinstitucionalização das agências socializadoras (Dubet, 1996, apud Seton 2002), propenso a interagir com uma nova conjuntura social, o indivíduo contemporâneo é expressão e produto de um novo *habitus* social.

Reitero a necessidade de considerar o *habitus* um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação e, portanto, adaptável aos estímulos do mundo moderno: um *habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente; *habitus* como expressão de uma identidade social em construção. (Seton, 2002).

Segundo Giddens (1991), vivemos em um mundo descontextualizado cujos espaços de convivências e integração, tanto materiais como simbólicos, não se reduzem ao aqui e ao agora. Várias instituições sociais emergiram como que concomitantemente à realização deste novo modelo de interação. O avanço tecnológico, os sistemas peritos, o rádio, a TV, os computadores são novos mediadores dessa ordem social. Em uma situação de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana.

4.3. O que significa ser mulher na feira

No decorrer das conversas informais e entrevistas, as feirantes quando questionadas o que significava para cada uma delas “ser mulher na feira”, revelaram mais uma vez as mudanças trazidas pela nova instância socializadora. Mudanças de percepção e comportamento quanto às questões de gênero, na feira e na família. Isto pode ser observado nos relatos a seguir:

Relato 16: Antes, na feira não era lugar de mulher. Quase só tinha homem e o marido não achava bom, não, que a mulher viesse sozinha na feira. Hoje eu venho, não tenho vergonha de dizer que sou agricultora. Me deu mais independência, a gente se liberta, participa mais, tenho mais respeito em casa. E a mulher é respeitada na feira, é valorizada. (Pesquisa de campo, feira do CIGS, 2014)

Relato 17; Ser mulher na feira, melhora a vida. Significa mais comunicação, a mulher fica mais valorizada. Só em casa a mulher fica muito fechada, tem dificuldade de se comunicar. (Pesquisa de campo Feira do CIGS, 2014).

Relato 18: Ser mulher na feira, muda muito nossa vida. A diferença vem desde a economia, tenho dinheiro na mão. Mais independência do marido. O contato com o consumidor deixa a gente espontânea. (Pesquisa de campo Feira do CASSAM, 2014).

Relato 19: Ser mulher na feira fez eu me sentir bem melhor, agora me sinto agricultora mesmo, valorizada, mais alegre, mais feliz. Me sinto com decisão. Cuido do dinheiro. (Pesquisa de campo Feira do CIGS, 2014).

Relato 20: Fazer parte da feira, é importante demais pra mim, é um orgulho. Aumenta a minha autoestima, ganho mais respeito, comecei a assumir o negócio da família. Na feira, todo mundo é igual, mulher é igual a homem, tem respeito. (Pesquisa de campo, Feira do CASSAM, 2014).

Relato 21: As mulheres... dá a impressão que as mulheres têm mais jeito pra vender, vende mais...ser mulher na feira, você muda de vida, leva uma vida diferente. A mulher com a feira muda muito, eu era tímida e mudei. Não sabia nem mexer com o dinheiro, aqui na feira a gente aprende muito. Me dá mais autoridade em casa, a família respeita mais. (Pesquisa de campo Feira do CIGS, 2014).

Relato 22: Aqui na feira a mulher se sente igual ao homem. Tem respeito. Tenho orgulho de ser feirante em Manaus, me sinto importante, o trabalho aqui é valorizado. É muito gratificante. Até o papel da mulher na família ficou com mais 'destaque', tenho papel decisivo na renda. Fiquei mais independente, melhorou até no casamento. (Pesquisa de campo Feira do CASSAM, 2014).

Os relatos acima revelam a percepção das mulheres feirantes quanto à sua importância no trabalho da feira, a melhoria da autoestima, o aprendizado, a independência, a alegria em trabalhar na feira. Percebe-se aqui as mudanças sutis nas questões de gênero, o empoderamento das mulheres trazendo igualdade.

Em sua obra *A Dominação Masculina*, Bourdieu (2010), relata o processo de interiorização do *habitus* da identidade feminina e sua apropriação pelas jovens Cabilas, ligado a diferentes aspectos de suas personalidades, como a boa conduta, tanto moral como corporal, os diferentes tipos de vestimentas apropriadas às respectivas fases de menina (virgem núbil, esposa e mãe de família). Segundo ele, o aprendizado dessas disposições ocorria tanto pelo “mimetismo inconsciente”, quanto por “obediência expressa” aos protocolos socialmente estabelecidos do período. O êxito dessa aprendizagem é garantido pela eficácia de ser apresentada a agente como algo essencial, “tácito”, ligado à legitimação de sua identidade. Também pela reafirmação da moral feminina, que se impõe através de normas que abarquem todas as partes do corpo, “[...] e que se faz lembrar e se exerce através da coação quanto aos trajes ou aos penteados.” (BOURDIEU, 2010, p.38).

Bourdieu trata a questão da “**dominação masculina**” principalmente a partir de uma perspectiva simbólica. Para ele, a dominação masculina seria uma forma particular de **violência simbólica**²⁴. O que ele denomina de “poder simbólico”. Por esse conceito, compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força.

²⁴ **Violência simbólica**: segundo Bourdieu, termo que explicaria a adesão dos dominados em um campo: trata-se da dominação consentida, pela aceitação das regras e crenças partilhadas como se fossem “naturais”, e da incapacidade crítica de reconhecer o caráter arbitrário de tais regras impostas pelas autoridades dominantes de um campo. <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/> acesso em 10 de março 2015.

O que o sociólogo quis dizer com isso, é justamente a manutenção de um poder que se mascara nas relações, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo.

5. Considerações finais

Essa incursão em campo, o olhar etnográfico “de dentro e de perto” mostrou a influência de agentes socializadores no campo da feira, causando transformações no *habitus* das mulheres camponesas. Observou-se nos depoimentos das pesquisadas que elas passam por transformações, “muito mudadas”, aprenderam a lidar com o dinheiro, construíram outros relacionamentos, são mais respeitadas no lar, o trabalho é reconhecido e valorizado inclusive na comunidade, aumentou o conhecimento e a troca de saberes, etc.

O *habitus* é, portanto, um sistema de disposições, tendências incorporadas pelos atores sociais decorrentes da especificidade do processo de socialização por eles percorrido, particularmente da sua inserção social mais objetiva em determinados campos (religioso, intelectual, científico etc.) que presidem às suas práticas sociais. Para Bourdieu, as disposições são estruturadas e estruturantes, já que elas são determinadas pelas condições sociais mais estruturais presentes no processo de socialização dos atores, e, ao mesmo tempo, concorrem para a determinação das práticas desses atores.

É importante sublinhar que a incorporação do *habitus* pelo agente se dá a partir de sua inserção e participação num dado campo, formado por agências sociais específicas daquele campo. No caso em tela, o campo da comercialização da agricultura familiar, a feira de produtos regionais. Alguns de seus agentes são as entidades organizadoras das feiras (ADS, SEPROR, OMS) o consumidor, etc., que pertencem a uma ou mais agências, como a as prefeituras locais, o estado, a universidade, etc.

Ou seja, considera-se as instâncias tradicionais da educação, - a família e a escola - e a mídia - esta última, agente específico da socialização no mundo contemporâneo -, instâncias socializadoras que coexistem numa relação tensa de *interdependência*. São instâncias que *configuram* uma forma permanente e dinâmica de relação. Não são estruturas reificadas ou metafísicas que existem acima e por

cima dos indivíduos (Elias, 1970 apud Setton 2002). São, antes de tudo, instituições constituídas por sujeitos em intensa e contínua interdependência entre si e, portanto, não podem ser vistas como estruturas que pressionam umas às outras, mas instâncias constituídas por indivíduos que se pressionam reciprocamente na dinâmica simbólica da socialização (SETTON, 2002).

Fazendo a leitura de Gidens (1994) e Seton (2002), quando interpreta a teoria prática de Bourdieu, entende-se a coexistência de distintas e interdependentes instâncias de socialização, criando um campo híbrido e diversificado de referências e padrões identitários, caracterizando a socialização da modernidade com base em múltiplos modelos de referência.

Nesse contexto, é possível identificar a tendência de forjar um outro *habitus*, é possível pensar na construção de um novo agente social portador de um *habitus* transformado pelas pressões da vida urbana. No caso específico das mulheres da feira socializadas pelo novo meio envolvente, a realidade da cultura urbana parece ser inevitável.

Na tentativa de interpretar Bourdieu e na releitura de Seton (2002), neste estudo, considera-se que esta matriz cultural, particularidade vivida e experimentada pelo agente social da feira, pode forjar um novo *habitus*: *habitus* compreendido como um sistema flexível de disposição, não apenas visto como a sedimentação de um passado incorporado em instituições sociais tradicionais, mas um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; *habitus* como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; *habitus* visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação. Possível ainda, a criação de uma nova categoria social “mulher, agricultora familiar, feirante”.

6. Referências

BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **A dominação masculina revisitada**. In: LINS, Daniel. *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O Desencantamento do mundo**. São Paulo. Perspectiva. 1979.

CASTRO, Albejamere Pereira; *et al.* **Relações de Gênero e os Meios de Produção na Sustentabilidade das Comunidades Amazônicas**. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. *Agroecologia extensão Rural e Sustentabilidade na Amazônia*. EDUA. Cap. 5. 2008.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Homens anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablumme; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2011. 2ª Edição.

_____. **Comunidades Ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos Recursos naturais. Manaus. Reggo edições. 2011.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos. A noção de *habitus* em O desencantamento do mundo. **Somanlu**: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 7, n. 1, jan./jun. 2007. Manaus: Edua, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. trad. de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

RESCHILIAN, Paulo Romano. **A constituição do habitus na produção do habitat. Pós**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 18, p. 136-153, 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho Setton. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, nº 20, maio /jun/ Jul/ago, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso>.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, Florestas e Águas de Trabalho**. Manaus: Edua, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

TERMO DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo Sr. Dr. MIBERWAL FERREIRA JUCÁ
Diretor Presidente da ADS

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada 'FEIRA DE PRODUTOS REGIONAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO NO *HABITUS* DA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR FEIRANTE' a ser realizada nas Feiras do CIGS e CASSAM, pelo aluna de Mestrado ROSANE MARIZETI BRUM VARGAS, sob orientação do *Profa. Dra Therezinha De Jesus Pinto Fraxe*, com o(s) seguinte(s) objetivo(s): Analisar/descrever as mudanças ocorridas, na vida das mulheres agricultoras feirantes; caracterizar o contexto socioeconômico e ambiental, sugerir subsídios à formulação de políticas voltadas à mulher camponesa, necessitando portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no espaço das feiras organizadas pela ADS. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Manaus, 09 de outubro de 2014.



Rosane Marizeti Brum Vargas
Pesquisadora



Profª Drª Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Orientadora

Concordamos com a solicitação



MIBERWAL FERREIRA JUCÁ
Diretor Presidente
Agencia de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (ADS)

APÊNDICE 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa intitulada, “**Feiras de Produtos Regionais: uma mudança no *habitus da mulher agricultora familiar feirante***”, sob a responsabilidade do pesquisador ROSANE MARIZETI BRUM VARGAS, a qual pretende “Analisar as mudanças ocorridas, no *habitus*, na vida das mulheres agricultoras (camponesas) amazônicas que comercializam seus produtos nas feiras de produtos regionais”.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, formulários e fotografias, em locais, momentos e horário de sua livre escolha.

Os riscos físicos previsíveis de sua participação na pesquisa serão aqueles associados aos desconfortos causados pelo tempo dedicado em atenção aos momentos das entrevistas, visto que a atividade de feirante demanda envolvimento em boa parte da semana das feirantes. Quanto aos riscos psíquicos, sociais, culturais podem ocorrer constrangimentos pela exposição da imagem e de informações pessoais e por trazer à memória da entrevistada experiências ou situações vividas, uma vez que durante as entrevistas os sujeitos serão submetidos a um processo de estímulos recordatórios.

Para minimizar tais riscos, serão tomados os cuidados de não serem incluídas perguntas de cunho pessoal, assegurando-se o direito dos sujeitos de retirarem-se da pesquisa ou de não responderem a determinada pergunta. Além disso. Assegura-se também o anonimato dos entrevistados e a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para o estudo e gerar informações sobre o tema, irá enriquecer as informações sobre o assunto, tema pouco explorado, possibilitando a melhorias nas políticas públicas.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato **com a pesquisadora** no endereço: Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA-UFAM). Telefone para contato: (92) 8409-6510, (92) 3305-4068, e-mail: rosanebv.adv@gmail.com, Endereço: Avenida Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 campus universitário, bloco F setor sul. Coroadó, Cep: 69.077-000, Manaus – AM.

Com a pro^a Orientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe: Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA-UFAM). Telefone para contato: (92) 9173-1273, (92) 3305-4068, e-mail: tecafraxe@uol.com.br. Mesmo endereço acima, ou poderá entrar em contato com o

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495,
Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130. E-
mail: cep@ufam.edu.br - cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Infirmação

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE 03

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu,

autorizo a utilização da minha imagem (fotografia) e o som da minha voz (gravação), na qualidade de participante/entrevistado (a) no projeto de pesquisa intitulada, **FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO NO ‘HABITUS’ DA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR FEIRANTE**, de responsabilidade do pesquisadora **Rosane Marizeti Brum Vargas**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia - PPG/CASA.

Minha imagem e som de minha voz serão utilizados apenas na sua dissertação de mestrado. Fui informado (a) de que não haverá divulgação da minha imagem nem o som de minha voz por quaisquer meios de comunicação, sejam televisão, rádio ou internet, exceto no caso especificado. Também me foi esclarecido que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do pesquisador, que se compromete a guardá-los em segurança para que não sejam utilizados indevidamente.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins da pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som da minha voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Data: / /2014.

Pesquisadora:

Entrevistada:

APÊNDICE 04

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Nome: _____

Idade: _____ Profissão: _____

Local onde mora: _____

Local de origem: _____

Há quanto tempo trabalha na feira:

1) Como era a sua vida antes de trabalhar na Feiras? Conte a história.

2) Na sua ideia (percepção) o que mudou após a feira?

3) O que representa esta feira para o(a) Sr(a) e, para a sua família?

4) Qual o seu sentimento por este lugar da feira, antes e hoje?

5) Identifica algum problema que dificulte o trabalho na Feira? Quais São?

6) Qual o maior benefício desta feira para o(a) Sr(a)?

7) O que significa ser mulher na feira?

APÊNDICE 05: Formulário sócio econômico

FORMULÁRIO SOCIOECONÔMICO DE LEVANTAMENTO DO (A)S FEIRANTES DE PRODUTOS REGIONAIS

Entrevistadora; Rosane Marizeti Brum Vargas (Mestranda PPGCASA)

Entrevistado: _____ idade: _____ Contato: _____

Localidade: _____

* CAMPO ECONÔMICO

a) Feiras e agrocultivos

1. O (a) Sr(a) participa há quanto tempo da (s) Feira de produtos Regionais? Em quais feiras?

() CASSAM () CIGS () Cidade Nova () Feira da PM Outra(s): _____

2. Atividade produtiva

2.1. Posição na ocupação e ramos de atividade no trabalho principal:

Trabalhador doméstico: () Carteira de trabalho assinada () Não assinada Empregado: () Carteira de trabalho assinada () Não

assinada () Empregador () Por conta-própria (autônomo) () Faz bico (informal) () aposentado/pensionista

Outra () especificar: _____

Há quanto tempo? _____

3. Produtos agrícolas produzidos/comercializados (ultima safra)

Nº	Espécies utilizadas	Produção – Ano/safra	unidade Preço	Finalidade (consumo/Venda)	Onde é vendido	Quem compra	Utiliza adubo/ defensivos?	produto dá maior lucro	O que mais vende
Ex.	Mandioca	4 sacos/2012	60kg/\$40,00						
01									
02									
03									
04									
05									
06									

4. Como ocorrem os seus plantios (em qual subsistema)?

1 – () roça. 2 – () quintal. 3 – () floresta primária. 4 – () capoeira. 5 – () outro

4.1. Tipo de área plantada e qual o tamanho total da área utilizada? _____

() Várzea () Terra firme

5. Criação animal

	Galinha	Pato	Suíno	Boi	Búfalo	Abelhas	Outros
Plantel (Qtd)							
Consumo/venda							
Valor/unid (kg., .)							
Quem compra							
Local de venda							

6. Extrativismo Florestal: Quais os produtos tirados da floresta?

Produtos	*uso	Finalidade Cons. / Venda	Quantidade	Período Seca/cheia	Comprador

*1 – lenhas. 2 – cascas. 3 – sementes. 4 – folhas. 5 – óleos. 6 – raízes. 7 – seivas. 8 – frutos. 9 – outros.

7. Extrativismo animal

7.1 O senhor (a) ou alguém de sua casa pratica a pesca? () não () sim

7.2. Que tipo de peixe pesca?

Espécies	Época de pesca		Ambiente da pesca*	Apetrecho	Finalidade		Local de venda
	Cheia	seca			Cons.	venda	

*1 - lago. 2 – igarapé. 3 – paraná. 4 – rio. 5 – restinga. 6 – poço. 7 – igapo. 8 – outro

7.3. O (a) senhor (a) usa caa na alimentação? () não () sim

7.4. Quais animais que caa?

Espécie capturada	Época		Quantidade	Arma usada	Finalidade		Local de venda	Comprador
	Cheia	seca			Cons.	venda		

b) Comercialização

8. Comercialização dos produtos

8.1. A quem são vendidos os produtos?

() Regatão/recreio () Marreteiro () Feirante () Consumidor () patrão () outros. Quem? _____

8.2. Como ocorre o pagamento?

() à vista (dinheiro) () à prazo () troca () outros . Qual? _____

8.3 Onde são vendidos os produtos?

() propriedade () localidade (comunidade) () sede do município () Manaus (Feira)

8.4. Quais são as dificuldades no processo de comercialização na Feira de produtos regionais?

() Transporte () carregador () custo com embalagens () distancia do local da feira/propriedade () alojamento () Outros.

Quais: _____

8.5. Comercializa somente a sua produção? () sim () não. Se NÃO. De quem?

8.6. Tem dificuldade em armazenar seus produtos durante os dias de feira? () sim () não. Por quê?

8.7. Formas de apoio que existem na feira?

() barraca () alojamento () transporte do feirante () transporte dos produtos () local cedido () outros. Quais?

8.8 O que poderia melhorar no sistema de comercialização na feira?

c) Renda familiar

9. RENDA

9.1. Quais as principais fontes de renda mensal de sua família?

() benefício social () empregado () vendas na feira () Diárias/bico () barranqueiro () piloto/catraieiro () mateiro () turismo () estaleiro () artesanato. () outro _____

9.1.2 SE recebe benefício social, qual? () bolsa família, () bolsa verde () auxílio doença () pensão () bolsa escola () aposentadoria outro: _____

9.2. Qual a renda média mensal/anual?

() Pesca - renda anual: R\$ _____

() Caça - renda anual: R\$ _____

() Criação - renda anual: R\$ _____

() Agricultura - renda anual: R\$ _____

() Benefícios sociais anual: R\$ _____

() outro _____

9.3. Considera sua renda suficiente? () sim () não. Por quê? _____

9.4 Como é a renda da feira? ()M. boa () boa () razoável () ruim. Por quê? _____

9.4.1. Qual é a média de valor que arrecada por feira?

9.5. E qual a melhor época de vendas (meses)? _____

9.6. Como o senhor (a) acha que poderia melhorar a sua renda e as condições de vida de sua família com as atividades que exerce?

*CAMPO SOCIAL

a) Mobilidade e Moradia

1. Mora na comunidade há: _____ Último local que morou: _____

Número de pessoas que moram na casa: _____ Se não morava na comunidade por que foi morar?

2. **Tipologia Familiar:** () nuclear () monoparental () rearranjada () ampliada () intergeracional () homoafetiva () homoparental

3. **Habitação:** A casa onde mora é própria? Sim () Não ()

Se não: () alugada () cedida () outro: _____

3.1. – Quantos cômodos tem a casa? _____

3.2. – Estrutura da casa: () alvenaria () madeira () paxiúba () taipa () mista () outra:

3.3.– Cobertura da casa: () telha de barro () telha de amianto () palha () alumínio () zinco () cavaco ()

3.4– Base da casa: () flutuante () palafita () terra firme () outra: _____

3.5 – Quais eletrodomésticos possui? () TV () rádio () aparelho de som () refrigerador () fogão a gás () antena parabólica

3.5.1.. - A sua comunidade é abastecida por energia elétrica? () sim () não

Habitação /sazonalidade

3.6 – Em algum época do ano é preciso mudar de casa, para outro terreno ou localidade? ()sim () Não.

3.6.1 Se SIM. Em que época? ()enchente ()vazante ()cheia () seca

3.6.2 Por que motivo/necessidade? () terreno para plantar () casa alagada () pasto para gado ()difícil acesso ()falta de alimento ()outros _____

b) Situação fundiária

4.: É proprietário da terra que ocupa e cultiva? () sim () não. Se não: () posseiro () arrendatário () outros. _____

c) Força de trabalho familiar:

5. Quem ajuda nas atividades familiares?

() esposo (a) () filhos () netos () sobrinhos () vizinhos () outros parentes () ninguém () agregado

5.1 Atividades desempenhadas (produção /trabalho domestico)

Sexo	Nome	Parentesco*	➤ 10 anos	< 10 anos	atividade
Masculino					
feminino					

1- esposo(a) 2-filho(a) 3- neto 4-sobrinho 5- parentes 6- vizinhos 7-agregado

d) Saúde

6. Existe posto ou agente de saúde próximo de sua casa? () sim () não. Qual? _____

6.1 Em caso de doença a que serviço recorre?

Posto de saúde() Hospital público() Médico de plano de saúde() Farmácia() Outros()
especificar:_____

6.2 Como são tratadas as doenças?

()remédio caseiro* ()remédio com orientação médica ()remédio sem orientação médica () outros:

6.3 O Sr (a) ou Alguém na sua casa toma remédio todo dia ou faz tratamento?

() não () sim. Para que doença? _____

e) Escolaridade

7. Qual sua escolaridade? () Não alfabetizado ()alfabetizado () 1ª a 5ª série ()6ª a 8ª série ()Ensino médio incompleto
()ensino médio completo () Outros_____

f) Estado Civil:

8. () Casada () união estável () solteira

ANEXOS

Anexo I: Calendário da Feira da Aeronáutica (CASSAM). 2013



FEIRA DA ECONOMIA FEMINISTA E SOLIDÁRIA DE PRODUTOS REGIONAIS AERONÁUTICA

BASE AÉREA DE MANAUS | CASSAM



AMAZONAS GOVERNO DO ESTADO

CALENDÁRIO 2013

JANEIRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 01 - Condição de Trabalho	FEVEREIRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 21 - Carnaval	MARÇO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 24 - 31	ABRIL D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 06 - Carnaval 21 - Trânsitos
MAIO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 01 - Dia do Trabalhador	JUNHO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 07 - Corpus Christi	JULHO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	AGOSTO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
SETEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 07 - Independência do Brasil	OUTUBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 12 - Nossa Sr. Aparecida	NOVEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 02 - Finados 15 - Proclamação da República	DEZEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 25 - Natal

Feira na Base Aérea de Manaus/Cassam



Av. Getúlio Vargas, 1127 - Centro - Manaus - AM
 02 4009.8400 4009.8401 Fax: 02 4009.8403
www.ads.am.gov.br

Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Anexo II: Calendário Feira do CIGS. 2013



FEIRA DE PRODUTOS REGIONAIS CIGS

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA



AMAZONAS GOVERNO DO ESTADO

CALENDÁRIO 2013

JANEIRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 01 - Condição de Trabalho	FEVEREIRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 21 - Carnaval	MARÇO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 24 - 31	ABRIL D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 06 - Carnaval 21 - Trânsitos
MAIO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 01 - Dia do Trabalhador	JUNHO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 07 - Corpus Christi	JULHO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	AGOSTO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
SETEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 07 - Independência do Brasil	OUTUBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 12 - Nossa Sr. Aparecida	NOVEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 02 - Finados 15 - Proclamação da República	DEZEMBRO D S T Q O S S 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 25 - Natal

Feira no CIGS



Av. Getúlio Vargas, 1127 - Centro - Manaus - AM
 02 4009.8400 4009.8401 Fax: 02 4009.8403
www.ads.am.gov.br

Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável



Anexo III: Imagens do cotidiano das mulheres feirantes: moradia, na feira, com a família, etc. 2014. Manaus/AM. 2014. Fonte



Anexo IV: Imagens do plantio de hortaliças nas propriedades das mulheres agricultoras feirantes. Amazonas. 2014. Fonte: Rosane B. V.



Anexo V: Imagens das feirantes nas Feiras de Produtos Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2014. Fonte: Rosane B. V.



Anexo VI : Imagens das feirantes nas Feiras de Produtos Regionais do CIGS e CASSAM. Manaus/AM. 2014. Fonte: Rosane B. V.